



UCSAL
**UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DO SALVADOR**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

JEANE DA SILVA RAMOS

**QUANDO AS “VOZES” SE TORNAM VISÍVEIS: O PANORAMA DE
VIDA DE PESSOAS IDOSAS EM COMUNIDADES CIGANAS**

SALVADOR

2021

JEANE DA SILVA RAMOS

**QUANDO AS “VOZES” SE TORNAM VISÍVEIS: O PANORAMA DE
VIDA DE PESSOAS IDOSAS EM COMUNIDADES CIGANAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti.

SALVADOR

2021

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

R175 Ramos, Jeane da Silva

Quando as “vozes” se tornam visíveis: o panorama de vida de pessoas idosas em comunidades ciganas / Jeane da Silva Ramos . – Salvador, 2021.

160 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Profª. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti.

1. Pessoas Idosas 2. Ciganos 3. Identidades 4. Histórias de Vida 5. Intergeneracionalidade I. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. II. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon – Orientadora III. Título.

CDU 316.356.2-053.9(=214.58)

TERMO DE APROVAÇÃO

JEANE DA SILVA RAMOS

“QUANDO AS VOZES SE TORNAM VISÍVEIS: O PANORAMA DE VIDA DE PESSOAS IDOSAS EM COMUNIDADES CIGANAS.”

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 22 de fevereiro de 2021.

Banca Examinadora:



Prof.^a Doutora Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Orientador(a) – UCSAL



Prof.^a Doutora Maria Isabel Correia Dias - UPORTO



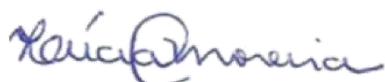
Prof.^a Doutora Samira Safadi Bastos – UFBA



Prof.^a Doutora Sheila Marta Carregosa Rocha - UNEB



Prof.^a Doutora Maria de Fátima Pessôa Lepikson – UCSAL



Prof.^a Doutora Lúcia Vaz de Campos Moreira - UCSAL

A todos os sujeitos sociais que, na condição de pessoa, enxergam as relações humanas sobre “os ombros de outrem”, optando por não olharem para além do que está próximo, visando apenas ao “*pseudo-conforto*” dos ombros nos quais estão apoiados. Mesmo na limitação das ideias, o meu desejo é de que expandam essa visão para que possam ir além.

Sem dúvida, são os “sapatos que hoje calço”, por estar neste círculo; por tentar trilhar outros caminhos, enxergando por outros ângulos.

Pelos ciganos mais velhos, pelas minorias étnicas,
por todo este povo e por nós, povo brasileiro.

AGRADECIMENTOS

“Começar de novo, e contar comigo, vai valer a pena ter amanhecido [...] ter virado a mesa, ter me conhecido.”
(IVAN LINS; VITOR MARTINS, 1979).

Muitas mudanças no caminho da construção, não só desta tese, mas do conhecimento no sentido geral, fez-se tornar o que é “não familiar” em familiar. Desafios foram (e são) muitos, mas como tudo passa e nos conduz à travessia para “outros mundos”, isso também passará, representando então o extremo eu. No caminhar da construção desta tese, fatos, feitos e pessoas foram essenciais para que conseguisse ultrapassar, muitas vezes, o limite de minha força humana, com tantas provações, mas, mesmo assim, continuando essa jornada.

Algumas pessoas foram e são extremamente importantes nesta viagem. Em primeiro momento, não poderia deixar de agradecer à minha avó, mãe de meu pai, Dona Nilce Ramos (*in memoriam*) mulher cigana *Rom – Sinti* e praticante dos costumes desse povo. Com sua sabedoria, convidou-me a adentrar, ainda tão jovem, neste universo, desafiando outros membros da família que negam suas origens, assim como neguei um dia, pois o preconceito e a discriminação causam muitos danos, inclusive psicológico. Sempre me dizia, quando criança, para me preparar para adversidades da vida. Não sei se estou preparada, mas cada vez procuro ser mais forte. Acredito que, onde ela estiver, estará olhando por mim, conduzindo para que eu possa sempre “*smile for life*”, principalmente durante as minhas crises existenciais, inclusive ao pisar em campos epistemológicos não tão simples, para mim, quanto estudar políticas de proteção social a pessoas idosas (o familiar), sem destacar questões de preconceitos nem discriminações de natureza étnica (o não familiar, em termos), saindo então de uma “possível” zona de conforto.

Jamais poderia deixar de agradecer, como prioridade, à minha orientadora, Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, discordando com ela a questão de ser sua “desorientanda”, pois, desde o início dessa jornada, me guiou, me guia, me norteia, incentiva e acredita na minha capacidade e militância sobre a realidade em questão, ainda tão pouco estudada, pois estão atrás das cortinas do preconceito e da invisibilidade estratégica da sociedade.

Toda vez que pensei em desistir do doutoramento, pelas armadilhas da vida contemporânea e pelo medo do desconhecido, mesmo sabendo que é um fato passar por algumas situações, sempre me empurra para realidade outra vez, finalizando com a seguinte frase: “Força menina, você consegue!” Automaticamente entendo que, pessoas como você, são peças raras, mas nunca de museus; são seres que a humanidade necessita – eu sou humana!

Não poderia deixar de destacar o meu apreço e agradecimento à coordenadora deste curso, Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira, por me impulsionar a continuar minha jornada acadêmica, fazendo o que está ao seu alcance para que não desista, meus sinceros agradecimentos. Tive a honra de tê-la como professora durante o Mestrado do mesmo Programa de Pós-Graduação, em Família na Sociedade Contemporânea, com grande legado de aprendizado.

Agradeço ao meu amigo Diego Souza (*in memoriam*), pela sua breve passagem aqui na terra. Parecia amar tanto a vida, me impulsionando e dizendo para nunca desistir de meus sonhos e planos, trazendo consolo em momentos difíceis de serem atravessados, não suportou a pressão da vida e acabou decidindo por ceifá-la. Você estará sempre vivo em meu coração.

Aos meus grandes amigos, de longas conversas sobre o cotidiano, na ótica de importantes pensadores como Beauvoir, Bourdieu, Butler, Levinas, Marx, Sousa Santos, dentre outros; aos encontros com cervejas, vinhos e outras alegrias, em locais públicos e/ou em minha residência, ao som que passeava por Chico Buarque e Beatles; conversas para rir, chorar, filosofar e nos indignar diante do atual cenário político e atualmente sanitário do país e do mundo, amizades que fiz no doutoramento e que serão para toda a vida, são eles: Elmar Abreu (guerreiro) e Lívia Lisboa (guerreira que, por sua vez, alçou outros voos, estando hoje em seu processo doutoral na Universidade de São Paulo – USP, profissional com futuro promissor e que estarei aqui para comemorar junto com ela todo sucesso merecido pela sua competência e acima de tudo, garra e coragem). Amizades de cumplicidade, carinho, de muitos pontos convergentes e divergentes também, mas que se fortalecem cada vez mais.

Ao meu amado esposo, companheiro e cúmplice, Erick, pelo carinho, amor e compreensão nos momentos em que estive ausente. Dedico a você todas as minhas grandes conquistas e desafios desde quando nossos caminhos se cruzaram, realizando o meu grande sonho de ser mãe da nossa pequena Clarice, a menina dos “olhos de oceano”, minha atual razão para viver e para lutar por um mundo mais justo

e igualitário; nome inspirado na escritora Clarice Lispector. Seus livros sempre serviram de base para mim, transformando meus momentos de solidão em solitude, “olho para a barata e a barata sou eu”, trecho do seu livro “A Paixão Segundo G.H.” (1964) que marcou minha vida. Meu âmago conhece bem e sabe o que quero dizer.

Meu amado esposo (mais uma vez), mesmo correndo todos os riscos de ser contaminado pela Covid-19, a qual fui acometida e passei momentos difíceis (dolorosos e estranhos) em que minha fé foi posta à prova em abril e junho de 2020, não me deixou sozinha um segundo, contrariando as recomendações de distanciamento que os médicos frisaram bastante; sem você não sei o que seria de mim, principalmente com essa doença tão estranha e que deixa o ser humano extremamente vulnerável em sua condição; o medo da morte se tornou um fato. Eu, simplesmente, te amo!

A minha amada tia Ana Lúcia (*in memoriam*), minha primeira mentora, sempre acreditou na minha capacidade. Queria tanto viver este momento contigo, afinal, “*titia me apresentou Machado de Assis e Graciliano Ramos*” aos 12 anos de idade, o que me incentivou, mais tarde, a cursar a Faculdade de Letras na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), porém não concluída. Viverá sempre em meu coração e sei que estará vibrando por mim, onde estiver. No dia 7 de maio de 2020, seus 26 anos de luta (a qual acompanhei de perto) chegaram ao fim. A AIDS (a maldita como ela dizia, parafraseando Cazuza) a venceu.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea e aos funcionários da Universidade Católica do Salvador, muito obrigada por contribuir na construção do meu conhecimento.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa, possibilitando assim que continuasse o processo doutoral.

Aos colegas que me acompanham desde o início dessa jornada acadêmica.

Aos meus pais, Oracílio e Cristina, por serem pais e me ensinarem a ser forte.

A Deus, por ser minha força.

À Nossa Senhora Aparecida, tão adorada por grande parte dos ciganos brasileiros e à Santa Sara Kali (padroeira dos ciganos). A fé não é cega, mas a faca, muitas vezes é amolada.

Aos que não acreditaram em mim, partindo do discurso de que Assistentes Sociais não chegam “tão longe”, estou para defender a categoria a qual represento e respeito. Se for fazer uma relação de profissionais da área que são referências e que chegaram a importantes lugares, daria uma tese de doutorado, sem sombra de dúvida.

Às integrantes da banca que aceitaram se debruçar nos estudos sobre pessoas idosas de etnia cigana; darei o meu máximo para atender às expectativas, assim como aprender com seus conhecimentos e experiências, destacando as Assistentes Sociais, profas. Dras.: Maria de Fátima Lepkison e Samira Safadi, militantes e atuantes no processo de legitimação da nossa profissão; agradeço imensamente por me fazer continuar acreditando nos espaços institucionais em que o Serviço Social, como profissão regulamentada ocupa, mesmo diante de tantos desafios do “Saber profissional e poder institucional”, como preconiza Faleiros (2011), título de sua grande obra em matéria do Serviço Social.

Aos ciganos ladrões, assassinos, bandoleiros, aproveitadores, mentirosos, feiticeiros e enganadores da “fé alheia”, minha estima, pois me incentivaram a iniciar estudos para desmistificar tais denominações estereotipadas tão excludentes e discriminatórias, escopo da fragilidade das relações humanas no contexto social contemporâneo, como frisa Bauman e da dominação do “*homem sobre o homem*” como diz Bourdieu, inspirado na Dialética Marxista.

Aos ciganos das etnias *Calon* e *Sinti*, da comunidade situada em Penedo, Estado de Alagoas que, mesmo com a pandemia da Covid-19 a qual causou uma grande crise sanitária (e também socio estrutural), ainda com as regras de distanciamento social e as respeitando, aceitaram responder ao questionário de pesquisa por plataforma de comunicação, que deu “voz e vida” tanto à tese quanto a eles.

À sabedoria dos mais velhos.

Às vozes, muitas vezes, invisíveis do povo cigano.

Às minhas ideologias, que sempre me acompanham, mesmo diante de “*tempo de divisa, tempo de gente cortada*”, como diz o poeta Carlos Drummond Andrade.

Não podemos negar que estamos cheios de incertezas – a sociedade está doente e precisa ser tratada.

As três palavras que deu sentido a este estudo: diversidade, igualdade e respeito.

A tudo e a todos que nos cercam.

A mim, enquanto pessoa que hoje, aceito e referencio meu pertencimento e identidade.

Ao movimento das relações sociais que jamais para.

À nação brasileira, tão diversa e encantadora, porém, excludente em vários segmentos sociais.

Aos professores e pesquisadores que ainda acreditam que a educação tem poder de transformar vidas e assim, um país.

Aos 1,5 milhões de ciganos vítimas do holocausto na II Guerra Mundial (1939/1945), que deixou um legado na história da sociedade e, mesmo ainda primária, o interesse por parte de importantes pesquisadores sobre a história dessa etnia.

Aos que fazem a diferença no mundo, lutando para que haja justiça social.

Sem dúvida, agradeço!

Ode aos Ciganos

Povo de encanto. Povo, também, de muitos desencantos.

Povo de raça, canto, experiência de tantos quantos.

Povo que vive nos recantos.

Povo nobre, pobre, rico, solto, preso e extenso.

Povo que causa vislumbre, receio e espanto.

Etnia bela, de linha esquerda para a sociedade
em que são aprendizes e autores, coexistindo e tremulando.

O que os fizeram tão distante? A sociedade dominante?

Talvez, mas, jamais deixarão de ser

brilhantes dentro dessas ditas

relações sociais tão desconcertantes.

(Jeane da Silva Ramos)

PEDIDO SINGULAR

Prometa-me que, quando envelhecer, jamais pense em se perder no deserto das limitações, pois tais entraves são, muitas vezes, criados por nós.

Prometa-me que, quando envelhecer, nunca permita que as dores deste mundo interfiram em sua conduta moral, fragilizando suas relações com os outros.

Prometa-me que, quando envelhecer, jamais se vitimize ou julgue como se juiz fosse, viva como sempre viveu.

Prometa-me que, quando envelhecer, olhe-se no espelho e aceite o que está à frente dos teus olhos, seus traços envelhecidos representam a sua trajetória de vida, receba-os de braços abertos.

Prometa-me que, quando envelhecer, entenda que não há perfeição em ninguém, os defeitos não aumentaram ou diminuíram por causa da sua condição senil. A vida segue, siga em frente em sintonia com ela. Prometa-me que, quando envelhecer, compreenda seus familiares que vivem na ebulição condicionada pela vida pós-moderna, mas os nobres sentimentos estão aquecidos, não nessa fervura, mas sim no desejo de, um dia, proporcionar toda atenção que existe no mundo a você, por mais que muitas vezes, pareça ser uma utopia. Prometa-me que, quando envelhecer, espalhe lição de vida aos mais jovens, seja tolerante com eles. Um dia muitos jovens ficarão velhos, inclusive você.

Prometa-me que, quando envelhecer, entenda como uma etapa de vida, não de morte, e jamais desista de viver por estar nesta condição, viva os momentos. Sua gentileza por atender o meu pedido, me deixará confortável para quando também envelhecer, e sempre no meu percurso, estarei atenta às contradições desta etapa da vida.

(Jeane da Silva Ramos



“Simplesmente uma velha cigana”. Imagem retirada da internet (2019); exposição do I Congresso Internacional de Direito Público dos Direitos Humanos e Políticas de Igualdade, Estado de Alagoas, 2018. Referência feita (porém sem destaque) de uma “pseudovalorização” da sabedoria dos ciganos mais velhos dentro de sua dinâmica familiar.

Fonte: <http://www.diretoriocogressoal.com.br/php?> Acesso em: 14 nov. 2020.



Sobre contos e vidas – “geração de duas meninas da mesma família”, expressões de sua etnia e pertencimento ao longo do seu processo de construção de identidade. Avó e neta, efeitos de vida e para a vida; ciganas de raça e corpo. “A gente nunca pode negar o que se é, porque simplesmente é e nunca deixará de ser. O rio só corre para um lado, e este será sempre o nosso caminho” (palavras de Dona Nilce). Fotografias do acervo da família Ramos.



Ainda sobre contos e vidas – “geração de duas mulheres da mesma família”. A identidade de um povo. Retratos de sabedoria, respeito e valorização: do mais jovem ao mais velho. Avó e neta, efeitos de nomeação e identificação. Ciganas Rom – Sinti e brasileiras. Fotografias do acervo da família Ramos.

Hino Cigano – Djelem

Letra e Música: Zarko Janovic (Cigano – iugoslavo)

Ano: 1971

Djelem– Romani

Gelem, gelem, lungone dromensa
Maladilembakhtale
A Romale, katartumenaven,
E tsarensabakhtaledromensa?

A Romale, A Chavale

Sas vi manyekhbarifamilya,
Mundardayasla e KaliLegiya
Aven mansa salumnyakeRoma,
Kai putardile e Romanedroma
Akevriama, usti Rom akana, abriram.
Amenkhutasa misto kaikerasa

A Romale, A Chavale

PuterDevlaleparnevudara
Te shaidikhavkai si me manusha

Palekazhavlungonedromendar
Thai kaphiravbakhtale Romensa

A Romale, A ChavaleOh,

OpreRoma, si bakhtakana
Aven mansa as lumnyake

O kalo mui thai e kaleyakha
Kamavlensar e kaledrakha

A Romale, A Chavale

Gelem– Português (Tradução)

Caminhei, caminhei por longas estradas
Romensaconheci Rhomá felizes
Oh, Rhomá, de onde vocês vêm, com
barracas afortunadas pela estrada?

Oh, Rhomá, oh, jovens Rhomá!

Eu já tive uma grande família, mas a
Legião Negra os assassinou.
Venham comigo, Rhomá do mundo
todo. Para os Rhomá, as estradas se
Agora é hora, levantem-se
Rhomá, agora, vamos subir alto se
agirmos.

Oh, Rhomá, oh, jovens Rhomá!

Abertas, Deus, estão as portas brancas
Então eu posso ver onde está o meu povo.
Voltem para visitar as estradas
e caminhem com Rhomá Felizes.

Rhomá, oh, jovens Rhomá!

Levantem-se, Rhomá! Agora é hora.
Roma Venham comigo, Rhomá do mundo
todo

rostos escuros e olhos escuros
sejam como uvas escuras

Oh, Rhomá, oh, jovens Rhomá!

Letra retirada do livro: CAPELLA, M. **Romani Dromá. Caminhos ciganos.** Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2017.

RESUMO

RAMOS, J. S. **Quando as “vozes” se tornam visíveis:** o panorama de vida de pessoas idosas em comunidades ciganas. 2021. 160 f. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, BA, 2021.

No caminho para refletir sobre histórias de pessoas idosas ciganas e, conseqüentemente, as relações humanas, dentro da linha de pesquisa proposta a este estudo: Família em Mudança, além do entendimento das principais questões sobre o panorama de vida de idosos e relacionais (familiares), este estudo permite, através de investigações, analisar histórias de vidas e representatividades de duas famílias ciganas, 6 (seis) idosos e 6 (seis) jovens ciganos pertencentes às etnias *Calon* e *Sinti* (respectivamente), na comunidade territorializada no município de Penedo, Estado de Alagoas, Brasil. Foram analisados, de forma processual, aspectos individuais relações humanas, culturais, históricas, antropológicas e em problemáticas sociais. Como principal ensaio epistemológico, o conceito do Construtivismo Estruturalista do filósofo e sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983) ilustrou pontos de discussão da pesquisa que dialoga com a realidade vivenciada por eles, como produzem, criam legitimações e reproduzem a estrutura social a qual, muitas vezes, independe de sua vontade, mas sim de sua condição. A metodologia utilizada constituiu na pesquisa qualitativa, com base em questionário semiestruturado aplicado por plataformas de comunicação (devido ao isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 e dos recursos disponíveis na comunidade) aos pesquisados referenciando as narrativas geracionais (privilegiando pessoas acima de 60 anos) e intrafamiliares (composição de parentes de núcleos mais próximos). Foram abordados temas que subsidiaram o mapeamento e análise descritiva sobre a importância da visibilidade da cultura, identidades e relações sociais do povo cigano. Os resultados esperados, entretanto, implicam, em primeiro momento, na visão de que esses idosos possuem uma respeitabilidade entre eles, além de, também, fazer parte da construção e identidade da população brasileira. As experiências e condições de vida de pessoas idosas ciganas significam favorecer a “ecologia de saberes”, rompendo com identificações pejorativas e valorizando-os como sujeitos protagonistas de suas histórias, em que denominamos, neste estudo, de “vozes visíveis e nomeadas de um povo”. O cenário de vida e a valorização de pessoas idosas nas famílias ciganas, além de suas narrativas, são elementos que mostram as experiências relacionais ciganas e que, para eles, caracteriza “vida em comunidades” por acolher vários grupos dessa etnia.

Palavras-chave: Pessoas Idosas. Ciganos. Identidades. Histórias de Vida. Intergeneracionalidade.

ABSTRACT

RAMOS, J. S. **When voices become visible**: the panorama of life of elderly people in gypsy communities. 2021. 160 f. Tese (Doctorate in Family in Contemporary Society) - Catholic University of Salvador, BA, 2021.

On the way to reflect on the stories of gypsy elderly people and, consequently, human relationships, within the line of research proposed for this study: Changing family, in addition to understanding the main questions about the panorama of life of the elderly and relational (family members)), this study allows, through investigations, to analyze life histories and representativeness of two Roma families, 6 (six) elderly and 6 (six) young Roma belonging to the Calon and Sinti ethnic groups (respectively), in the territorialized community in the municipality of Penedo, State of Alagoas, Brazil. Individual aspects of human, cultural, historical, anthropological and social issues were analyzed in a procedural way. As the main epistemological essay, the concept of Structuralist Constructivism by the French philosopher and sociologist Pierre Bourdieu (1983) illustrated discussion points of the research that dialogues with the reality experienced by them, how they produce, create legitimations and reproduce the social structure which, many times, regardless of your will, but your condition. The methodology used consisted of qualitative research, based on a semi-structured questionnaire applied by communication platforms (due to the social isolation resulting from the Covid-19 pandemic and the resources available in the community) to those surveyed referencing generational narratives (privileging people over 60 years old) and intra-family (composition of relatives of closest nuclei). Topics that supported the mapping and descriptive analysis on the importance of the visibility of culture, identities and social relations of the Roma people were addressed. The expected results, however, implied, at first, the view that these elderly people have a respectability among them, in addition to also being part of the construction and identity of the Brazilian population. The experiences and living conditions of elderly Roma people mean favoring the “ecology of knowledge”, breaking with pejorative identifications and valuing them as protagonists in their stories, in what we call, in this study, “visible and named voices of a people”. The life scenario and the appreciation of elderly people in Roma families, in addition to their narratives, are elements that show Roma relational experiences and that, for them, characterize “life in communities” for welcoming various groups of this ethnic group.

Keywords: Elderly People. Gypsies. Identities. Life stories. Intergenerationality.

RESUMEN

RAMOS, J. S. **Cuando las voces se hacen visibles**: el panorama de la vida de las personas mayores en las comunidades gitanas. 2021. 163 f. Tesis (Doctorado en Familia en la Sociedad Contemporánea) – Universidad Católica del Salvador, BA, 2021.

En camino de reflexionar sobre las historias de los ancianos gitanos y, en consecuencia, las relaciones humanas, dentro de la línea de investigación propuesta para este estudio: Cambiando de Familia, además de comprender las principales interrogantes sobre el panorama de vida de los ancianos y relacionales (familiares)), este estudio permite, mediante investigaciones, analizar las historias de vida y la representatividad de dos familias gitanas, 6 (seis) ancianos y 6 (seis) jóvenes gitanos pertenecientes a las etnias Calon y Sinti (respectivamente), en la comunidad territorializada del municipio de Penedo, Estado de Alagoas, Brasil. Los aspectos individuales de las cuestiones humanas, culturales, históricas, antropológicas y sociales se analizaron de manera procedimental. Como ensayo epistemológico principal, el concepto de constructivismo estructuralista del filósofo y sociólogo francés Pierre Bourdieu (1983) ilustró puntos de discusión de la investigación que dialoga con la realidad vivida por ellos, cómo producen, crean legitimaciones y reproducen la estructura social que, muchas veces, sin importar tu voluntad, sino tu condición. La metodología utilizada consistió en una investigación cualitativa, basada en un cuestionario semiestructurado aplicado por plataformas de comunicación (por el aislamiento social derivado de la pandemia Covid-19 y los recursos disponibles en la comunidad) a los encuestados referenciando narrativas generacionales (privilegiando a las personas sobre 60 años) e intrafamiliar (composición de familiares de núcleos más cercanos). Se abordaron temas que apoyaron el mapeo y análisis descriptivo sobre la importancia de la visibilidad de la cultura, las identidades y las relaciones sociales del pueblo gitano. Los resultados esperados, sin embargo, implicaron, en un primer momento, la visión de que estos ancianos tienen una respetabilidad entre ellos, además de ser también parte de la construcción e identidad de la población brasileña. Las vivencias y condiciones de vida de los ancianos gitanos significa favorecer la “ecología del conocimiento”, romper con las identificaciones peyorativas y valorarlos como protagonistas de sus historias, en lo que llamamos, en este estudio, “voces visibles y nombradas de un pueblo”. El escenario de vida y la valoración de las personas mayores en las familias gitanas, además de sus narrativas, son elementos que muestran las vivencias relacionales gitanas y que, para ellos, caracterizan la “vida en comunidades” para acoger a diversos grupos de esta etnia.

Palabras clave: Personas Mayores. Gitanos. Identidades. Historias de vida. Intergeneracionalidad.

RELUA

RAMOS, J. S. Când ești vizibil: panorama vieții celor mai mari oameni din comunitățile de țigani 2021. 163 f. Tese (Doctorat de familie în societatea contemporana) Universitatea Catolică din Salvador, BA, 2021.

Pe drumul de a reflecta asupra poveștilor persoanelor vârstnice țigănești și, în consecință, asupra relațiilor umane, în cadrul liniei de cercetare propuse pentru acest studiu: Familia în științele sociale, pe lângă înțelegerea principalelor întrebări despre panorama vieții bătrânilor și relațional (membrii familiei)), acest studiu permite, prin investigații, să analizeze istoriile de viață și reprezentativitatea a două familii de romi, 6 (șase) vârstnici și 6 (șase) tineri romi aparținând grupurilor etnice Calon și respectiv Sinti (respectiv), în comunitatea teritorializată din municipiul Penedo, statul Alagoas, Brazilia. Aspectele individuale ale problemelor umane, culturale, istorice, antropologice și sociale au fost analizate într-un mod procedural. Ca principal eseu epistemologic, conceptul de constructivism structuralist al filosofului și sociologului francez Pierre Bourdieu (1983) a ilustrat punctele de discuție ale cercetării care dialogează cu realitatea trăită de aceștia, modul în care produc, creează legitimități și reproduc structura socială care, de multe ori, indiferent de voința ta, ci de starea ta. Metodologia utilizată a constat în cercetări calitative, bazate pe un chestionar semi-structurat aplicat de platformele de comunicare (datorită izolării sociale rezultate din pandemia Covid-19 și a resurselor disponibile în comunitate) celor chestionați referindu-se la narațiuni generaționale (privilegierea oamenilor asupra 60 de ani)) și intra-familial (compoziția rudelor celor mai apropiați nuclei). Au fost abordate subiecte care au susținut cartografierea și analiza descriptivă a importanței vizibilității culturii, identităților și relațiilor sociale ale romilor. Rezultatele așteptate, totuși, au implicat, la început, opinia că acești vârstnici au o respectabilitate între ei, pe lângă faptul că fac parte, de asemenea, din construcția și identitatea populației braziliene. Experiențele și condițiile de viață ale romilor în vârstă înseamnă favorizarea „ecologiei cunoașterii”, ruperea cu identificările peiorative și valorizarea lor ca protagoniști în poveștile lor, în ceea ce numim, în acest studiu, „vocile vizibile și numite ale unui popor”. Scenariul de viață și aprecierea persoanelor în vârstă din familiile de romi, pe lângă narațiunile lor, sunt elemente care arată experiențe relaționale ale romilor și care, pentru ei, caracterizează „viața în comunități” pentru primirea diferitelor grupuri ale acestui grup etnic.¹

Cuvinte cheie: Ancianos. Țigani. Identități. Povești de viață. Intergeneraționalitate.

¹ Texto traduzido do Português (Brasil) para o Romeno. Atualmente, língua falada por alguns ciganos, destacando os *Sinti e Kalderash*. Embora não seja o dialeto oficial dessa etnia, aproxima-se do Romani, língua falada pela maioria dos ciganos pelo mundo, independentemente do grupo que pertencem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Construção teórica da pesquisa e seus pontos de discussão	Erro!
Indicador não definido.	
Figura 2 – Sobre a realidade e imposição sobreposta aos ciganos	49
Figura 3 – Estruturas materiais e os contrastes sociais.	51
Figura 4 – Questão social, teoria de Bourdieu e recorte étnico.....	55
Figura 5 – Triângulo de Identificação durante Segunda Guerra Mundial (1939/1945).....	76
Figura 6 – Cigana – Sinti com seu filho sendo conduzida ao campo de concentração em Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial.	76
Figura 7 – Principais denominações atribuídas aos ciganos.....	80
Figura 8 – Sistematização do Ciclo de Convívio Social e Familiar.....	87
Figura 9 – Distribuição de acampamentos ciganos no Brasil	91
Figura 10 – Idosa cigana Calon – Sra. Maria Gomes Caldera, 100 anos	92
Figura 11 – Perguntas norteadoras da pesquisa.....	101
Figura 12 – Bandeira Cigana Romani	109
Figura 13 – Sem legenda, sem pontuações. Apenas reflexão.....	137

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Identificação por idade – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos.....	113
Tabela 2 – Identificação por grau de escolaridade – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos.....	113
Tabela 3 – Identificação por estado civil – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos.....	114
Tabela 4 – Identificação por religião – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos.....	114
Tabela 5 – Identificação por filhos – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos.....	115
Tabela 6 – Renda Familiar – masculino e feminino /jovens e idosos ciganos.....	113
Tabela 7 – Com quem vivem atualmente – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos.....	116

LISTA DE SIGLAS

BPC	Benefício de Prestação Continuada
CAS	Comissão de Assuntos Sociais
CDH	Comissão de Direitos Humanos
CE	Comitê de Ética
CNPIR	Conselho Nacional de Promoção e Igualdade Racial
CNPCT	Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais
FCP	Fundação Cultural Palmares
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNP/CIGANOS	Plano de Políticas Para Povos Ciganos
SEPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção e Igualdade Racial
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica do Salvador

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	23
1 INTRODUÇÃO	32
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA	46
2.1 A CARAVANA SEGUE E DEMANDA PASSAGEM: SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS E IDEAÇÕES CIGANAS	46
2.2 “CARRUAGEM CONDUZIDA POR PIERRE BOURDIEU” – DO DISCURSO CONCEITUAL DO CONSTRUTIVISMO ESTRUTURALISTA À QUESTÃO SOCIAL COM RECORTE ÉTNICO	49
2.2.1 Poder estrutural I: O conceito de “campo” dentro da realidade étnica ou simplesmente fator simbólico	56
2.2.2 Poder estrutural II: O “habitus”, os aspectos do movimento social e as representações	57
2.2.3 Poder estrutural III: Os agentes sociais dentro das condições e questões do “capital”	59
2.3 “MÃOS QUE OFERECEM MÃOS QUE RETIRAM”: BREVE DISCURSO DA (DES) ORDEM DOS DIREITOS HUMANOS	61
3 ENTRE “VELHOS” CÍRCULOS CIGANOS: MOVIMENTO EPISTEMOLÓGICO E SOCIAL	65
3.1 APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO COM A HISTÓRIA E PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE	71
3.2 A RESISTÊNCIA DA CULTURA E TRADIÇÃO EM TEMPO DE DIVISAS	78
3.3 OS “RHOMÁ” MAIS VELHOS E A FAMÍLIA. RELAÇÃO PARA ANÁLISE	87
3.4 SOBRE TERRAS BRASILEIRAS: PESSOAS IDOSAS CIGANAS E AS POLÍTICAS SOCIAIS	92
4 PERCURSO METODOLÓGICO	100
4.1 CONTEXTO DA PESQUISA E COLETA DE DADOS	104
4.2 QUANDO ESSAS VOZES SE TORNARAM VISÍVEIS	108
4.3 VIDAS, CORES E VOZES: A CAMINHADA CIGANA	110
4.3.1 Levantamento de dados, perfil sociodemográfico	110
4.4 AZUL: “O CÉU É MEU TETO”	114
4.4.1 Margarida	114
4.4.2 Girassol	116

4.4.3 Hortênsia	Erro! Indicador não definido.
4.4.4 Antúrio	120
4.5 VERDE: “A TERRA MINHA PÁTRIA”	121
4.5.1 Frésia	121
4.5.2 Íris	123
4.5.3 Palma	125
4.5.4 Rosa	126
4.6 VERMELHO: “A LIBERDADE MINHA RELIGIÃO”	Erro! Indicador não definido.
4.6.1 Begônia	127
4.6.2 Camélia	129
4.6.3 Lótus	130
4.6.4 Alisso	132
5 DESAFIOS E PARTICULARIDADES DA PESQUISA	135
6. CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	146
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	150
APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DE ANTIPLÁGIO	153
APÊNDICE D – DECLARAÇÃO PSICÓLOGO	154
ANEXO A	155
CRÉDITOS DA AUTORA	160

APRESENTAÇÃO

Envelhecer é um processo que não se cinge apenas às idades mais avançadas. Nem é algo que ocorre de repente. As mudanças vão acontecendo na trajetória da vida, nos corpos, nas vivências, nos sentimentos e avaliações sociais e começam a se firmar numa etapa que se convencionou chamar de maturidade. Que, contraditoriamente, tem um sentido social de plenitude, mas por outro lado, também já de ocaso. Envelhecer seria a continuidade desse processo. Que é, nas múltiplas experiências humanas, saberes e convívios, diferente para cada pessoa humana, segundo suas trajetórias de gênero, de classe social e étnico-raciais, de territórios, além dos contextos familiares e de tantas outras condições sociais. (BRITTO DA MOTTA; DELGADO; CAVALCANTI, 2018, p. 1).

Antes de mais nada, é importante pontuar que, apresentar este estudo, caracterizou (ou caracteriza) um chamado inicial para reflexões sobre etnias e relações sociais. Não se pode deixar de frisar que, essa tese sobre pessoas idosas, em sua visão panorâmica de comunidades ciganas, assim como outras questões deste povo que aqui estão, foi escrita, pesquisada e estudada por uma mulher cigana da etnia *Sinti*. No decorrer deste estudo, haverá um entendimento sobre a referida afirmativa, assim como o título dessa tese: Quando as “vozes” se tornam visíveis: o panorama de vida de pessoas idosas em comunidade ciganas, a qual possui uma amplitude estratégica, para dar uma liberdade maior à escrita e também às histórias dos sujeitos pesquisados, os quais entendem que, quando se tem mais de um grupo da etnia cigana, interpretam como “comunidades”, mesmo estando no mesmo espaço.

O convite à leitura e à reflexão sobre o processo biográfico de ciganos mais velhos (e dos ciganos, em geral), mostrando seus delineamentos identitários e seus efeitos de nomeações, está feito. Nas próximas linhas e páginas, teremos a oportunidade de compartilhar e analisar aspectos históricos e sociais desse povo. A cultura e tradição cigana, desde tempos “imemorais”, estão assentes em pilares fundamentais, todos vinculados e preservados - especialmente através da oralidade, quais sejam: o casamento, o luto e os papéis definidos entre homens e mulheres e as chamadas "leis de apaziguamento".

Este último, por sua vez, muito praticado pelos ciganos mais velhos. Histórias e estereótipos, além das representações já assinaladas no senso comum trazem a ideia de que pertencem a um grupo de *outsiders* (BECKER, 2016), aqueles que circunscrevem o desvio.

Cumpra ver o desvio, e os *outsiders* que personificam a concepção abstrata, como uma consequência de um processo de interação entre pessoas, algumas das quais, a serviço de seus próprios interesses, fazem e impõem regras que apanham outras – que, a serviço de seus próprios interesses, cometeram atos rotulados de desviantes" (BECKER, 2016, p. 168).

Entre as normas, as leis e o senso comum se produzem e se estabelecem relações sociais, comunitárias, étnicas, que constituem e são constituídas por elementos identitários distintos. Deste modo, o plano mais panorâmico deste projeto de investigação doutoral se matiza, justamente, em abordagem interdisciplinar, valorizando embasamentos teóricos, complexidade das relações sejam sociais, familiares e individuais, experiências vividas e narradas, além de epistemologias que cruzam as fronteiras da descrição a partir do hegemônico. São outros saberes, vivências e relações de identidade, de alteridade e assentadas em outras “expressões de humanidade” (MENESES, 2009).

Em tempos de exclusão social, violação de direitos e conflitos étnicos, como abordar registro (memorialístico intergeracional, comunitário e individual) e reconhecimento de um grupo étnico específico, pautado em histórias de vida de pessoas idosas e identificados como de origem cigana?

De que maneira podemos levantar discussões sobre um determinado grupo étnico (tão invisibilizado e marcados por estereótipias) que traz consigo processos históricos de preconceitos, rotulagens e estigmas tão profundos, vinculando com frequência a uma noção quase que “folclórica” e aproximada com o sincretismo religioso? Ao longo da história brasileira, em especial, se observam a discriminação e o afastamento, seja pelas formas de viver, agir e se relacionar, tidas como *insiders* e dentro de uma ótica da sociedade não cigana.

Encontraríamos pessoas ciganas vivendo em situação de isolamento e afastamento de convivência familiar e social? Quando cruzarmos categorias como etnia e geração, de que modo as pessoas mais velhas ciganas vivem e contribuem para que as tradições sejam mantidas e se perpetuem, não deixando “cair” na

dualidade medo – fascínio? Talvez sejam questionamentos que, a priori, possam causar uma espécie de “estranhamento” pelo ineditismo, onde se vê apenas discutir sobre os direitos inerentes à pessoa idosa sem observar as múltiplas referências identitárias (culturais, étnicas, territoriais, por exemplo) que fazem parte de etnias “exóticas” como no discurso corriqueiro da maioria.

Embora na Constituição Federal de 1988 e na Lei 10.741 de 2003 (mais conhecida como Estatuto do Idoso), em alguns artigos destacam a abrangência dos direitos a todos, independentemente do sexo, cor, religião e/ou raça/ etnia. Contudo, tal ponto mostra ser muito mais básico ao nível de direitos, de proteção e de integralidade de princípios. Isso também caracteriza uma tipologia de sujeito adstrito a uma faixa etária e condições específicas, quais sejam: aqueles que possam “usufruir” de políticas sociais (saúde e assistência com maior destaque). Deveriam ser bases universais, interconectadas e centradas nas dimensões de Direitos Humanos e direitos fundamentais (traduzidos nos pactos constitucionais de cada país). Nas dimensões dos direitos à cultura, à dignidade e à memória estão enquadrados e ganham agendas específicas nos contextos de cada país e/ou região.

Entretanto, os *outsiders* também poderiam ser identificados pela condição econômica, territorial, de acessibilidade à cidadania plena e aos direitos mais básicos estruturados e transcritos em forma de lei. Nos principais tópicos e eixos temáticos abordados pelos Direitos Humanos, especialmente após II Guerra Mundial (1939/1945), a tolerância, cultura e acessibilidade foram colocados como elementos norteadores e reguladores de políticas, planos de ação e agendas, sejam no âmbito internacional quanto nacional.

Não é comum ver pessoas ciganas serem beneficiadas, seja pela inacessibilidade a alguns recortes de leis ou pela resistência da sociedade, por muitas vezes, de interpretá-los como uma espécie de “ameaça” para o bem comum ou até mesmo que são pessoas com poder aquisitivo relativamente elevado (advindos de práticas ilícitas) e que não precisam ser inseridos em nenhum direito culturalmente adquirido.

A marca de invisibilidade e de não pertencimento (LÉVINAS, 2014; BUTLER, 2016) auxiliam na compreensão desse processo alienador e da precarização da vida, de componente de cidadania e de acesso à justiça social.

Isso parece ser urgente e necessário no contexto do colapso dos Estados do bem-estar social e naqueles em que as redes sociais de segurança foram destruídas ou tiveram negada a oportunidade de se materializar (...) A precariedade perpassa as categorias identitárias e os mapas multiculturais, criando, assim, a base para uma aliança centrada na oposição à violência de Estado e sua capacidade de produzir, explorar e distribuir condições precárias e para fins de lucro e defesa territorial (BUTLER, 2016, p. 55).

Todos os contextos abordados acima, fazem parte das realidades percebidas em meu cotidiano, tanto no âmbito acadêmico – profissional quanto pessoa que também faz parte desse grupo e que, durante muitos anos, negou suas origens para ser aceita em alguns meios de convívio social sem sofrer preconceitos, independente de sua roupagem e/ ou modelagem.

Para além de demarcação geracional, as interfaces entre categorias (como já sinalizadas anteriormente: étnica, territorial, religiosa, composição familiar, etc.) podem ser agravadas por condições de extrema vulnerabilização e violências sobrepostas (CAVALCANTI, 2018). Isso pode ser verificado nas práticas, nos discursos e nas ações de violência simbólica, mas também nas demais tipologias. Caracterizações que deixam evidentes situações as quais a grande maioria dos idosos vivenciam nos dias de hoje.

Apesar de se ter presente as dificuldades de operacionalização inerentes à diversidade de definições existentes nesta área, o abuso de idosos configura situações de violência física, psicológica, financeira, sexual e de negligência (intencional ou por omissão), que são perpetradas por pessoas com quem os idosos têm uma relação de confiança, e cuja finalidade consiste em causar-lhes sofrimento físico e emocional ou danos materiais e financeiros (DIAS; LOPES; LEMOS, 2018, p. 75).

Entre tantos métodos explicativos dessa realidade, posso afirmar que a gênese da aceitação da condição étnica, assim como trazer toda essa dinâmica para meu estudo, começou na reta final do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, em 2014. Percebi que o senso crítico com relação ao idoso poderia ir mais além do que estudar somente o que os meios de comunicação e as convenções da sociedade mostram (pessoas idosas em abrigos) abandonadas pela família ou inseridas em conflitos familiares cada vez mais latentes, em total vulnerabilidade social. Ou até mesmo sob outro lado analítico, com uma pseudovalorização, geralmente estigmatizada, seguindo regras de convivência

imposta pela sociedade, deixando alguns nas bordas ou atrás das cortinas da “não - convencionalidade”, por não ser de interesse da população.

A partir do momento em que não há tanto impacto como outras pessoas consideradas idosas em situações emergentes ou outras questões, isso sem dúvida me fez decidir estudar o que não se vê, o que está invisível para muitos, me questionando então: em que situação - realidade essas vozes serão visíveis e dentro de qual conjuntura social?

Em meu trilhar, percebi que há uma lacuna entre os direitos, a essência do ser humano na sua condição de maturidade e a forma em que vivem algumas pessoas idosas, principalmente quando se fala em minorias.

Na qualidade de especialista em Gerontologia¹, percebi também que não poderia me limitar em seguir apenas uma ótica, talvez seguida por muitos (talvez não) do “antes de partir” ou de conceitos que, muitas vezes, enfeitam ou não algumas realidades, mas sim do que os mais velhos têm a contribuir para a sua família, sociedade e país onde vivem.

A partir daí, decidi realizar um recorte para viabilizar a investigação dessa realidade tão desafiadora. Como Assistente Social, com mais de uma década de atuação entre prática profissional e pesquisa na área do envelhecimento populacional e suas vertentes, percebi que a valorização da pessoa idosa dentro da dinâmica social em que se vive está cada vez mais distante de ser uma realidade concreta, mas sim um discurso, muitas vezes estratégico, talvez para inseri-los na sociedade do espetáculo em que vivemos (DEBORD, 1997). Pode ser revelada e almejada, mas concomitantemente há um descaso, desproteção e a “economia do cuidado” se sobrepõe à “ética do cuidado” (CASTRO, 2015; CAVALCANTI, BARBOSA; CALDEIRA, 2012).

Em minha “peregrinação” (termo muito utilizado para traduzir a caminhada do povo cigano) como pesquisadora, percebi que há outra forma de captar expressões e vivências de pessoas idosas. Existem outros “tipos” de idosos (ou outras formas de enxergá-los) são aqueles que estão, em importantes contextos sociais, numa espécie de invisibilidade efetiva. Ainda existindo os invisíveis em diversas linhas de análise, tem os que são invisíveis em sua concretude, assim se traduz a condição do idoso cigano.

¹ Gerontologia é considerada a ciência que estuda o processo de envelhecimento humano em suas múltiplas dimensões (MOTTA, 2011).

Minha inquietação fez enxergar para além, a população de pessoas mais velhas que vivem dentro das comunidades ciganas, tendo o respeito e a dignidade como ponto central de relacionamento. Eles integram a comunidade, tem vez e voz, são as forças da tradição e compõem o *Phuri Daie Kriss* (termos em *romani*, língua falada pela maioria dos ciganos; autoridade das mulheres mais velhas e justiça, respectivamente).

Antes disso, acreditava que minha família era especial por conceder sempre a última palavra dos conflitos entre os membros aos meus avós, destacando a minha avó paterna. Todavia, deixo claro que tanto minha realidade como pessoa e cidadã de direitos, quanto pesquisadora, jamais poderá ser uma verdade absoluta, havendo outras formas de interpretação dessa condição. Mas, a riqueza da pesquisa está justamente no contexto em que fui apresentada (como costume dizer) que não deixa de ser peculiar.

Como campo de observação, afirmo que este é meu caminho, havendo poucas mudanças no percurso, porém, com outros vieses e delineamentos, inserindo a vida cigana dentro dessa realidade.

Ao realizar pesquisas exploratórias sobre a diferença entre “raças” (termo ainda muito utilizado em congressos, seminários e workshops sobre direitos humanos e respeito às diferenças) para apresentar em alguns congressos e seminários os quais participei, em território nacional e internacional. Decidi realizar o referido recorte analítico que foi muito importante para minha percepção sobre a realidade dos ciganos no Brasil, não dos idosos. Não há estudos aprofundados sobre o tema, nem mesmo artigos científicos, pelo menos aqui no país, talvez escritas superficiais, sendo então um ineditismo essa tese, a qual contribuirá para meu percurso de vida em todos os aspectos.

Logo, estudar, analisar, refletir e avaliar histórias de sujeitos que estão numa condição de realidade à parte, pelos conceitos preestabelecidos a eles, põe em discussão uma série de fatores que, somente realizando um estudo mais aprofundado pode ser possível aproximar-se do objeto. Porém, como reflexo dessa realidade, muitas vezes há uma espécie de embates com as interfaces do seu percurso de vida, referenciando então suas tradições, assim como os mitos e ritos, algo muito comum nas múltiplas interpretações, até mesmo convicções dessa etnia, criando, em algumas situações, uma visão não elementar do que realmente é.

A forma como essas pessoas vivem me motiva a conhecê-las, pois possuem outras interpretações e conceitos. Mesmo com o discurso das políticas de proteção social a essa faixa etária, independente de sua condição, os idosos ciganos geralmente não são referenciados, caracterizando, para muitos, um povo relativamente fora do contexto social brasileiro. Portanto, esta pesquisa, pode proporcionar registro de histórias de vidas e representatividades de pessoas idosas que fazem parte de famílias ciganas, assim como jovens, para que se possa analisar o real panorama de vida desses idosos.

O principal objetivo que me acompanhou (e que ainda me acompanha), foi pesquisar, de forma processual, a vida de integrantes de comunidades ciganas (idosos e jovens), centrando nas relações humanas, nos fatores culturais, antropológicos e em questões que envolvem o social que por causas importantes, não possuem visibilidade na sociedade.

Foram abordados temas que subsidiaram e deram explicações sobre manifestações identitárias, relacionais e geracionais. Ademais, mostra que suas experiências e condições de vida significa algo a ser discutido, sujeitos protagonistas de suas histórias, referenciando assim, os limites e as potencialidades de suas vozes, de seus costumes, para o entendimento maior dessa realidade, inclusive contribuindo para que possa ter mais notoriedade não somente no âmbito acadêmico, mas sim nos aspectos das relações humanas como um todo.

Tendo essa premissa e procedimentos elencados, transcendem complexidade e saberes, perfazendo e incluindo fatores que implicaram de maneira contundente, principalmente com o comportamento dos não ciganos (*gadjés* – na linguagem cigana, a *Romaní*) que, alguns por acharem a parte “folclórica” e o pseudo esoterismo muito interessante, se autodenominam “ciganos de alma” ou adotando “estilo de vida cigano”, mesmo não fazendo parte de nenhum grupo dos *Rom* ou *Rhomá* (cigano), os quais sejam: *Calon*, *Sinti*, *Kalderash*, *Matchuaya*, *Rudari* e *Ursari* ou *Romanichal* (são os principais).

Somente por ter caído no fascínio das cores, das “feições exóticas” (já ouvi por diversas vezes dos não ciganos esse termo, inclusive se referindo à minha pessoa), das vestimentas, do uso de joias, punhais, habilidades circenses e, acima de tudo, das representações em segmentos religiosos que retratam, inclusive, a sensualidade indicada como inata às mulheres ciganas².

Essas características consolidam um imaginário e um fascínio totalmente equivocado, principalmente quando se trata da questão de gênero entre comunidades ciganas (embora não seja objeto nem recorte deste estudo). Os papéis sociais, inclusive das mulheres, está muito longe de ser de autonomia e sensualidade. Isso pode ser visto em documentários sobre os ciganos, no Brasil e no mundo, mulheres sendo mães, esposas e donas de casa; homens sendo os provedores da casa, que levam sustento à família.

Algumas mulheres praticam a cartomancia (jogos de cartas para ler a sorte) e a quiromancia (leitura de mãos) como um “dom” e também para auxiliar no sustento da família. Aos mais velhos, independente do sexo, são tidos como os detentores de toda sabedoria de vida e conselheiros, os que dão a última palavra em qualquer situação intrafamiliar (TEIXEIRA, 2009).

Isso perdura até os dias de hoje. Podemos então afirmar que há um “revés” da sociedade dos não ciganos, chamados de “*gadjés*” com relação aos ciganos no que dá sentido à importância e visibilidade do idoso na família? Ainda é muito cedo para essa afirmativa, até porque, como muitos autores defendem, destacando Rabinovich (2014) e Donati (2008), a família é espaço de conflitos. Logo, como estamos estudando essa instituição, inúmeras questões devem existir.

Sendo assim, o convite à leitura e análise dessa pesquisa sobre pessoas idosas ciganas e direitos humanos estão abertos a todo(as) que se interessam em se debruçar naquilo que não é tão referenciado, que não tem a visibilidade que necessita, que não tem “voz”, que possui como legado uma série de preconceitos, discriminação, violência, perseguição, violação de direitos, assim como muitas informações não verdadeiras.

² Deixando claro, não só neste estudo, mas em toda expressão ética que possuo com relação ao outro, o respeito às crenças religiosas, independentemente da questão do “ser cigano” dentro deste contexto.

Essa tese representa uma semente a qual será a expressão da maneira em que poderão se manifestar algumas vozes, que se calam, muitas vezes, por não ter oportunidade nem uma liberdade de expressão. Mas, terá um início ou uma continuação dos seus saberes e de suas manifestações, sendo, nem que seja por um momento, visto e compreendido com cidadãos brasileiros.

Mais uma vez, reforço o convite a se debruçar nessa realidade, afinal, “uma árvore sem raiz, é uma árvore morta” (CAPELLA, 2017, p. 8). Destarte, a pessoa idosa é a raiz, o pilar e a história viva de comunidades ciganas, principalmente que, a maioria dos escritos sobre este povo, não foram feitos por eles, mas sim pelos não ciganos. Por isso, talvez, tantos conceitos preestabelecidos; minha vivência como pessoa e como pesquisadora possui concretude para afirmar previamente isso.

A apresentação foi extensa, mas consistiu em mostrar justamente que essas pessoas, até então invisíveis, podem passar a ter visibilidade. O início dessa trilha se dá através da informação, da pesquisa, da leitura, da escrita e militância, isso mostra meu compromisso com a tese, para além, com o panorama de vida desse povo. Que a leitura desse estudo seja produtiva e acima de tudo, auxilie na promoção do exercício da cidadania, em todos os aspectos da vida dos idosos ciganos do Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros que se fingem naturais da Índia e são obrigados a peregrinar pelo mundo sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a virgem Santíssima e S. José peregrinavam pelo Egito [...] Raça de gente vagabunda que diz que pretende conhecer de futuros pelas raias, ou linhas da mão; deste embuste vive, e de trocas, e baldrocas; ou de dançar, e cantar: vivem em bairros juntos, tem alguns costumes particulares, e uma espécie de Germânia com que se estendem [...] Que engana com arte, sutileza e bons modos (TEIXEIRA, 2009, p. 13).

Pesquisar histórias de vida(s) e caminhos percorridos por pessoas idosas, por si só já representa uma dinâmica cheia de ambiguidades e que exige um olhar interdisciplinar. Quando os estudos, além de se aproximar desses sujeitos, promovem discussões sobre a etnia a qual eles pertencem, paradoxos aparecem com mais intensidade.

Observar, refletir e avaliar histórias de quem está numa condição de realidade à parte, pouco integrada, pelos conceitos preestabelecidos a eles, onde extremos se entrelaçam: da fantasia à temeridade; do fascínio à discriminação, coloca em discussão uma série de fatores interseccionais que, somente realizando um estudo mais aprofundado pode se aproximar do objeto-sujeito-problematização; assim é a realidade dos ciganos, principalmente no Brasil. Como reflexo, embates com as interfaces do seu percurso de vida se intensificam, referenciando então as suas tradições, identidades e nomeações, confrontando com o reconhecimento de si e do outro.

A forma como os ciganos vivem deriva múltiplas interpretações e conceitos, e como consequência, a discriminação entre os meios, entrando no rol dos “invisíveis sociais”, caracterizamos na ideia de *outsiders* (BECKER, 2016). Identidades, nomeações e pertencimentos dos *Rom* (ciganos) sejam de origem *Calon*, *Sinti*, *Kalderash*, *Matchuaya*, *Rudari* e *Ursari* ou *Romanicha*³ em terras brasileiras, mostram a diversidade e o desafio de “*uma nação dentro de uma nação*”, além de caminhos que torna o não familiar em familiar, o (des) conhecido em conhecido.

³ Principais grupos de ciganos que vivem, não só no Brasil, mas por todo o mundo. Cada um possui sua história, a qual será mencionada brevemente nos capítulos dessa tese.

Este estudo, representa uma espécie de convite à reflexão sobre diversas questões que envolvem os ciganos: desde o seu “surgimento” (ao nível de contextualização teórico-metodológica) até os dias de hoje, abarcados de preconceitos e discriminações, além de aspectos contraditórios, afinal, é um grupo étnico considerado, para muitos, peculiar e misterioso.

O primeiro destaque (ou pensamento) importante é que, quando se assinalam discussões étnico-raciais, logo ressaltam-se pontos de visibilidade de segmentos que se tem uma mobilização e difusão sólida entre os meios. Sejam nas ações e agendas de políticas públicas em pauta e, grande parte, consolidadas ou na frequente busca de garantias e direitos, ou na produção e difusão de conhecimento relativos às comunidades tradicionais, indígenas, ribeirinhas. São os agentes canalizadores de temas onde se discutem e intervém sobre raça/etnia, os quais merecem destaque a população negra e indígena⁴.

Encontram-se em evidência por estar nos meios de comunicação e por ter, de certa forma, visibilidade na sociedade, seja pelas práticas sociais que mesmo com grandes desafios, possuem uma aplicabilidade. Isso pode ser observado também pela existência de órgãos que levantam bandeira às suas causas e os “dão voz”, como a Fundação Cultura Palmares (FCP) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) mesmo sabendo que ainda há muito a ser feito por esses povos.

Difícilmente há recortes sociais mais abrangentes sobre e para os ciganos, isso não somente no Brasil. Contudo, em escala mundial, decorrente das múltiplas histórias que atraem diversos comportamentos da sociedade, seja de fascínio, de temor ou até mesmo atitudes violentas e de repulsa.

Nesse contexto, ainda se avizinham a deficiência em que o Estado diante da promoção de direitos e garantias de políticas, especialmente quanto a promover práticas de inclusão desse povo que traz consigo muitas denominações e acusações, oriundas de perseguições históricas.

Adjetivam os ciganos como pessoas de caráter duvidoso, ladrões, sujos, desonestos, vândalos, mentirosos, aproveitadores, violentos, feiticeiros, que utiliza da fé alheia para tirar vantagens, dentre outras tantas denominações.

⁴ O intuito é refletir sobre o tema em questão, destacando a hipótese de não levantar discussões as quais possam conduzir a comparações entre ambos. Todos são detentores de especificidades, enfrentamentos, questões e acima de tudo, grandes debates.

Expressões literárias, canções, personagens frequentemente povoam o imaginário social, não só no Brasil, mas em contextos onde o termo “cigano” determina estereótipos e conotações negativas.

É importante destacar, logo no processo inicial dessa pesquisa, que o Projeto de Lei nº.248 de 2015 que institui o Estatuto do Cigano, redigido pelo Senador Paulo Renato Paim (inclusive foi o autor, em 1997, da Lei nº. 10.741 de 2003, Estatuto do Idoso, na época como Deputado Federal) ainda se encontra em discussão no Senado. Isso se deve ao fato de existir um caminho longo a ser percorrido com relação à movimentos sociais que dê força e efeitos de nomeação a esse segmento populacional para que os vejam como cidadãos, tendo possibilidades e oportunidades de viver com dignidade e conduzir a sua vida como sujeitos de direitos inerentes à pessoa humana.

Por inúmeras questões, realizar estudos que abordam assuntos acerca de narrativas de vida de indivíduos que, em termos, não estão inseridos no centro de discussão das relações sociais, de maneira condicional e efetiva, não é uma atividade simples. Logo, reflexões sobre pessoas pertencentes ao grupo étnico de ciganos destacando a pessoa idosa, nesse processo, é predominantemente um tema que, por si só, traz uma série de ditames de natureza ambígua.

Com ênfase a esse objeto e vinculando-o ao contexto social contemporâneo, é importante, a priori, afirmar que a sociedade do século XXI ainda mantém um discurso preconceituoso relacionados a esses grupos (COSTA, 2006), fato de extrema importância para subsidiar alguns aspectos de abordagem sobre a temática durante todo o processo da pesquisa.

Trazendo para uma ampla visão sobre a questão do “ser idoso” no país, está comprovado, através de dados estatísticos, que a população está envelhecendo. Esse fato não está restrito somente ao Brasil, mas em toda esfera mundial. Em se tratando dessas terras, segundo o CENSO do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), o número de idosos chegou à marca de 30,2 milhões.

Estima-se que, em 2025, será a 6ª nação com maior número de idosos existentes no mundo, com abrangência a todas as pessoas acima de 60 (sessenta anos) conforme determina o Estatuto do Idoso, sem exceção de cor, sexo, condição social e etnia.

Os ciganos, como são sujeitos sociais (independente dos delineamentos os quais os deixam à mercê de grandes fatores excludentes), também fazem parte dessa realidade, afinal, eles envelhecem (NERI *et.al*, 2009).

É importante abrir um parêntese para o chamado fenômeno da velhice em parâmetros pontuais, pode denominar como algo inesperado em toda sociedade contemporânea. O que se previa era uma explosão demográfica com altas taxas de natalidade e não o inverso. Alguns fatores contribuíram para o envelhecimento populacional, a saber: a medicina preventiva que promove uma boa qualidade de vida, logo uma longevidade, o advento da pílula anticoncepcional que resultou no controle da natalidade, o crescimento da inclusão da mulher no mercado de trabalho, dentre outras questões (SARTI, 2017).

Existem caminhos que conduzem ao importante desafio de lidar com as contradições advindas dessa realidade, percorrido por muitos indivíduos, representando a partir de então, uma fase em que, muitas vezes, o sujeito inicia um processo de confronto entre a percepção de si, das manifestações dos seus desejos. Posteriormente, esse processo pode ser verificado, ademais, em suas realizações, destacando a dinâmica das relações humanas, independente do sexo, cor, etnia e condição social a qual pertence (MUCIDA, 2009).

Com relação às abordagens acima, torna-se oportuno afirmar que, levantar estudos sobre idosos e ainda pertencentes a comunidades ciganas, põe em discussão importantes questões, por meio das diferentes condições as quais se processam nas relações com os outros.

É um fato que todos os sujeitos, se não morrer jovem, vão envelhecer, só que, na sociedade de divisões em que vivemos e muitas vezes conduzidas por rotulações, até mesmo condições impostas, existe a “velhice privilegiada”, onde o sujeito consegue lidar de maneira mais branda com as limitações advindas da idade (porque é um fato comum a todos), por ter acesso a bens e serviços, onde possuem recursos, principalmente financeiros para passar por essa fase da vida de forma digna, como deveria acontecer com todos. Todavia, está distante de ser uma linearidade entre os meios.

A sociedade pós moderna, proporciona uma velhice sem muitos percalços quando o indivíduo consegue ter condições de acessibilidade às políticas e com implicações de nomeações, contribuindo ou até mesmo protagonizando uma violência simbólica aos outros cidadãos que, na condição de ser idoso, também necessita ter acesso a bens e serviços sociais. Deste modo, por sua vez, acaba sendo restrito ou nulo para muitos, merecendo destaque os idosos com poder aquisitivo mais baixo, aposentados que ganham um salário mínimo ou beneficiários de programas de transferência de renda⁵. Infelizmente essa é uma realidade que atinge a uma população significativa de idosos no contexto geral, porém, debruçando na questão étnica, o estreitamento sobre essa questão é ainda mais emergente.

Mesmo diante dessa lei que promove o mínimo social, muitos idosos, destacando os ciganos, não tem acesso a esse benefício, nem mesmo a outros serviços acessíveis à população, frequentemente por falta de informação e até mesmo de oportunidade. Alguns ciganos, inclusive os mais velhos, não possuem nem registro de nascimento e não são alfabetizados. São pessoas consideradas “inexistentes” para a sociedade e isso não faz parte de sua tradição como muitos acreditam e discursam, pelo conceito equivocado do nomadismo, como se soubessem de toda realidade desse povo, sugerindo então o ato de conhecer para entender, não o inverso (MOONEN, 2013).

Diante destes embates sociais os quais muitos cidadãos vivenciam, é importante evidenciar que, essa pesquisa, além de mergulhar numa análise sobre os principais fatores que implicam na forma como vivem os ciganos brasileiros, merecendo destaque as tradições e um respeito que se tem aos idosos dessa etnia pelo seu povo. Fator talvez que contemporiza os contextos sociais vistos no cotidiano da sociedade Pós-Moderna, também mostra as dificuldades em que vivem, decorrente da violação dos seus direitos enquanto cidadãos por se encontrarem à margem da sociedade, sem ao menos ter ciência (muitas vezes) das políticas sociais que promovem uma velhice mais humana e digna.

⁵ Como o Benefício de Prestação Continuada (BPC) presente na Lei nº 8.742 de 1993, Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) e na Lei. 10.741 de 2003, Estatuto do Idoso a qual disponibiliza um salário mínimo para pessoas igual ou acima de 65 (sessenta e cinco) anos e pessoas com deficiência de forma não contributiva para a Previdência Social, ou até mesmo os que necessitam utilizar o serviço público de saúde, mais precisamente locais que são mantidos com o recurso do Sistema Único de Saúde (SUS).

Traçando o caminho para a amplitude do tema, a questão de lidar com a diferença, com a diversidade de pessoas existentes na sociedade e acima de tudo, preconceitos e conseqüentemente discriminações que passam a transparecer e que muitas vezes são inevitáveis, desencadeia uma série de denominações atribuídas aos ciganos, inclusive nos ritos, sendo a mais conhecida a maneira em que o senso comum se apropriou da visão (muitas vezes equivocada) de seus costumes. Isso sem dúvida pode contribuir para o resultado de uma espécie de “impacto” de percepção da realidade, atrelado à análise situacional desse povo, implicando na definição de possíveis papéis e na construção de conceitos sobre a sociedade ao longo do seu percurso de vida

Ainda é um grande desafio a compreensão da história e do cotidiano de pessoas idosas dessa etnia, pois, há uma incógnita entre a interpretação de suas biografias com a denominação das origens, seus costumes, os caminhos que já percorreram lugares e suas formas de viver. Conforme alguns pesquisadores, ainda é relativamente indefinida, pois, para muitos ciganos brasileiros, não existe um Brasil, mas sim, “muitos brasis” (MARSIGLIA, 2018).

Cada lugar onde passa, se depara com múltiplas realidades, desafios e luta pela sobrevivência, numa sociedade em que o racismo e a intolerância estão presentes de maneira expressiva. Os ciganos tem essa particularidade por sofrerem diversos tipos de perseguições, ameaças, assim como a necessidade de criarem forças em suas próprias comunidades ou “caravanas”, assim, se defendendo da maneira que podem, contribui para intensificar ainda mais a associação de ciganos à violência e criminalidade em regiões por onde passam ou em locais que, de fato, estabelecem residência (BARROS, 2010).

Dentro dessa questão, há processos de rejeição da sociedade no que se refere ao reconhecimento categorial interseccional (geração e etnia), interpretando como pessoas que não possuem utilidade no âmbito do sistema de coletividade. Isso acaba dimensionando a análise do “ser idoso”, incorporando processo de implicação com a questão da própria etnia e que também não há serventia para os meios sociais.

Deste modo, a questão do “ser cigano”, embarcando (como um desenho para compreensão e sentido dessa pesquisa) na teoria do Construtivismo Estruturalista do filósofo, sociólogo e pesquisador Pierre Bourdieu (1930/2002) trará solidez a esses discursos e análises.

Tal vertente pauta no constructo teórico de que as desigualdades sociais existentes atestam que as estruturas de dominação que se fazem presentes entre os meios (ou da realidade individual e/ou social) influenciam nas ações. Entretanto, tais “bases” são frutos da construção de agentes sociais que determinam o que deve acontecer ou não entre os meios⁶. Essa teoria está subdividida em três conceitos fundamentais: *campo* - espaço simbólico, *habitus* - capacidade de incorporação de práticas e atos que canalizam a percepção da realidade e *capital* - a força para promover uma espécie de mobilidade social entre as partes (BOURDIEU, 2001).

Pode-se, então, afirmar que as três bases categoriais do Construtivismo Estruturalista possuem uma abrangência a todos ou apenas para protagonistas os quais causam efeitos de dominação? Os ciganos construíram ou condicionaram algo que faz parte da estrutura social ou foram condicionados a viver de determinada maneira?

Suas narrativas presentes neste estudo mostram um retrato claro de fragmentação da sociedade, atrelada a vidas que foram (e são) marcadas por questões que envolvem reflexos de dominação? Será que é julgo deles a contribuição para a sua “não visibilidade” ou há uma forma equivocada de percepção desse povo entre os meios? Poderíamos aqui afirmar a existência de um oxímoro?⁷

Trazendo para outro viés analítico, é uma realidade que as relações humanas estão cada vez mais abarcadas de incertezas, de maneiras equivocadas de interpretação, de falta de acesso ao básico para sobrevivência justamente por alguns embates de percepções e ações, talvez até mesmo de expectativas de uma vida mais

⁶ As questões “fenomenológicas” apontadas por Bourdieu, consolidou-se de vez quando o teórico se debruçou na teoria husseliana (Edmund Husserl 1859/1938), criador do pensamento ou método filosófico da fenomenologia - onde a compreensão do mundo, do indivíduo, de seus hiatos e dos fenômenos sociais são constantemente mutáveis; basta apenas algo novo surgir que tudo que parecia linear pode mudar). Também foi resultado de processos de construção teórico – crítico que se solidificou durante a década de 1950, além de importantes pensadores os quais serviram de base para o desenvolvimento de sua teoria, a saber: Jean Paul Sartre (1905/1980), Marx Weber (1864/1920), Karl Marx (1818-1883), Michel Foucault (1926/1984) e Claude Lévi-Strauss (1908/2009), são os principais.

⁷ Significa a maneira em que, palavras opostas se combinam e reforçam uma visão linear do que está proposto na escrita, geralmente de maneira crítico-reflexiva de termos que podem parecer opostos, mas que se complementam.

digna, dentro das relações sociais como um todo, tão líquida, que se movimenta bruscamente a todo tempo, desfavorecendo os que estão em processo de vulnerabilidade principalmente quando envolvem questões de relações humanas cada vez mais frágeis (BAUMAN, 2004).

Entre teorias e vivências cotidianas e subjetividades, para que se torne possível o entendimento, assim como visão crítica deste estudo, é importante compreender que pessoas idosas pertencentes às famílias ciganas possuem peculiaridades, sendo traduzidas nos discursos do(as) pesquisados em pode ser visto que existe, de fato, forma singular de compreensão de família e sociedade, atrelada a suas tradições e maneiras de viver (ou sobreviver).

Exemplo levantado aqui é justamente o fator da intergeracionalidade⁸, onde conselhos e orientações – formados por demais membros comunitários, independente dos grupos e idades, valorizam as experiências vividas pelos mais velhos. Inclusive são eles que fazem mediação de conflitos, aconselham e decidem sobre o futuro daqueles que necessitam de exemplos em suas experiências de vida e mesmo diante de tantos desafios, uma forma poética de família se faz presente em suas narrativas.

É a história viva do povo cigano, contada por eles. Importante pontuar que todo registro escrito desse grupo étnico foi elaborado por não ciganos, os chamados “gadjés”. Os ciganos seguem modos de vida e de cultura ágrafa, ou seja, nunca deixaram registros escritos por onde passaram. São, especialmente os idosos, que mantêm vivas as tradições e passam para as futuras gerações, explicando o “ser cigano” e, principalmente, a importância da família e do respeito a essa instituição.

Aqui também se criam distanciamentos nas formas de viver. Algo que, cada vez mais se torna emergente no contexto social atual para os idosos não ciganos, tornando-se, talvez, um antagonismo entre a família de ciganos, bem como sua realidade nesse aspecto. Diferenças existem favorecendo ou desfavorecendo ambos, como se fosse uma dança que pode ser conduzida sob diversos ritmos e formas (BARROS, 2010).

⁸ Convivência entre as gerações. Neste caso, valorizando e respeitando a experiência e sabedoria de vida que a idade traz, caracterizando um privilégio para os ciganos (TEIXEIRA, 2009).

Diante dessas explicações, é fundamental ressaltar que essa pesquisa pode trazer registro e relevância, como elemento memorialístico e fomentador da “ecologia de saberes”. A depender de suas múltiplas interpretações, descrever problemáticas sociais, tanto da história desse povo, como de seus dias atuais, principalmente de pessoas mais velhas, inclusive o levante da discussão sobre a desmistificação de alguns mitos, pode se matizar como contributo almejado na tese. Perpassam por situações que, necessitam ser vistas e integradas de forma efetiva na sociedade e como se dão as relações sociais deles com o que “não são deles”, discurso predominante entre o(as) pesquisados (as).

Não somente como são “olhadas” e muitas vezes julgadas, levando como fator relevante o comportamento dos não ciganos (*gadjés*), que geralmente se mostram perante os ciganos de forma tridimensional: ou são rudes, ou sentem medo, ou criam um fascínio e se aproximam deles por serem vistos como exóticos, diferentes e intrigantes. Esse leque de comportamentos e de atitudes, muitas vezes, representam os principais fatores geradores do preconceito, discriminação e principalmente o racismo (COSTA, 2006).

Em linhas gerais, a estrutura dessa pesquisa está fundamentada em teorias que contribuem para análise de dinâmicas sociais, culturais, e antropológicas da realidade dessa etnia desde o século XVI. Mais precisamente no ano de 1574, registro que se tem da chegada oficial dos primeiros ciganos em terras brasileiras. Foram os Calon João Torres e sua esposa Angelina, ambos deportados pelo governo português os pioneiros no Brasil (TEIXEIRA, 2009).

O objetivo principal dessa pesquisa foi investigar histórias de vidas e representatividades de 6 (seis) idosos e 6 (seis) jovens ciganos pertencentes às comunidades tradicionais *Rom*, subdividida em *Calon* e *Sinti*⁹, territorializada no Município de Penedo, Estado de Alagoas. Foi analisado, de forma processual, aspectos individuais e relacionais (familiares e sociais), centrando nas relações humanas, culturais, históricas, antropológicas e em problemáticas sociais, mostrando seu panorama de vida e a valorização dos mais velhos nas famílias ciganas, além de narrativas. Essa, por sua vez, envolvida por alguns fatos que justificam a forma como

⁹ O termo “comunidades”, no plural, se deu por possuir várias etnias dentro dela. Foram assim nomeados por eles para que haja uma divisão da “origem” de cada grupo que vivem nestes espaços.

os ciganos interpretam a sociedade no contexto geral, reforçando, ainda mais, a ideia de que os veem como pessoas que não fazem parte do contexto social em que todos nós estamos inseridos, como resultado, a exclusão desse povo.

Entretanto, é importante explicitar que a vida dos ciganos dentro da referida comunidade, mostra o cotidiano deles, não podendo ser uma realidade absoluta e generalizada para as experiências de todo povo dessa etnia em terras brasileiras. Existem outras formas de análise (outras realidades) da história desse grupo étnico; mas, este estudo contribuirá para uma abordagem e compreensão da forma como vivem e dos seus desafios para adquirir sua legitimidade e identidade dentro dos espaços. Importante frisar que, mesmo com o título sendo restrito aos idosos, houve a necessidade de ouvir os mais jovens. Não teria uma concretude analítica restringindo tão somente às pessoas idosas e relatando a si mesmas. Para abordar tópicos relacionais como relações familiares e comunitárias/sociais, acrescentamos a escuta também de jovens integrados às mesmas comunidades, ampliando descritores e fomentando diálogos intergeracionais.

Os objetivos específicos estão basicamente voltados à tentativa de desmistificar alguns conceitos e quebrar paradigmas acerca desse povo, além de analisar a forma de valorização dos idosos ciganos, referenciando suas histórias de vidas. Também faz parte dos objetivos, analisar quais são os meios legais para que essa população seja reconhecida como cidadãos de direitos, fazendo referência à Constituição Federal de 1988, a qual deixa claro que as políticas sociais são acessíveis a todos, independente da classe, sexo, cor, religião, idade e acima de tudo etnia (MOONEN, 1995, p. 7), e o Artigo 10º do Estatuto do Idoso (Lei 10.741 de 2003), quando dispõe sobre o “*Direito à Liberdade, Respeito e Dignidade*”, onde destaca a preservação da identidade e crenças de pessoas idosas (BRASIL, 2003). Os objetivos são desenhados seguindo a modelagem de capítulos

É relevante destacar que a escolha em desenvolver um estudo voltado a comunidades ciganas no país está atrelado aos números considerados de acampamentos ciganos e que prevalecem pessoas com a faixa etária acima de 60 (sessenta) anos (TEIXEIRA, 2015), bem como a acessibilidade a comunidades em alguns locais.

Faz-se oportuno salientar que na Região Nordeste atualmente existem 97 acampamentos, na Região Sudeste, 96. Constam ainda para o sul do país, 54 acampamentos e nas Regiões Centro Oeste e Norte são 39 e 04 respectivamente (EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL, 2019).

Importante salientar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) até o último censo, não tinha realizado nenhum levantamento demográfico voltado, exclusivamente, à população de ciganos no Brasil. Contudo, por já terem inseridos algumas comunidades ciganas em censos demográficos, acaba gerando confusões a nível de informações de números e dados sobre essa população. Existem pesquisadores que acreditam que a população de ciganos é muito maior, em território nacional, do que mostrado por alguns órgãos institucionais, incluindo a Embaixada Cigana do Brasil (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020).

A perspectiva é que haja contribuição para a compreensão de que, existem ainda povos dentro do contexto social contemporâneo que valorizam a sabedoria adquirida pelo idoso, desenvolvendo uma análise reflexiva do que eles realmente representam para si e para as relações e questões que os rodeiam, mais precisamente as relações sociais, atrelando às interfaces das suas histórias descritas em forma de narrativas nessa pesquisa.

Torna-se necessário abrir um parêntese para dizer que não há como negar que realizar estudos relacionados a temas em que o pesquisador se sinta partícipe, não só como executor, mas também como indivíduos que vive, em termos, algumas situações comuns aos pesquisados, pode ser considerado peculiar e desafiador, pois, o momento em que isso acontece, como pessoa que possui uma história, pode haver um adensamento reflexivo e como consequência, um “repensar” sobre a sua própria vida e conceitos preestabelecidos.

Agir sobre histórias de vidas de determinado grupo étnico vai muito além do que qualquer forma de analisar algo, não é como estudar sobre os passos percorridos para a confecção de uma mesa ou qualquer outro objeto inanimado. Observar pessoas que trazem consigo histórias que, no geral, a essência da subjetividade faz a diferença no ato do exame da vida desse sujeito, torna-se, de fato, um momento singular. Em termos, representa uma maneira de resgatar e fazer valer algo no universo em que vive e mediante a isso, lhe dar sentido (MUCIDA, 2009).

A estratégia de aproximação com o sujeito a ser analisado é muito importante para chegar ao processo de transferência, ou seja, confiar no indivíduo que está propondo uma atenção à história da sua vida. Entretanto, o percurso metodológico da pesquisa foi modificado devido à condição sanitária vivenciada em decorrência da pandemia da Covid-19¹⁰, onde muitas vidas foram perdidas e afetadas por um vírus tão letal que inclusive pode ser comparada à Gripe Espanhola (1918), pandemia que matou quase 100 milhões de pessoas por todo o mundo e contaminou aproximadamente 500 milhões na primeira metade do século XX, pós Primeira Guerra Mundial.

Além da pesquisa documental em sites e livros, a observação “empírica” que por ora, seria numa comunidade de ciganos no Município de Penedo, Estado de Alagoas, presencialmente, se deu através de entrevistas por meios de comunicação (chamadas telefônicas), a qual perguntas e respostas foi sem o contato físico direto, todavia, não implicou no andamento e consolidação da pesquisa.

Mesmo diante dessas questões, não há dúvida que a experiência e a sabedoria dos idosos possuem uma beleza singular, principalmente quando são referenciados no seu grupo étnico. Contudo, a problemática a ser abordada nessa tese envolve o conceito narrativo de compreensão da visão e interpretação de vida, especialmente na história dessas pessoas, mas que possui uma representatividade de resgate não só de biografias e retratos, mas de identidades.

Enfatizando as explicações acima, além de dar sentido ao que está exposto, é importante frisar, mais uma vez, que a importância dessa pesquisa está basicamente no intuito de resgatar e referenciar histórias de vidas de idosos ciganos, levando em consideração a importância de suas peculiaridades. Sendo assim, é correto afirmar que há uma necessidade de intervenção dentro desse contexto, até mesmo para que essas pessoas entendam que sua identidade também está na raiz histórica desse país, de serem sujeitos sociais.

¹⁰ Infecção causada pelo novo coronavírus, onde o grau de contágio e o desconhecimento, tanto da doença, quanto dos seus efeitos adversos causou um colapso na saúde, gerando uma crise sanitária, não só no Brasil, mas em toda esfera mundial. Fez-se necessário modificar alguns protocolos de saúde para que diminuam ou cresça com menos velocidade o número de pessoas infectadas e de mortes. Entre as formas de proteção, o distanciamento social foi adotado como o método mais seguro para que para redução do grau de contágio dessa doença (AGÊNCIA BRASIL, 2020).

Garantidos direitos e deveres, assinalados como partícipes de fatos que ocorreram no Brasil, sejam eles satisfatórios ou não no momento, mas que necessitam interpretar sua vida com toda as singularidades (e belezas) que possam existir.

Um aspecto relevante a ser destacado é que os pontos teóricos centrais que são abordados no desenvolvimento da pesquisa estão embasados nas concepções de determinados autores (Bauman, Bourdieu, Butler, Marx, dentre outros) que refletem sobre emergência das relações sociais na contemporaneidade, para que possa dar sentido e fundamento à proposta de discussão.

Como estruturação da tese, divididos em capítulos, foram expostos importantes temas sobre as relações sociais e seus aspectos contraditórios, o respeito à minoria, a igualdade de oportunidades, a valorização da idade vinculada à sabedoria dos ciganos mais velhos e desmitificação de conceitos.

No primeiro capítulo, foram expostas questões relevantes sobre a compreensão do discurso teórico do Construtivismo Estruturalista (Pierre Bourdieu - 1983) e dos saberes sociais oriundos desse conceito, além dos arquétipos que envolvem os ciganos e suas problemáticas, envolvendo temas sobre a família e a figura do idoso, além da etnicidade.

Intitulado “Entre ‘velhos’ círculos ciganos: movimento epistemológico e social”, o segundo capítulo traz a necessidade de um chamamento crítico sobre a historicidade de comunidades ciganas e tradições. Deste modo, perfazer uma breve análise sobre a políticas de (des) proteção social a esse grupo étnico e as diferentes roupagens das expressões do racismo e acesso às políticas sociais foi de suma importância.

O terceiro capítulo mostra essas vozes se tornando visíveis e ouvidas, trazendo todo percurso metodológico, como a coleta de dados e as falas abarcadas de informações que motiva uma condição de “pensar sobre” e fatores importantes para o entendimento da vida de pessoas idosas e jovens ciganos entrevistados na(s) comunidade (s).

Para tanto, os discursos e as análises foram subdivididos em três partes nomeadas com cores: azul, verde e vermelha sequencialmente. Tais cores foram escolhidas porque são as que compõem a bandeira cigana, onde o azul representa o

céu, o verde como referência de solo, onde eles andam e, por último, o vermelho, no desenho da roda, demonstrando as andanças deste povo. Como reverberam nas falas: “o céu é meu teto, a terra minha pátria e a liberdade minha religião”. Descritores e nuances de uma vida comunitária e familiar retratados, a sequência direciona o olhar para os principais desafios da pesquisa, as considerações finais e as referências utilizadas, além dos anexos.

Adentrar nessa realidade indica algo desafiador, abrindo a oportunidade de vivenciar brevemente o cotidiano desses ciganos, trouxe um amadurecimento na compreensão e percepção das contradições das relações sociais em que esse grupo étnico está inserido, mesmo com todas as questões as quais acompanham esse fato.

Um desafio esperado e centrado no fato de compreender como seus símbolos se manifestam em suas vidas, na família e no contexto social que por sua vez, é cheio de contradições. Tal percurso pode trazer visibilidade de saberes e olhares, tornando suas “vozes visíveis”¹¹ dentro de um universo de invisibilidade em que as rodas dos preconceitos passam e deixam suas marcas, mas que, ainda não possui a capacidade de modificar tradições seculares (ou milenares) do povo cigano.

¹¹ Alegoria utilizada por Oliver Sacks em seu livro *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos* (2010).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

Pode-se considerar umas das importantes etapas dessa pesquisa, uma vez mostrando a teoria que embasa todo o percurso de análise crítica, não só para dar concretude ao estudo, mas, para que se torne possível compreender, de maneira sociológica, a realidade dos ciganos na comunidade pesquisada. Os delineamentos dos conceitos da teoria do Construtivismo Estruturalista de Pierre Bourdieu (2012) permitirão o entendimento (dentre muitos que existem, mas o que mais se aproxima dessa realidade. Sem dúvida, é este aporte teórico) da condição do “ser cigano” nas relações sociais sob a ótica da visibilidade contraditória desses ditos processos relacionais.

2.1 A CARAVANA SEGUE E DEMANDA PASSAGEM: SOBRE RELAÇÕES SOCIAIS E IDEIAÇÕES CIGANAS

Como dois e dois são quatro sei que a vida vale a pena, embora o pão seja caro e a liberdade, pequena [...] como um tempo de alegria por trás do terror me acena e a noite carrega o dia no seu colo de açucena. (FERREIRA GULLAR, 2001).

Não é aleatório que servimos do fragmento desse poema intitulado “Dois e dois: Quatro”, de Ferreira Gullar (2001), para refletir sobre a caminhada cigana que, mesmo com grandes questões onde, em parte, pode ser traduzida com esse percurso poético - “embora o pão seja caro e a liberdade pequena” há grandes questões a serem discutidas e acima de tudo refletidas.

Os *Rhomá* (ou ciganos) possuem problemáticas sociais muito pontuais, o maior reflexo disso é quando se percebe a forma interpretativa em que levam a sua vida, vistos como andarilhos natos além de outras tantas denominações. Muitas vezes, o nomadismo, essa necessidade de estar cada dia em um lugar diferente, não são decorrentes de suas escolhas, mas de algumas imposições da sociedade, destacando a perseguição nos locais em que tentam estabelecer residência, onde frequentemente são ameaçados e postos para fora pelos “donos da terra” junto com seus barracões sem, ao menos, ter o direito a uma moradia digna. Talvez essa seja uma das questões

mais discutidas e, conseqüentemente, impetradas quando se fala em ciganos, assim como em suas próprias narrativas.

Na própria historiografia dos Rom, escrita pelos não ciganos, está explicitado que eles saem de um lugar para outro, muitas vezes vítimas de caçadas policiais ou de capangas que prestam serviços a fazendeiros¹², por atribuir a violência na região a estes grupos, vendo-os como ladrões, comerciantes desonestos, matadores, mentirosos, feiticeiros e que utilizam de má fé da fé dos outros e que se apropriam de bens de pessoas do bem.

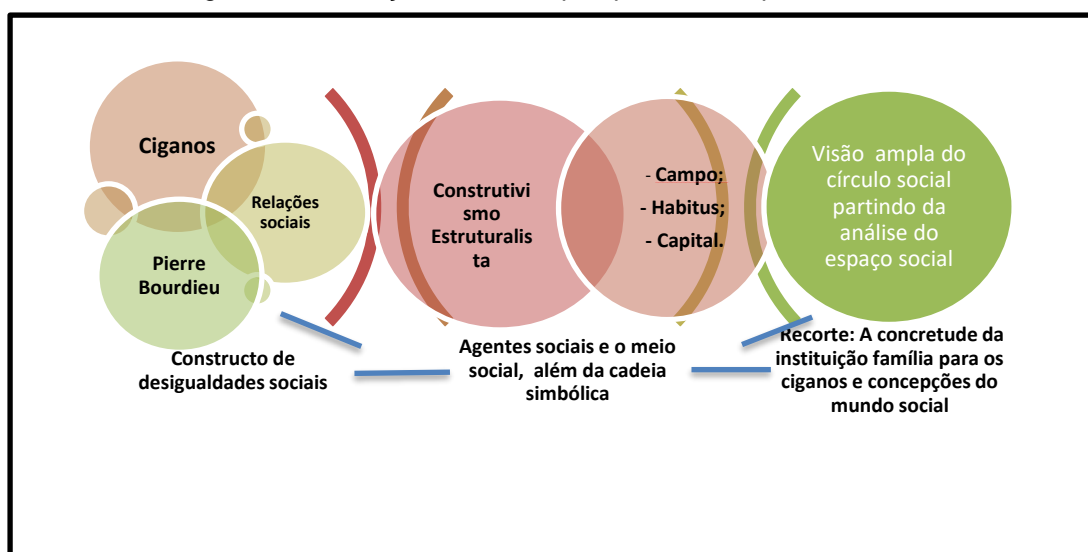
Os ciganos são considerados a minoria étnica por todo o mundo, ao tempo que, é o povo que mais sofre com o preconceito, discriminação e racismo e por isso, as grandes perseguições.

Neste capítulo será descrito a fundamentação teórica desse estudo, com os principais recortes da questão social sobre a conjectura étnica. Desde o aprofundamento de teorias que se aproximam da realidade vivenciada pelos ciganos, destacando o Estruturalismo Construtivista de Pierre Bourdieu e seus conceitos atrelados à condição estrutural da sociedade, levando em seus caminhos, seja de barro, mato, grama ou asfalto (analogias às categorias sociais apresentadas), que a construção da realidade do sujeito exerce influência em suas ações. São resultados de processos simultâneos de construção próprias de ideias, percepções, comportamentos e também ações, soando como algo cíclico no universo das relações sociais e institucionais.

Com isso, os conceitos de “campo, *habitus* e capital” se fazem presentes, na tentativa de compreender como a condição dos ciganos está vinculada ao elemento da desigualdade social entre seus constructos, propondo uma pseudo negação da dual teoria que tem como base o objetivismo e o subjetivismo. O diagrama abaixo, exposto na figura 1, mostra o processo teórico dos conceitos e questões levantadas neste estudo.

¹² Rodrigo Corrêa Teixeira em seu livro - Ciganos no Brasil. Uma Breve História (2009), mostra claramente que, durante o processo histórico da chegada dos ciganos em terras brasileiras no século XVI, principalmente em Minas Gerais. Houve grandes perseguições com “troteios, mortes e prisões” (p. 67), fato que, ainda hoje, é muito comum de se vê em ambientes em que os ciganos estabelecem (ou tentam estabelecer) moradia. Um povo, sem dúvida, perseguido por, praticamente, todo lugar que passa ou que já passou.

Figura 1: Construção teórica da pesquisa e seus pontos de discussão



Fonte: Elaborado por Jeane da Silva Ramos (2020).

Neste capítulo também será exposto os processos de emergência de um sistema de seus pares os quais, ora se encaixam, ora são opostos, além dos arquétipos atribuídos aos ciganos e a família como instituição mais antiga da sociedade, jamais poderia ficar à parte no processo inicial dessa pesquisa. É através dela que será possível desvendar questões importantes sobre a vida cigana.

Tema basilar que causa muitas inquietações sobre a situação dos ciganos brasileiros, mesmo sendo referenciados sob alguns aspectos dentre tantos a serem discutidos.

Não obstante não há como negar a sua essência do saber, compreender, analisar e refletir. Os ciganos, antes de mais nada, estão limitados à vida com pouca visibilidade e acessibilidade dos direitos.

Figura 1 – Sobre a realidade e imposição sobreposta aos ciganos



Fonte: Cultura Cigana (2020).

A imagem por si só já traduz a forma em que o poder simbólico está presente na vida dos ciganos, desde seu surgimento (migrações pelo mundo) até os dias de hoje. Em termos, a dualidade dominante x dominados podem mostrar a vida dos ciganos, porém, sob diversas interpretações e para além, sob realidades variáveis, mas que estão presentes como um soldado que espera a próxima batalha, sem ao certo saber se vai sair vitorioso ou não, assim se configuram as relações sociais e seus reflexos na vida de cada indivíduo.

2.2 “CARRUAGEM CONDUZIDA POR PIERRE BOURDIEU”: DO DISCURSO CONCEITUAL DO CONSTRUTIVISMO ESTRUTURALISTA À QUESTÃO SOCIAL COM RECORTE ÉTNICO

O espaço de interação é o lugar da atualização da intersecção entre os diferentes campos. Os agentes na sua luta para imporem o veredicto ‘imparcial’ quer dizer, para fazerem reconhecer a sua visão como objetiva, dispõem de forças que dependem da sua pertença a campos objetivamente hierarquizados e da sua posição nos campos respectivos. (BOURDIEU, 2002, p. 73).

Diante do discurso conceitual do filósofo e sociólogo francês, considerado um pensador extremamente atual por suas ideias se encaixarem no processo de emergência da sociedade pós-moderna, Pierre Bourdieu (1930/2002) centraliza suas reflexões sob três pontos importantes: o homem, a sociedade e a história.

Diversas roupagens do universo em que se constrói uma sociedade (com suas linhas que podem ser distribuídas sob diferentes ângulos, até mesmo formas) e suas relações podem mostrar uma série de vantagens e/ou desvantagens, a depender da vivência e da configuração em que os fatores condicionantes de temas na sociedade tenham a capacidade de intervir dentro desse processo de forma contundente, ou seja, como um sujeito pode decidir algo em seu cotidiano e esse próprio cotidiano, por sua vez, determinar suas ações.

Caminhando por essas reflexões, há então uma linearidade que sustenta toda estrutura sem ter pontos de fragilidade que possa afetar o que até então mostrava (superficialmente) uma solidez? Existem brechas dentro dessa dinâmica quando se trata das relações sociais, ou não, tudo transcorre na mais perfeita paz, sem conflitos dialéticos¹³ entre o indivíduo e seu meio? Essa possível linearidade é uma espécie de balança equilibrada, se sim, pode haver um desequilíbrio e em alguns momentos, tender apenas para um lado, não suportar o peso e desmoronar, ou, em linhas gerais, tudo isso pode estar atrelado à ciência, em termos de recortes filosóficos?

São questionamentos que estão vinculados às indagações de Bourdieu sobre a visão global da realidade social, em que faz um levante analítico não só como teórico pesquisador professor, mas também como um agente social, afirmando que “se algo me incomoda, me deixa indignado [...] tenho que fazer algo” (BOURDIEU, 2007, p. 23). Ou seja, aquilo que põe em questão os conflitos sociais em suas mais distintas formas, é para ser discutido e pensado, estrategicamente, como pode ser conceituado para fins não somente teórico, mas também na e para a prática.

Essa forma de condução das atividades dinâmicas de sociabilidade serve para todos, inclusive quando se trata de minorias que, muitas vezes não possuem espaços para serem agentes canalizadores de suas próprias ditas ações?

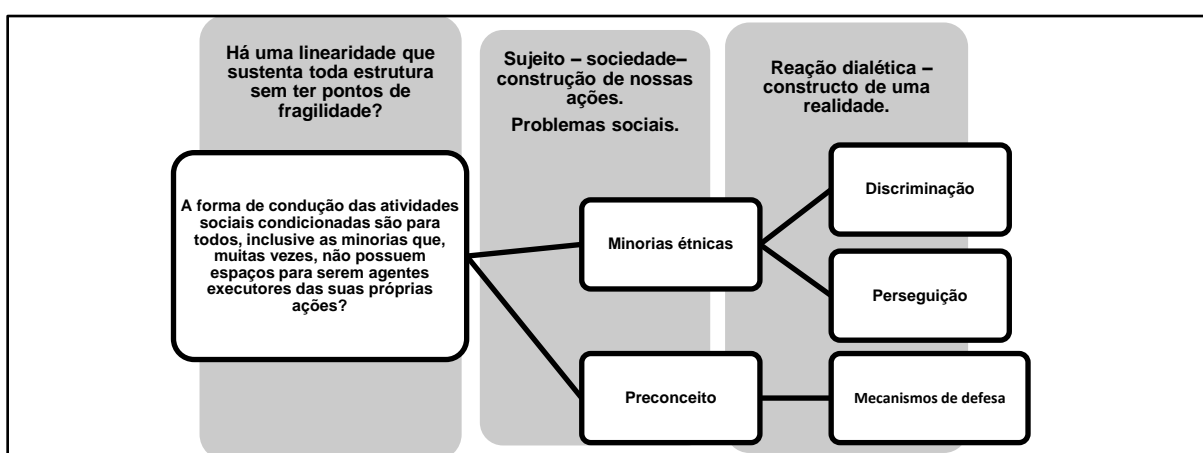
Se há de fato uma solidez (ou uma pseudosolidez) por serem nós, sujeitos sociais, que constroem todo esse processo de ações, como várias questões, além de não se consolidarem, podem desmanchar no ar se alguns indivíduos ousarem a tentar executar ações que, talvez, não façam parte de alguns padrões sociais.

¹³ Os ditos conflitos dialéticos aqui mostrados são a forma de enxergar a dialética marxista e/ou materialismo dialético pela ótica de Bourdieu, visto como a forma de pensar a realidade sob bases contraditórias entre o sujeito e as relações sociais que por ora, estão conectadas às forças de produtividade. “Até agora, os homens formaram ideias falsas sobre si mesmos, sobre aquilo que são ou deveriam ser” (MARX; ENGELS, 1846, p. 1, Prefácio).

Bourdieu (2002) afirma que somos nós que fazemos acontecer (com as estruturas objetivas influenciando em nossos atos, equivaler a que constroem e a condicionam), levantando essas ações e ideias que são postas em prática e que resultam em construção e transformação, a questão da minoria, voltada ao recorte étnico, se encaixam dentro dessa realidade de maneira objetiva ou subjetiva?

A figura abaixo conduz a uma reflexão sobretudo (ou parte relevante) que está no entorno disso.

Figura 2 – Estruturas materiais e os contrastes sociais



Fonte: Elaborado por Jeane da Silva Ramos (2020).

Não há como não levantar questionamentos filosóficos, sociológicos e até mesmo antropológicos quando se tem como base teórica bourdieusiana. São indagações em que mostra uma necessidade de se fazer para além das relações sociais “e somente se”, pois a questão social atrelada a minorias étnicas possui uma série de pontos a serem discutidos e por assim dizer, muito frágeis.

Atrelado ao que foi dito acima, a discussão presente a respeito da questão cultural traduz uma realidade que está mais atual no debate do que se possa imaginar, pois alguns aspectos que atenuam as controvérsias dessas diferenças estão na base da questão, sendo passíveis de interpretações subjetivas enquanto símbolos de diferenciação vinculado à sua origem, bem como ao contexto de vida em geral.

A partir de toda essa reflexão, é importante destacar que associar a teoria de um pensador conhecido por ser complexo e até mesmo fora do “tradicionalismo” estrutural da filosofia, inclusive inserindo, nessa tese, mostra um dos grandes reflexos da questão social.

Esses últimos podem ser configurados como os problemas existentes sobre os que são considerados minorias, possui um arcabouço de violências sobrepostas (CAVALCANTI, 2018), violências simbólicas (e não simbólicas também, pois adentra na violência nata, das mais cruéis de se presenciar), e tantos outros tipos de ações atroz. Não é uma atividade fácil, ou melhor, tudo que envolve a amplitude das relações sociais é complexo.

Contradições tomam conta de diversos cenários, inclusive a forma como mudam de configurações tais relações, ora parecendo ser favoráveis aos sujeitos, ora desfavoráveis; a fenomenologia social deixa claro a evidência dessas mutações (HUSSERL, 2012).

Sobre a teoria que se adapta no embasamento teórico desta tese é importante frisar que para que Bourdieu chegasse ao conceito do Construtivismo Estruturalista houve todo um processo que envolvem fatores históricos, bem como visão crítica e de quebras conceituais filosóficas. As desigualdades sociais tão presentes na realidade do sistema em que estamos inseridos é o ponto principal de discussão e desenvolvimento teórico de Bourdieu.

Entretanto, para que possamos compreender o conceito de Estruturalismo Construtivista (ou Construtivismo Estruturalista, no sentido inverso, mais lógico epistemologicamente para alguns pensadores críticos conceituais), é necessário adentrar no caminho da historicidade o qual motivou Bourdieu a desenvolver determinada teoria.

A França dos anos de 1950, em seu processo de reconstrução pós-Segunda Guerra Mundial, foi “palco” de grandes discussões e reconceituações que envolvem as questões filosóficas (onde há uma ruptura de pensamento que limita a filosofia à ciência)¹⁴ e da sociologia, ou políticas de natureza social.

As concepções teóricas de várias correntes epistemológicas foram postas à prova, resultado da “nova” realidade mundial (onde o discurso de adoção do modelo do Estado de bem-estar social se faz presente) e, conseqüentemente, visão de mundo de grandes intelectuais.

¹⁴ A fenomenologia de Husserl torna-se fator predominante para compreensão da filosofia não objetivista (FOUCAULT, 2005).

A Guerra Fria (1945/1991) também exerceu forte influência no processo do “repensar” sobre sociedade no meio científico, onde houve a divisão do mundo em duas ditas “nações” capitalista e o socialista¹⁵, influenciando de vez no pensamento bourdieusiano.

Além disso, a “ontologia fenomenológica” de Jean Paul Sartre (1997)¹⁶ possui considerável contribuição para essa transição, onde a “a existência procede da essência” tese que colaborou definitivamente para um novo olhar sobre a existência humana sob bases filosóficas. Essa vertente centra na subjetividade da essência humana, possibilitando optar por algo em seu processo de vivência na sociedade, em termos, sendo exclusivamente responsável por suas ações dentro das suas relações, com o outro¹⁷.

Bourdieu, durante a década de 1950, analisando o homem em seu constructo social, passa a estar presente em diversas discussões sobre a teoria fenomenológica de Husserl, assim como da ontologia existencialista de Sartre, dentre outros pensadores.

A partir daí, a visão crítica da sociedade, assim como o pensamento político, traz para o cotidiano de Bourdieu diversos questionamentos sobre o homem, a sociedade e seu meio.

Se o modo de percepção legítimo é objeto de lutas tão importantes, é porque, por um lado, a passagem do implícito ao explícito nada tem de automático, podendo a mesma existência social reconhecer-se em expressões muito diferentes, e porque, por outro lado, as diferenças objectivas mais acentuadas podem estar dissimuladas por diferenças imediatamente visíveis (como as que separam as etnias, por exemplo). Se é verdade que existem na objectividade das configurações perceptivas. (BOURDIEU, 2012, p. 147).

¹⁵ Após a Segunda Guerra Mundial, houve de fato uma “divisão das ideologias e, conseqüentemente, da maneira de conduzir a sociedade. Mas foi a Alemanha o país que mais sentiu o reflexo dessa “nova realidade”, dividida então em dois blocos: Alemanha Capitalista e Alemanha Socialista, esta por sua vez separada pelo muro de Berlim, o qual foi derrubado em novembro de 1989 com a ascensão de vez do sistema capitalista de produção em escala mundial.

¹⁶ Como a maioria dos processos de construção teórica, os pensadores se baseiam em “grandes mestres”, assim como Bourdieu, Sartre também foi incentivado pela fenomenologia husserliana, analisando o fato do “ser de ser”, ou seja, de sua essência, do que realmente é. A questão do “em si e para si” representa, em suma, um dos pilares da teoria de Sartre. Sua obra – *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (1997) efetiva esse processo teórico.

¹⁷ Essa condição e/ou relação do sujeito com a sociedade torna-se o fator central de discussão neste estudo.

A partir de então, Bourdieu inicia um processo de busca para o entendimento das desigualdades sociais sob diversas configurações, assim como a afirmativa de que o sujeito que é afetado por essa desigualdade vem de uma estrutura social em sua gênese, e ao longo de sua vida, trava lutas e desenvolvem meios estratégicos para sua sobrevivência numa sociedade com tantas disparidades.

O ponto de partida é a criação de uma teoria que possibilite uma ruptura com a visão clássica do objetivismo e subjetivismo, este por sua vez construído através dos inúmeros aspectos desumanos das ditas desigualdades; agentes protagonistas na realidade intelectual da época.

Bourdieu se opõe tanto ao objetivismo de caráter estruturalista como ao subjetivismo existencialista, na perspectiva da Teoria do Conhecimento¹⁸, construindo, em face de inúmeras análises críticas sobre essas correntes teóricas, o Construtivismo Estruturalista.

[...] Quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mito, etc. – estruturas objetivas, independente da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais. (BOURDIEU, 1990, p, 150).

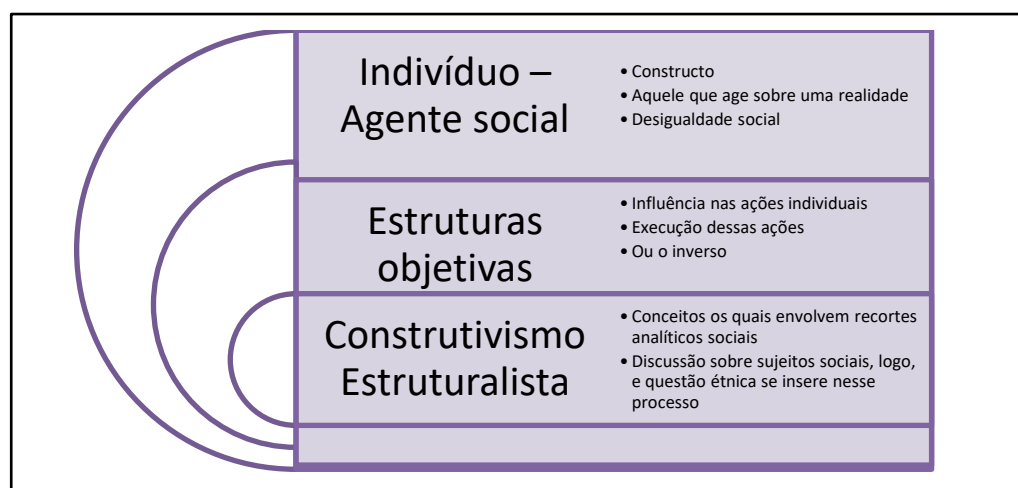
A teoria do Construtivismo Estruturalista utiliza e faz releituras de grandes clássicos da sociologia como Marx, Weber e Husserl. Bourdieu afirmava que as estruturas objetivas sociais podem determinar e influenciar em nossas ações, ou seja, há um estruturalismo nesse processo. Todavia, tais estruturas existem porque são decorrentes de nossas construções. Articulava que a sociedade é baseada na relação dialética, ou seja, na contradição. Ela se transforma num processo de afirmações e negações.

O embate dessa tese mostra como se dá todo processo de delineamentos sociais e suas contradições entre um grupo que se identifica por ser uma minoria étnica. Sob influência central na teoria marxista, ele traz três conceitos dentro da teoria do Construtivismo Estruturalista: o campo, o *habitus* e o capital.

¹⁸ A Teoria do Conhecimento se propõe a explicar se a origem de todo conhecimento está no sujeito (homem ou no objeto), compreendendo como é a relação entre ambos (HESSEN, 1998).

A questão social¹⁹ se faz presente na teoria de Bourdieu analisada e trazida para reflexão nesta tese, além de associá-la ao recorte étnico. Em consonância com a questão das relações sociais em seu contexto geral, esta análise, relativamente dialética, está presente em que aspecto, social, individual ou meramente condicional?

Figura 3 – Questão social, teoria de Bourdieu e recorte étnico



Fonte: Elaborado por Jeane da Silva Ramos (2020).

Portanto, a teoria bourdieusiana do Construtivismo Estruturalista explicitada neste momento mostra como as relações sociais estão cada vez mais emergentes e frágeis, independentemente dos recortes (étnico-raciais e fatores ideológicos no âmbito geral) os quais estão tão latentes na sociedade, necessitando de meios interventivos para tentar amenizar algumas que são mais contraditórias que as outras.

É de fato uma balança em desequilíbrio, que pode desmoronar de vez, ficar em pedaços e fugir da capacidade do homem de reconstrução. Como as relações entre os pares (mesmo de oposição) são mutáveis, essas questões podem mudar também, talvez trazendo a necessidade de um olhar mais humano a minorias, que, de fato, estão à margem, no caso desta pesquisa, os ciganos mais velhos. Bourdieu, sem dúvida, contribuiu para o entendimento de como funciona todo o contexto social contemporâneo, dentro do Campo, *Habitus* e Capital.

¹⁹ Embora não seja a análise central sobre a teoria de Bourdieu neste estudo, se faz oportuno definir o que é Questão Social. Pode ser conceituada como um conjunto das principais manifestações (ou expressões) da desigualdade social na sociedade pós moderna, ou seja, no atual sistema capitalista de produção. Os esforços individuais estão cada vez mais intensos para que um sujeito viva uma realidade menos excludente, porém, quem se beneficia desses esforços é a classe burguesa numa sociedade amplamente estratificada e monopolizada por eles, intensificando cada vez mais os problemas sociais como a fome, a miséria, o desemprego, o racismo, etc. Em linhas gerais, a violação dos direitos humanos (IAMAMOTO, 2003).

2.2.1 Poder estrutural I: O conceito de “*campo*” dentro da realidade étnica ou simplesmente fator simbólico

Dado que os produtos oferecidos pelo campo político são instrumentos de percepção e de expressão do mundo social (ou se assim se quiser, princípios de divisão) a distribuição das opiniões numa população determinada depende do estado dos instrumentos de percepção e de expressão disponíveis e do acesso que os diferentes grupos têm a esses instrumentos (BOURDIEU, 2012, p. 165).

O primeiro conceito da teoria de Bourdieu trazida neste estudo mostra como se configuram as relações sociais. Dentro da coerência sociológica, o poder estrutural existe porque há conjunturas nessas ditas relações e que estão cada vez mais emergentes, seja por fatores econômicos, de poder, de miserabilidades (vistas e anônimas, os quais conduzem ao início a lutas por disputas de espaços), dentre outras questões, onde o próprio indivíduo que é o protagonista desses efeitos de poder.

Originando da análise bourdieusiana, o indivíduo enquanto agente social, nada mais é do que aquele que opera e legitima suas ações, ou seja, aquele que age e, assim, tem a possibilidade de criar seus conceitos e em alguns pontos, seu cotidiano. Mas tudo isso só é possível dentro do contexto social em que o sujeito está inserido, sua realidade pode mudar a qualquer momento.

Os processos que envolvem as relações sociais mudam a todo tempo, seja pela sua complexidade, seja por oposições e contradições, pontos de vista e formas de enxergar e interpretar a dualidade: o eu e o outro. Bourdieu afirmava que o sujeito e a sociedade andam juntas, um não existem sem o outro, em tese.

Traçando o caminho para a análise estrita do conceito de “*campo*”, este por sua vez refere-se aos espaços sociais simbólicos ocupados pelos “agentes”, possibilitando a eles produzir, validar e ter representatividades em seus ambientes, ou seja, uma espécie de empoderamento entre os meios, com regras determinadas e, posteriormente, a serem seguidas e impostas valores.

Trazendo para a realidade dos processos comunitários, estes, por sua vez, possuem normas e determinações para que possam prosseguir com o seu funcionamento; logo, o fator da etnicidade dentro dessa realidade se insere de maneira simbólica para que os agentes que fazem parte dela possam ter maneiras de conduzir suas realidades e assim viver de acordo com os valores estabelecidos.

Destacando a etnia cigana²⁰, eles possuem suas próprias regras, sua maneira de viver em sociedade com suas legitimações. Contudo, nas entrelinhas deste processo, podemos perceber que tais regras foram estabelecidas sob a ideia de campo, não tão somente por eles, mas sim em prol da luta pela sua sobrevivência, numa sociedade imposta por regras, mas que não são para todos. É necessário então que criem seus meios de vida da forma que é possível, dentro do “*campo social*” que está ao seu alcance.

Então, criar suas próprias regras dentro de determinados espaços relacionais é algo que vai muito além da compreensão superficial de campo, Bourdieu expande este conceito trazendo a percepção de que existem regras que todo sujeito devem seguir, mas são regras dual entre dominantes e dominados, e assim segue o movimento da sociedade, seja ela dentro de variações simbólicas ou não, o que realmente não se pode deixar de analisar é que nem todos tem a possibilidade de ser um “agente social”, precisam recuar-se e criar alternativas para viver dentro dessa sociedade com poder estrutural.

2.2.2 Poder estrutural II: O *habitus*, os aspectos do movimento social e as representações

Senhor cidadão. Eu e você temos coisas até parecidas. Por exemplo, nossos dentes, senhor cidadão, da mesma cor, do mesmo barro, senhor cidadão. Enquanto os meus guardam sorrisos, senhor cidadão, os teus não sabem senão morder. Que vida amarga. (TOM ZÉ, 1972).

A citação acima, trecho da música do cantor e compositor Tom Zé, intitulada “*Senhor Cidadão*”, escrita e cantada no ano de 1972 durante o processo político-social o qual foi considerado um dos mais obscuros da história do país, a ditadura militar (1964/1985), mostra, mesmo metaforicamente, como os indivíduos em sua Ontologia do Ser²¹ são semelhantes.

²⁰ Além de ser o tema central desta tese, a etnia cigana foi citada justamente por ser uma minoria étnica que, para muitos, possui a liberdade de ter suas próprias regras, como se fosse a expressão clara do conceito de campo. Mas o preconceito, a discriminação e principalmente as perseguições, fizeram com que criassem formas de viver na sociedade, mesmo com grandes embates (MOONÉM, 2007).

²¹ Teoria ou construção analítica do filósofo, político e escritor, denominado por ele mesmo como marxista, G.Lukács (1885-1971). O autor da obra filosófica “Para Uma Ontologia do Ser Social” (1960) desenvolveu o método de análise humanista, onde diz que as estruturas sociais regem a vida do sujeito na sociedade, este por sua vez enquanto pessoa; enquanto ser humano.

Se é que existe um fator que limita essa “semelhança”, ou seja, dentro da realidade social vivenciada atualmente, somos separados por classes, categorias ou até mesmo classificações. Tais distinções são circunscritas aos que possuem e aos que possuem o que poucos possuem²², mostrando um poder estrutural entre os meios (BOURDIEU, 2007).

A forma em que os “membros” que fazem parte da sociedade se movimentam em seus respectivos lugares, mostra de fato como as relações sociais podem ser configuradas em seus contornos analíticos sobre representações e se oferecem mediante aos condicionamentos sociais. Desse jeito é possível identificar onde o *habitus* está, na prática, em nossa realidade.

Em meio a forma em que os processos de sociabilidade se mostram, Bourdieu traz o conceito de *habitus*, o qual se cinge basicamente no fator que suscita as práticas sociais que por sua vez, resultam em nossas ações (ou seja, na condição de agente social), dessa maneira compreendemos a realidade social.

Existem processos históricos os quais explicam este conceito bourdieusiano,

[...] é com o estudo da obra ‘Arquitetura Gótica e Escolástica: sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na Idade Média (1951)’, de Erwin Panofski para qual escreve o posfácio de edição francesa em 1970, que Bourdieu formaliza o conceito. O interesse de Bourdieu pela obra de Panofski com tal conceito busca estabelecer uma relação entre pensamento escolástico e arquitetura gótica[...] além disso, encontra por meio de Panofski a possibilidade de utilizar o *habitus* como um conceito deposicional, uma vez que encontra naquele autor a possibilidade de transformar o conhecimento coletivo em inconsciente individual. (CORTÉS, 2016, p, 57).

Podemos afirmar que na sociedade há diferentes classes sociais, como a classe de trabalhadores, classe burguesa, dentre outras. O *habitus* pode ser traduzido como pequenos conjuntos de capitais em que os indivíduos como são produtos da intersecção, parcialmente independentes, e que absorvem todo processo.

²² Na minha ótica, essa colocação de “possuir e não possuir” mostra como nós, sujeitos sociais, são classificados ou separados entre aqueles que têm e os que carecem do “ter”. Uma condição de vida mais digna para poucos, contrastando com uma situação emergencial para a maioria. Essa forma desigual de práticas sociais mostra como o *habitus* bourdieusiano pode ser tão importante para a compreensão dos fatos que se assemelham às nossas ações, mesmo quando somos impostos a agir de determinada maneira.

Trazendo para o ponto central desta tese e em termos de representações, podemos mostrar, na prática, a expressão do *habitus* – um sujeito social que está inserido em determinado contexto, absorve o modo de ser dentro de sua realidade e conduz a sua vida dentro daqueles parâmetros. Já outros sujeitos sociais que estão inseridos em um contexto à parte, como os ciganos, podem absorver o modo operante do sistema em que estão inseridos. O *habitus* é um sistema que possui uma amplitude, na qual o indivíduo absorve o que está ao seu redor; diz respeito às estruturas em que este sujeito está inserido e conduz, de maneira representativa, sua vida.

Portanto, o *habitus* bourdieusiano mostra que existem formas de viver em sociedade de maneira estratégica, de acordo com a posição em que o indivíduo se encontra dentro da sociedade, permite os pensamentos e ações. A matriz do *habitus* é justamente a forma em que as estruturas sociais se desenham, refletindo na vida dos agentes sociais, estes por sua vez são, também, canalizadores desses contornos.

2.2.3 Poder estrutural III: Os agentes sociais dentro das condições e questões do “capital”

Tratando-se de pensar o mundo social, nunca se corre o risco de enxergar a dificuldade ou as ameaças. A força do pré-construído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural. (BOURDIEU, 2012, p. 49).

Como já mencionado, agentes sociais, para Bourdieu, são os sujeitos que agem, que fazem acontecer e que norteiam resultados e formas de sociabilidade e também individuais dentro das relações, não só humanas, mas sociais. É importante destacar que o centro de sua análise está na compreensão de como se dá, como norteia e configura as desigualdades sociais sobrepostas às formas de poder(res) que, além do campo e do *habitus*, tem o capital.

Nos conceitos bourdieusianos vistos até agora a noção de “campo e *habitus*” permitiu enxergar, de maneira expressiva, como ocorrem os processos de construção vistos na sociedade e desencadeados pelos agentes sociais; como lidam com as contradições oriundas dessas formas junto com as oscilações que, por sua vez, é uma constante na sociedade. A dicotomia entre espaço social e força é expressão clara do constructo teórico do capital por Bourdieu.

Refletimos então sobre a sociedade onde o campo nada mais é do que um espaço em que, justamente pelas relações sociais serem determinadas pelos agentes sociais, torna-se espaço de disputa e de luta pelo poder; por conflitos e principalmente por ações que visam ao monopólio e dominação a determinados grupos, por isso a ideia de uma sociedade estratificada, pois os próprios agentes sociais são os que a subdividem entre dominantes e dominados.

Trazendo para a prática cotidiana, um trabalhador, chefe de família, que precisa ganhar um salário para sobreviver e poder manter a sua prole, trabalha, muitas vezes, em dois ou mais lugares para poder oferecer o mínimo de dignidade à sua família e também poder ter um pouco dessa dita “dignidade”, sabe que está sendo explorado e dominado.

No entanto, não vê outro a não ser estar na condição de dominado para não sofrer ainda mais as consequências das relações de poder nos espaços sociais os quais afirmam que ele está inserido. Já outro trabalhador, que tem consciência de sua condição de explorado, possui uma visão crítica de como se dão essas relações de poder e sabe que é estrutural, decide não mais ser tão explorado e então inicia uma luta pela busca por seus direitos (que inclusive são discursados, inserido em políticas sociais e estrategicamente praticados pelos agentes sociais entre seus meios). Começam então os conflitos, a reação dos outros membros do espaço social que, para continuar no poder, fazem o possível para que não tenha problemas que ameacem este dito poder e ponham em questão.

A partir daí, os conflitos se iniciam com intensidade, o dominante fará de tudo para que continue sendo “o dominante”, assim como também fará o possível para que o dominado continue na condição de “dominado”, não importa como e de que maneira será feito, mas em hipótese alguma eles deixarão essa estratificação acabar. Então, uma análise reflexiva: Quem são, de fato, os agentes sociais que constituem os espaços sociais? Todos possuem a mesma condição de dominarem ou existem sujeitos que já nascem numa condição de vida com poucas (ou quase nula) oportunidades que não possuem a oportunidade de “agir”, reforçando a ideia de sociedade duramente estabelecida em seus papéis? Bourdieu, para poder compreender melhor a ideia de “capital”, apresenta uma espécie de “subdivisão” entre eles: o **capital cultural**, **capital econômico** e **capital social**:

- a) **capital cultural:** representa a posição em que se encontra um agente social em seu meio, ou seja, como a cultura de um agente social determina o seu lugar nos espaços. Trazendo para a realidade na prática, significa o “berço cultural” de onde veio um determinado sujeito e como ele irá utilizar essa cultura a seu favor e impô-la aos outros, dando continuidade à condição de dominante e dominado na sociedade. Em termos pontuais, um estudante que passou toda sua vida numa escola que ofereceu uma educação didática considerada satisfatória aos moldes da sociedade terá mais chances de entrar em universidades renomadas ou em cursos de graduação que são muito disputados, que um estudante de baixa renda, que passou sua vida acadêmica em escolas públicas (com referência ao Brasil), sem uma base teórica que o preparasse para disputar com alunos que vieram dessa realidade acima mencionada. Assim, se dá todo o processo cultural da sociedade;
- b) **capital econômico:** para Bourdieu, o capital econômico nada mais é que os recursos que os agentes sociais possuem para viver, ou seja, bens, dinheiro. Este então representa a estratificação da sociedade, o que é a classe burguesa, qual é seu lugar nos espaços sociais. Em termos, é o agente social que está na camada mais alta da sociedade e que determina como deve ser conduzida algumas questões inerentes a ela, ou todas, por assim dizer;
- c) **capital social:** é a forma em que se configura a relação dos agentes sociais entre eles, com a finalidade de manter o poder concentrado. São os contatos, os meios de interação e socialização entre indivíduos que fazem “do topo da pirâmide” da sociedade para unir (estrategicamente) seus poderes e monopolizá-los. É uma espécie de “cartel” entre eles para permanecer em sua categoria de dominante.

Mediante tudo isso, podemos perceber que não há dúvidas de que existe subdivisão (ou subdivisões) na sociedade, a questão é até que ponto os direitos são violados por causa dessas relações. Bourdieu faz críticas relevantes para o entendimento das formas de poder presentes na sociedade contemporânea, quem mais sofre com toda essa forma desleal de sobrevivência são as minorias, em destaque aqui, sem dúvida, a minoria étnica.

2.3 “MÃOS QUE OFERECEM MÃOS QUE RETIRAM”: BREVE DISCURSO DA (DES)ORDEM DOS DIREITOS HUMANOS

Olá, como vai? Eu vou indo e você, tudo bem? Tudo bem, eu vou indo correndo pegar meu futuro, e você? Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono tranquilo, quem sabe? [...] Me perdoe a pressa, é a alma dos nossos negócios. Oh! Não tem de quê, eu também só ando a cem. (PAULINHO DA VIOLA, 1970).

O trecho da música acima citada que tem como título: *Sinal Fechado* nos conduz a refletir sobre uma série de fatores que compõem as relações de poder da sociedade e como nós, agentes sociais, lidam com essas questões e conseguimos sobreviver a elas, mesmo diante de tantos desafios e, acima de tudo, incertezas, dentro de um cenário que pode ser considerado caótico em muitos pontos.

Iniciar, independentemente da situação em que transportou e/ou provocou um levante analítico dessa natureza que, de certa forma, configura um parêntese e, conseqüente a expressão de fatos sociais neste estudo, da maneira que está sendo descrito (se é sequencialmente sobre inclusão *versus* exclusão dentro da estrutura de um sistema que pode sofrer mudanças correndo o risco de levar a um problema que se centra no discurso da ordem e do direito). Ou, do ponto de vista que pareça ser, invertendo as palavras que dão ênfase ao título – um sistema (des)ordenado, por assim dizer, é um grande desafio, pois o maior problema que prevalece nessa questão. São as demandas de legitimidade dos direitos inerentes à pessoa humana num cenário com todos os problemas existentes, assim como a problemática individual *versus* social, quando nos deparamos com questões de inclusão de um sujeito a um meio.

A situação do discurso da ordem, da alteridade e dos direitos humanos no século XXI, independente do segmento, está cada vez mais tomando uma dimensão tão grandiosa que se expande dentro de um círculo complexo de compreensão, pela forma em que o cenário propicia uma espécie de nudez ou da pseudoautenticidade de ações e opiniões que, por ora, não deixa dúvida de que são estratégias para ganho de “adeptos”, independentemente se haverá ou não conseqüências que tragam consigo o sistema do caos.

A ambivalência dos discursos estratégicos partilha, muitas vezes, uma falsa ilusão dos direitos humanos. Os delineamentos de algumas formas de análise de direitos voltados a segmentos populacionais e conseqüentemente teorias advindas de realidades que não podem mais ficar escondidas atrás das cortinas do preconceito, mostra claramente uma mão (no sentido simbólico), retirando de maneira abrupta, muitas vezes violenta, estes ditos direitos, independente da forma, seja na negação daqueles determinados por lei, ou de um discurso conservador (e intencional de barganha); contrário ao que está à frente dos nossos olhos, falado e militado por teóricos que estudam, não apenas sob a visão de fenômenos sociais, mas sim de cotidianos, de vidas, que representam muito mais que uma pesquisa, uma teoria.

Toda essa forma de criação de retóricas, de ações, de conjecturas ou até mesmo conceitos sob bases humanistas, pode representar um caminho difícil de entendimento, uma vez tendo um arsenal de direitos oferecidos, por um lado, por outro, o dobro deste mesmo arsenal é retirado; basta modificar o foco de quem a oferece e o rumo de algumas questões que vão de encontro aos interesses de uma camada social. Onde se encaixa os direitos humanos das minorias (inclusive sob bases do discurso (étnico-racial) dentro desse processo?

É necessário realizar uma explicação prévia da contradição e emergência dos direitos humanos numa sociedade que oferece e retira os ditos direitos em velocidade pasmosa. Tão logo, este “manifesto” objetiva refletir sobre o discurso contraditório dos direitos humanos, vinculando a algumas ações estratégicas que, ao mesmo tempo em que se tem uma “pregação” de universalidade dos direitos, há uma retirada, muitas vezes camuflada dos mesmos, na tentativa de compreender o que realmente há de concreto em alguns contornos deste processo.

O que é importante ter sempre na linha de reflexão é que a equidade e acessibilidade, inclusive intelectual de formação de opinião dos direitos, são para todos, mesmo contrariando a estrutura de um sistema que toma para si o poder de decisão de todas as formas de aprofundamento de reflexões, indo de encontro à interculturalidade e direitos humanos, como diz Santos (2009).

Um recente acontecimento não pode deixar de ser citado aqui (mesmo talvez desviando – ou não – do centro da pesquisa) como a expressão clara da tentativa de retirada do direito de pensar do indivíduo como sujeito social.

Tal processo não fica distante de ser uma violação do princípio dos direitos humanos, uma vez impedindo que uma pessoa enxergue a outra humanamente, expressa na “campanha” (se é que pode ser chamado dessa maneira) para que a filósofa Judith Butler não pousasse em “*solo brasileiro*” em momentos muito delicados de “*gente cortada*” como diz Carlos Drummond Andrade (1945) para, mais uma vez, expor nada mais que a realidade cotidiana da sociedade, apenas traduzidas em suas teorias da “Ideologia de Gênero” dentre outras. Essa pontuação pode ser claramente associada a inúmeras outras reflexões sobre retrocessos, estagnações e preconceitos mantidos, para que assim o homem continue sendo a “massa de manobra”, produzindo e reproduzindo as relações sociais e a dualidade “dominante e dominado”.

De certo que todos possuem o direito de expressar sua opinião, concordando ou não. A incoerência está na inconsistência da explicação, conseqüentemente, na tentativa de usar a sociedade como massa de manobra (para ideais altamente conservadores e, além do mais, atribuindo a uma pesquisadora todo caos que o país vive em sua história de formação da sociedade, isso é a violação do direito de liberdade de expressão de suas opiniões, com um falso discurso conservadorista e corrupto (no sentido de corromper o livre pensar), de achar que o politicamente correto é a manipulação de todas as faculdades humanas.

Como então oferecer e retirar imediatamente os chamados direitos? Sabemos que direitos do homem é algo que vai além de muitos discursos estrategicamente engessados sob uma fumaça de distorções de conceitos para manter uma ordem que só na ótica de quem as promove, existe. Infelizmente, a representação da minoria serve como massa de manobra. Em tal situação, há uma exceção do que é a minoria, sua importância, para os objetivos da maioria. Mesmo as pessoas “passíveis de luto” podem servir para criação de massa, após todo o espetáculo, podem voltar outra vez à exclusão e adentrar no cenário do *Quadros de Guerra*, obra da então Judith Butler (2016). Não há dúvida de que as mãos que oferecem os direitos são as mesmas mãos que os retiram, promovendo uma desordem dos princípios humanistas e seus direitos. Todavia, os direitos existem, precisam ser consolidados e justos, independente da condição social em que o sujeito se encontra.

3 ENTRE “VELHOS” CÍRCULOS CIGANOS: MOVIMENTO EPISTEMOLÓGICO E SOCIAL

Certas histórias não se perderam. Conheço bem esta casa, pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se, a sala grande conduz a quartos terríveis, como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido na mesa, conduz à copa de frutas ácidas, ao claro jardim central, à água que goteja e segreda o incesto, a bênção, a partida, conduz às celas fechadas que contém: Papéis? Crimes? Moedas? (CARLOS DRUMMOND ANDRADE, 1945)

Nas trilhas históricas, sociológicas e antropológicas percorridas pelos ciganos no Brasil, desde sua chegada no século XVI, no início da colonização portuguesa (ADOLFO, 2017) até os dias de hoje, os inúmeros embates sociais encontrados por eles, representando as duras pedras em que pisam para ter um pouco de representatividade (frisa-se a dignidade), traduzidas pela forma como são interpretados, mesmo com as relações sociais cada vez mais “civilizadas” ou, por assim dizer, voltada ao discurso dos direitos humanos - a chamada sociedade contemporânea.

A questão da identidade como algo ainda indefinida no século XXI, mesmo com a “aceitação” de que é um grupo étnico que possui suas histórias, vidas, memórias, conflitos, famílias e filosofias a seguir, os ciganos ainda são vistos como pessoas à margem da sociedade. Como “o outro” para os sujeitos sociais que por ora, a protagoniza; em termos mais específicos, os indivíduos que não os enxergam como pessoas, no sentido epistemológico do termo e de movimentos imanentes.

Ao levantar análises sobre o discurso de quem é outro e o que realmente representa este “outro” para a sociedade, os ciganos por sua vez estão no centro deste embate, por seus valores culturais que perpassam gerações vistos pela forma como vivem, pelas suas experiências de vida, pelas diversas maneiras de enxergar o desenho de sua existência, onde se tem em suas relações humanas a expressão maior do seu livre pensar, mas um pensar que ainda possui um preço alto para eles; é como se estivesse tratando de temas em “retalhos” para tratar de outros temas muito intensos e que também estão cortados.

Está claro que o cigano ainda é muito discriminado, separado do protagonismo e empoderamento da sociedade, mas, eles também possuem sua maneira de enxergar a sociedade, logo, há uma reação desse grupo étnico a todo esse processo, conduzindo-os a enxergar os não ciganos (*gadjés*) como o outro para eles²³.

Não há como não pensar nas seguintes questões: o outro para os ciganos podem representar uma ameaça? O outro pode ser superior, inferior e/ou semelhantes a eles? Ou o outro é simplesmente o outro? Sem dúvida, representa velhos círculos dessa etnia que tem a valorização da sabedoria de vida como o principal legado, inclusive as ideias do “outro” é fruto da forma em que conduzem suas vidas, inclusive em espaços de resistência.

A inserção de perguntas norteadoras das questões sobre a temática dos ciganos em seu processo de legitimação caracteriza um momento propício para efetuar a análise do tema. Decorrendo da noção de que, nos campos acadêmicos – científicos, retomaram essa discussão em face da solidez de uma incorporação da concepção de transição de alguns padrões preestabelecidos difundidos na sociedade. Há uma escassez de pesquisas científicas a nível nacional sobre esse povo.

Fazendo um breve relato histórico da discussão, Barros (2006) afirma que a tomada das práticas de sua análise no âmbito sociológico expandiu-se a partir da década de 1960, reiniciando sua caminhada pelo século XX, tomando amplitude a partir de informações relevantes para compreensão do discurso sobre direito a ter direitos. Entretanto, quando se fala em ciganos, há uma espécie de “falsa ilusão” de políticas de proteção social cidadã, além de suas histórias de vida serem contadas erroneamente, fruto de uma sociedade excludente e preconceituosa.

Mesmo perante a complexidade, o tema está na pauta de importantes discussões, focando basicamente na análise dos seus novos moldes e efeitos na sociedade, partindo da premissa de que os principais atores sociais que lidam com as consequências dessas mudanças envolvem uma conjuntura abarcada por questões de gênero, de grupos, de papéis sociais e também de idade (BARROS, 2006).

²³ O sentido da palavra “outro” para os ciganos neste estudo, representa a forma como eles reagem às ações dos não ciganos que por sua vez, os interpretam, também, como o outro para a sociedade. Este olhar é fator preponderante na história dos ciganos em toda escala global.

Em vias para compreensão do assunto, é importante deixar claro que os problemas da sociedade se originam das relações sociais e não individuais, logo, no âmbito do “outro”, essas relações estão presentes e podem ser redefinidas, princípio da tolerância sob diversos ângulos, podendo ser visto brevemente na obra de Voltaire (2000).

Nas investigações sobre a forma em que os ciganos são enxergados como “o outro”, pensar a multiplicidade de conceitos sobre o debate na sociedade contemporânea requer uma análise mais sucinta das principais mudanças ocorridas em sua composição ao longo do processo histórico de modernização, decorrente da industrialização e urbanização da sociedade (GIDDENS, 1991). Tal assertiva indica que haja possibilidades de compreensão dessa forma de analisar etnias, como a cigana, tema de análise deste estudo.

Contudo, há inúmeras formas de interpretação de realidades (não cabe na sociedade enxergar de forma linear sobre essa questão). A mesma possui peculiaridades que requer uma profunda reflexão crítica, cabendo à observação de que não existe conceito único de cigano, justamente pelas grandes contradições inseridas neste contexto. Partindo desse viés, os “*contornos teóricos sólidos*” (HAGUETTE, 1997, p.21) (grifos nossos) estão presentes e não podemos deixar atrás das cortinas ou no quarto escuros dos fundos de uma casa consideravelmente grande, que impossibilita o acesso a este cômodo.

É necessário entender que não há mais como esconder que os ciganos são também agentes protagonistas da construção da sociedade e não apenas o outro. Entretanto, reage aos ataques ideológicos como enxergando os demais membros da sociedade também como “o outro”, aqueles que não fazem parte de sua essência.

Um importante ponto relevante para compreensão do discurso do outro é a análise do conceito de cultura nas ciências sociais comentada por Bauman (2012), onde alcança uma forma de compreensão deste assunto que vem acompanhado de maneira contraditória na sociedade, mas se fazendo necessário uma leitura com mais intensidade.

A forma como Bauman (2012) enxerga a temática é bastante oportuna para analisar o debate. Nas suas reflexões há uma forte tendência em perceber que houve um processo de desconstrução do conceito de cultura na sociedade, resultante da fragilização do mundo pós-moderno, afirmando que a sociedade constituída pelos homens não possui a cultura de dar continuidade ao passado, para ele, há uma necessidade do homem se renovar. Todavia, com a etnia cigana, a valorização da história de vida e sabedoria, destacando as dos mais velhos caracterizam a referência de vida para eles.

A própria sociedade se permite adentrar num processo de desarticulação para se rearticular, mas, com suas limitações e restrições os quais envolvem questões sociais, culturais, simbólicas e ideológicas que representam, na visão de Bourdieu (2010), uma forma de dominação da realidade em suas relações sociais. Essa afirmativa pode ser complementada por Haguette (1987, p. 20) onde põe em evidência que a “ação social é fundamental na configuração da sociedade”. Ou seja, a ação do homem na sua coletividade de certa forma repressora determina os acontecimentos sociais. Considerar essas mudanças numa perspectiva funcionalista durkeiminiana implica de imediato na contraposição desse contexto, em termos, análises e em contrapartida, o dialogismo barkthiano explica que o outro é sempre importante na construção de um sujeito.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2010, p. 11).

Diferenças existem, desde o início da história da sociedade, mas histórias singulares de vida jamais podem ser apagadas ou desvalorizadas, esses indivíduos precisam estar inseridos nessa realidade. Outro fator importante é o não preparo e/ou a intolerância da sociedade para lidar com a diversidade, isso sem dúvida é o que gera uma série de conflitos raciais, étnicos, religiosos, dentre outros.

Tratando – se dos ciganos, antes de tudo, é importante citar uma passagem que merece destaque, onde Toscano (2016, p. 286) ressalta que,

Costa (2016) apresenta tal como Pieroni (2006) o sujeito cigano como um elemento colonizador e, como tal, construtor da formação populacional brasileira. A historiografia nunca levou em conta esse detalhe, principalmente pela permanente rejeição social que todos apresentam em relação a esse contingente. Mota (apud COSTA, 2016, p.1) assinala esse fato justificando os estudos que apontam as culturas ciganas como importantes a serem estudadas.

O panorama de discussão dos direitos humanos sem dúvida está numa escala paradoxal. Por um lado, se tem a retórica de que os direitos inerentes à pessoa humana são invioláveis. De outro, o princípio do referido direito, em tempos atuais, permanece na condição de confusão e deturpação de conceitos e interpretações, sendo comum a percepção da violação dos valores e dos direitos humanos, como afirma Benevides Soares (2003), no momento em que diz que, há manobras e jogos de interesse atrás das vestes do discurso desses direitos.

Fundamentado a isso, pode-se afirmar que há grandes indícios de todos os discursos serem contraditórios, inclusive o exercício dessa preconização dos direitos humanos em aspectos sociais que merecem destaque, a vulnerabilidade de questões étnicas dentro da ética (que se entrelaçam ou distanciam) e todas as questões advindas do processo, como a negligência no próprio âmbito da instituição estatal, a discriminação e violência sob várias configurações. Seja institucional ou estrutural, como forma de perceber questões que ainda são bases para reflexões, interpretações e possíveis intervenções dentro desse panorama social atual (ELIAS, 2011).

Para destacar, é possível compreender a complexidade entre teoria e prática, partindo do que Benevides Soares (2003, p. 9) diz quando, em seu discurso, deixa claro que, “os direitos humanos são direitos sem fronteiras” e sem imposição de etnia, cor, sobretudo condição social. Todavia, o que se presencia no cenário social contemporâneo é que, no cotidiano, não transparece como na retórica, logo, o distanciamento entre o discurso e a prática se tornam cada vez mais presentes na sociedade em tempos de emergência das relações sociais. Os fatores da condição social da etnicidade, impedem que tais fronteiras se cruzem, mantendo uma espécie de estranhamento do outro, em termos gerais.

São inúmeros os conceitos atribuídos ao indivíduo condição de pessoa que promove a relação entre os meios e conseqüentemente os direitos humanos, mas, de fato, como está se dando este processo de significação dos direitos inerentes à pessoa humana? Quando se fala em direitos humanos, não há como não pensar nas roupagens do exercício da cidadania e das violações dos direitos. Este segundo, por sua vez, está no centro das discussões atuais, possui diversas configurações, dentre elas a violência, seja institucional ou estrutural. Tais tipos de violência podem estar presentes nas relações sociais e/ou na forma como o sujeito absorve determinados comportamentos e atitudes do outro com relação à sua forma de ser, de pensar e de agir.

Os ciganos estão inseridos nessa realidade de uma forma significativamente grotesca, o senso comum os enxerga entre pares de oposição; há fortes denominações para este grupo étnico, destacando:

- a) Os costumes e o modo de ser contrastante com a sociedade não cigana;
- b) Etnia que causa temor e fascínio;
- c) A resistência social de aceitação de uma identidade;
- d) As dimensões subjetivas discriminatória da trajetória de vida dos ciganos.

O discurso dos direitos humanos e do indivíduo na condição de pessoa nesse processo possui grande representatividade para grandes discussões, sendo essa uma análise paradoxal sobre o “direito a ter direitos” como diz Hannah Arendt (2018). Não há dúvida que a condição de pessoa dentro de uma cultura e sociedade, inserido no discurso de etnia e direitos humanos, destacando os ciganos, representa um grande paradoxo perante muitos que essa temática possui, mostrando então, mais uma vez, a emergência das relações sociais e acima de tudo, humana.

Os caminhos dos pés andarilhos estão cansados de tentar ser acolhidos pela sociedade, sem preconceitos, sem discriminação, sem o falso discurso de que direitos são para todos, é preciso a legitimação deles, a execução, o reconhecimento de que uma nação é composta por povos, inclusive ciganos.

Ainda há muito a questionar, refletir, tecer análises críticas acerca de todo panorama social em que vivemos, mesmo diante de fatores que influenciam na forma em que o sujeito se coloca enquanto pessoa que dispõe dos direitos inerentes a ele, ou daqueles que as violações são desumanas e desleais, sendo cada vez mais uma problemática que necessita, não somente de aprofundamento teórico, mas de visão crítica interventiva dentro desse panorama da realidade social.

3.1 APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO COM A HISTÓRIA E PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE

Toda história dos ciganos é, na verdade, uma viagem nas línguas, nas estéticas, nas políticas antivagabundos e antiartistas, nas religiões, nas concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos, sucessiva e contraditoriamente, tiveram contato. Nisso a universalidade dos ciganos se manifesta. (TEIXEIRA, 2009, p. 22).

Todos os sujeitos que produzem e reproduzem as relações humanas, segundo Bourdieu (2012) são agentes sociais, ou seja, aquele que age, que contribui para o processo de sociabilidade, sendo assim, são partícipes de toda construção e história da convivência coletiva. Trazendo à análise de um povo em sua especificidade, o discurso sobre o delineamento de sua etnia é de suma importância.

Antes de qualquer atividade, compreender que todos os indivíduos possuem singularidades perante a sociedade, mesmo àqueles que, pelas representações sociais não detêm visibilidade significativa, isso implica numa série de separações de conceitos e principalmente na criação de alguns paradigmas.

Determinados comportamentos da sociedade implicam na decisão pela visibilidade ou invisibilidade de alguns sujeitos, merecendo destaque, pelo teor da análise, os ciganos, inserindo nessa realidade àqueles que possuem mais experiências de vida, vindo então à necessidade da seguinte indagação: por que há existência de inúmeros conceitos sobre essa etnia e, ao mesmo tempo, a invisibilidade entre os meios, mesmo fazendo parte do processo de construção da sociedade?

Os ciganos, assim como todos os agentes sociais, fazem parte da construção da sociedade, independente da forma em que se configura este método, isso é um fato.

A raça/etnia²⁴ dos “*Rhomá*” possuem sua história abarcada de grandes perseguições e as chamadas “ondas migratórias” ao longo de sua caminhada pelo mundo. Sua forma “peculiar” de viver possui explicações concretas que por ora, permitirá a compreensão de fatores determinantes entre suas “rodas andantes” atreladas às narrativas.

A história dos ciganos se confunde com a história dos locais por onde passaram e passam, por isso, muitas vezes, os embates de interpretações são tão concentrados num dado discurso antagônico do que realmente são e/ou representam para a sociedade.

Ian Hancock (1972 *apud* CAPELLA, 2017), cigano, professor e pesquisador sobre migrações da Universidade do Texas, em seus diversos estudos, explica as ondas migratórias do seu povo. Afirma que a primeira dispersão dos ciganos pelo mundo decorreu das,

Invasões comandadas pelo sultão persa Mahmoud de Ghanzi, no século XI. Mahmoud conquistou e pilhou diversos templos e cidades, entre elas a cidade sagrada de Kannaju, em suas dezessete invasões ao subcontinente indiano. Fez, segundo consta, milhares de prisioneiros nessas incursões, vendendo-os posteriormente como escravos aos persas, que, por sua vez, os teriam revendido no leste europeu [...] é justamente da região do Punjab, no noroeste do subcontinente indiano, que se acredita que os rhomá partiram rumo ao oeste, em direção ao Ocidente (CAPELLA, 2017, p. 26).

A partir de então, diversas ondas migratórias houve entre os ciganos por todo o mundo, fazendo com que houvesse, por um lado, a adoção de alguns costumes dos locais onde vivem para que sejam aceitos, por outro, a luta por não deixar se perder

²⁴ A inserção dos dois termos “raça/etnia” simultaneamente neste estudo foi feita de forma intencional, uma vez, os ciganos sendo a junção de uma raça (pois envolve a questão biológica de fato) e de uma etnia (por ser um termo o qual está sob bases conceituais de cultura), que ainda perpassa por uma série de questões desafiadoras, inclusive os mais velhos. Este por sua vez, não só pela idade que logicamente descreve a luta para conseguir sobreviver numa sociedade de “dominantes e dominados”, mas também por resistirem e continuarem com as tradições e formas de viver de um povo que sofre com tantos preconceitos.

suas tradições, incluindo seu dialeto – *Romani*, a forma que conduz algumas questões familiares como casamento, luto, dentre outros e a valorização da sabedoria dos mais velhos dentro de suas comunidade e ou caravanas, este por sua vez sendo algo muito referenciado entre eles.

Antes de dar prosseguimento ao processo histórico de vida dos ciganos, é importante destacar seus subgrupos (ou etnias, por vises culturais) e a origem deles, pois, a sociedade no âmbito geral os generalizou. Entretanto, os ciganos, durante seus processos migratórios, formaram grupos de acordo com a realidade ora vivenciadas nos locais onde estabeleceram moradia, são eles:

a) Calon: São os ciganos conhecidos pelo “tom da pele escura”. Caló – “negro”. Tem sua origem advinda da Espanha, Portugal, Sul da França e Norte da África. Estudos apontam que foram os primeiros ciganos a pisarem em terras brasileiras no século XVI;

b) Sinti: ciganos de origem alemã, francesa ou italiana. Este “subgrupo”, se destaca pelas profissões variadas, além das ocupações que passam por gerações, a saber: joalheiro, músico e comerciantes.

c) Kalderash: São ciganos originários da Moldávia e da Valáquia (atual Romênia), possuem habilidades na confecção de armas de fogo, facas, panelas e demais utensílios para o lar;

d) Machvaya: ciganos de origem sérvia. Possuem habilidades na música, com instrumentos musicais como violão, violino, violoncelo, assim como o canto;

e) Rudari: oriundos da Romênia, alguns pesquisadores os atribuem a habilidades circenses;

f) Ursari: assim como os Rudari, também foram originados da Romênia.

Este são alguns subgrupos ou clãs ciganos. Existem tantos outros espalhados por toda esfera global, contudo, os descritos acima são os mais referenciados, não só por pesquisadores, mas também entre os próprios ciganos.

Voltando às reflexões sobre este grupo étnico, é oportuno, em primeiro momento, deixar claro que os ciganos possuem grandes contradições relacionais na sociedade. A relação entre o “eu e o outro” e os múltiplos olhares para o outro são complexos em termos de subjetividade humana, variando do contexto social que estão inseridos. A definição da origem cigana já é um forte indício de exclusão desse grupo étnico, pois, todos os escritos ciganos foram feitos por não ciganos, logo, havendo distorções em suas histórias.

Os ciganos por serem considerados nômades e ágrafos, não se preocupavam (e ainda não se preocupam) em escrever suas histórias, deixando isso como um forte legado para os mais velhos, são eles que detêm toda memória viva dos ciganos; morrendo, automaticamente a sua história é enterrada junto com eles e /ou disseminada de maneira equivocada.

A origem étnica do povo cigano é indefinida, contudo, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) e o Conselho Nacional de Promoção de Igualdade Racial (CNPIR) afirma que os ciganos são originários da Índia, a conclusão chegou-se através de estudos antropológicos de alguns países como a Grécia, Espanha dentre outros.

Embora a peça teatral de Gil Vicente em 1521 intitulada “*A farsa das ciganas*” faz menção à sua origem grega, estudos atuais já contradiz o que o autor teatral destacou, mas, pelo processo histórico perseguições e luta por sobrevivência, ainda é um tema a ser estudado de forma mais profunda e origem dos ciganos.

Hoje, estima-se que há 12 milhões de ciganos espalhados pelo mundo, sobrevivendo com a variedade de cultura, dialetos, histórias e estilos de vida (OMS, 2019). Há uma tradição de deixar para trás o passado, inclusive queimando fotos e pertences de quem já faleceu. George Borrow (1803 – 1881), escritor inglês que mesmo convivendo durante anos com os ciganos na Europa no século XIX, foi um dos disseminadores do anticiganismo, termo denominado para discriminar os ciganos, com discursos de que eles representam uma ameaça para a sociedade pelo seu caráter duvidoso. Ele afirmava que os ciganos eram um povo “mais traiçoeiro que existe na face da terra”.





























Através desses questionamentos, torna-se pertinente descrever alguns conceitos que a sociedade, no geral, possui acerca desse grupo étnico; os veem como sujeitos oportunistas, desonestos, feiticeiros, vingativos, astuciosos e temerosos (COSTA, 2006). Isso sem dúvida acarreta na discriminação desse povo, deixando-o à margem da sociedade, estreitando sua visibilidade, pondo em questão o fator identitário dessas pessoas como indivíduos que fazem parte do contexto social de construção dos meios.

É importante frisar que, embora haja um exagero nas definições, não é sem fundamento que elas existem, pelo fato de estudiosos afirmarem ainda ser indefinida a origem da língua falada (Romani), e por considerarem um povo nômade. Ademais, pelas histórias atreladas a eles, como o povo que não seguiu os ensinamentos do cristianismo, que foi um homem dessa etnia que confeccionou os pregos que pregou Cristo na cruz; que são descendentes de Caim.

A dispersão pelo mundo. Essas afirmativas foram alguns de muitos argumentos utilizados pela Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1934 - 1945) para eliminar esse povo, os conduzindo ao trabalho escravo e posteriormente, aos campos de concentração (VANELLI, 2010).

Com referência ao campo de concentração, os ciganos que foram para este local, além das terríveis ações dos nazistas (não somente com eles), os identificavam com a roupa inserida um triângulo marrom para identificá-los, como mostra a imagem a seguir:

Figura 4 – Triângulo de Identificação durante Segunda Guerra Mundial (1939/1945)

	Inimigos políticos	Criminosos Habitual	Estrangeiros trabalhadores forçados ou emigrantes	Estudantes da Bíblia (Testemunhas de Jeová)	Homossexuais e agressores sexuais	"Anti-sociais"	Roma (ciganos)
Cores básicas							
As inscrições para as repetidoras							
Reclusos de batalhões penais (em alemão: <i>Strafkompanie</i>)							
As marcações para os judeus							

Fonte: Triângulo do Holocausto (2020).

Figura 5 – Cigana *Sinti* com seu filho sendo conduzida ao campo de concentração em Auschwitz durante a Segunda Guerra Mundial



Fonte: Holocausto cigano (2020).

Sem dúvida, e como já frisado nesta tese, os ciganos são a minoria étnica que mais sofre perseguição no mundo. Durante todo o processo de construção da sociedade, esta etnia era (e ainda é, em alguns casos) considerada como pessoas ou grupos “grupos” que vivem à margem da sociedade por serem considerados, erroneamente, não só no Brasil, mas em escala global, pessoas de caráter extremamente duvidoso, por isso o nomadismo. Muitas vezes, não foi por vontade própria, mas sim por força de situações, destacando e expulsão de alguns locais nos quais tentavam estabelecer residência fixa.

Todavia, alguns conceitos, inclusive a questão do nomadismo, são pontos que estão sendo revistos atualmente, pois existem ciganos que possuem profissões e residência fixa, todavia, ainda mantêm seus aspectos culturais bastante vivos a exemplo festas de casamentos, comemoração do dia de Santa Sara Kali, padroeira dos ciganos, comemorado no Brasil e em alguns lugares do mundo no dia 24 de março, mulheres apenas usarem vestidos (MOONEN, 1995).

Ao mesmo tempo em que a sociedade criou conceitos negativos com relação aos ciganos, se apropriaram, de forma distorcida, dos seus costumes e tradições. Algumas religiões adotaram procedimentos e seitas aos povos dessa etnia, isso representa uma grande falta de conhecimento da forma como que esse grupo enxerga o mundo.

O que se percebe é que, pela confusão da interpretação dos costumes desse povo, há uma adoção de alguns papéis atribuídos a eles, mas que, quando parte para o aprofundamento da análise dessas atitudes, dificilmente há fundamento e/ou explicação concreta para isso (COSTA, 2006).

É importante destacar que isso mostra a emergência das relações humanas em compreender e respeitar a condição de um povo, atribuindo a uma série de questões, refletindo como está o panorama de ações sobre o que representa de fato uma realidade ou como ela está sendo criada, justamente para que seja excludente, para que cada vez mais se torne líquida, como destaca Bauman (2004), ou da necessidade de um espetáculo, como deixa claro Debord (1997), ou de uma espécie “tetragrama organizacional”, onde necessita de um caos para que, possivelmente haja redefinições, na ótica de Morin (2011), além do processo de civilização na visão de Elias (2011).

A sabedoria e a forma como esse povo respeita os mais velhos, ou seja, com mais experiência de vida é algo singular e que difere do contexto social contemporâneo em sua amplitude, onde o idoso é visto como um fardo, como um indivíduo que não possui mais o respeito e visibilidade em decorrência da sua limitação, os interpretam como uma anomalia na sociedade (NERI et al., 2009). A pessoa idosa cigana é valorizada pela sua sabedoria de vida, legado do tempo, eles estão à frente de decisões e mediam conflitos em seus clãs, independente de viverem como nômades.

Diante das explicitações, é importante destacar que o povo cigano, vinculado às suas experiências de vida diante do cenário social contemporâneo é uma discussão que necessita de maior compreensão, seja pela sua complexidade, ou até mesmo pela necessidade de uma leitura mais crítica e menos preconceituosa desse grupo étnico, para que assim haja mais equidade social, valorização e respeito às diferenças, independentemente de sua condição, em diferentes configurações.

3.2 A RESISTÊNCIA DA CULTURA E TRADIÇÃO EM TEMPO DE DIVISAS

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes? Em que mundo. em qu'estrela tu t'escondes. Embuçados nos céus? [...] Onde estás, Senhor Deus? [...] Se choro... bebe o pranto a areia ardente; Talvez pra que meu pranto, ó Deus clemente! Não descubras no chão [...] Escuta o brado meu lá no infinito, meu Deus! Senhor, meu Deus! (CASTRO ALVES, 1876).

Da história contada a fatos controversos; da “pureza” mística à impureza moral; de processos teóricos a práticas discriminatórias; da epistemologia convergente a métodos ao senso comum. Os ciganos, mesmo sofrendo preconceitos ao longo do processo histórico, sempre foram motivos de curiosidade pela sua maneira de viver, suas tradições, rituais, muitas vezes vistos de forma distorcida na sociedade.

Quem se propõe a pesquisar sua historicidade, precisa “despir-se” de muitos preconceitos os quais estão arraigados entre os sujeitos sociais, seja por causa do sincretismo religioso ou das nomeações que sofreram durante sua trajetória de vida atrelada às relações humanas.

Como já mencionado, os ciganos jamais escreveram algo sobre sua cultura e/ou seus processos de andanças pelo mundo afora, quem escreveu foram os não ciganos, os *gadjés*. Talvez por isso uma etnia repleta de contradições, discriminações e acusações as quais os acompanharam e ainda os acompanham ao longo dos séculos.

Em referência ao contexto histórico, segundo Barreto Júnior (2017), os ciganos chegaram ao Brasil no ano de 1574, trazidos de Portugal para trabalharem nos galés. Viviam em condições desumanas junto com os escravos vindos da África, mas como não eram somente de nacionalidade portuguesa, muitos originários da Espanha, França, Grécia e Índia, fugiam e se misturavam a outros grupos, principalmente aos serviçais da corte e a partir daí mostravam suas habilidades, fruto de suas experiências em outros países, destacando a confecção de panelas e demais utensílios de bronze, comidas exóticas, danças que chamavam atenção; também eram domadores de animais e talentosos com instrumentos musicais, além de deter agilidade em negociações, e assim logo ganharam alguns espaços na sociedade do Brasil do século XVI.

Com o passar do tempo, por troca de favores entre os membros da Corte, um número considerável de ciganos deixou de ser escravizado, espalhando-se por todo território nacional, destacando cidades em Minas Gerais, Maranhão, Bahia e Rio de Janeiro. Passaram a ganhar a vida lendo a sorte (papel atribuído às mulheres), fazendo pequenos serviços para membros da classe burguesa e utilizando de trabalhos que, por ora, ameaçavam quem estavam no jogo de disputa (pois os ciganos eram uma espécie de hiato dentro das relações de poder), começaram a ser perseguidos em todo território nacional, sofrendo discriminações e acusações como descrito no ano de 1902:

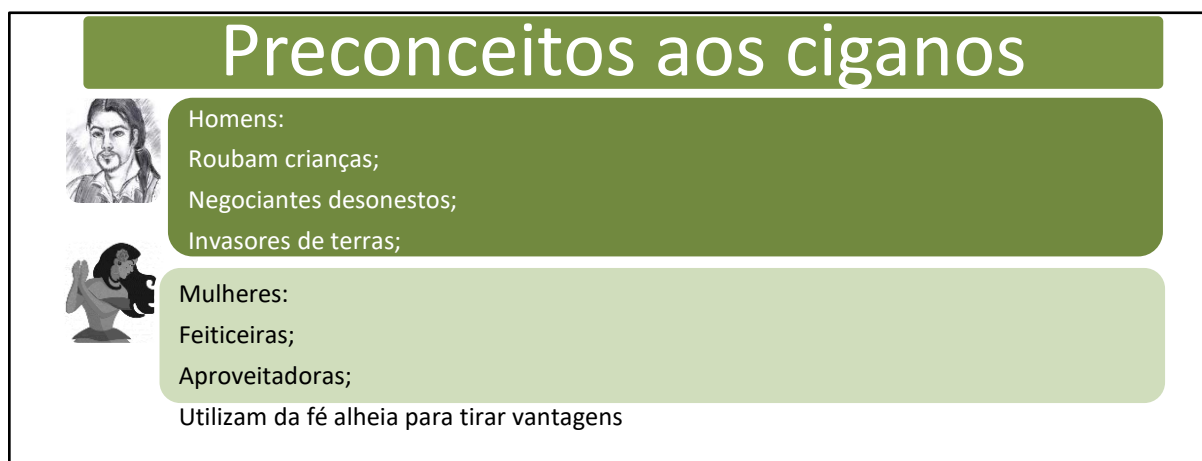
No encalço de três ciganos que lhes haviam roubado dois animais, chegaram a 4 de abril do ano transacto à povoação campestre, onde encontraram os ditos ciganos e os animais roubados. Como se opusessem os ladrões a fazer a entrega dos animais, travou-se um conflito. Chegando esses fatos ao conhecimento do delegado de Ubá, este seguiu para o lugar do conflito, onde ainda pode apreender os animais, fugindo os ciganos em direção à Serra da Onça. Continuou a autoridade a persegui-los com a força que levava até ao Distrito de Cataguarino, cujo subdelegado começou por sua vez a auxiliá-lo na diligência. (TEIXEIRA, 2009, p. 73).

Versando sobre a citação acima, sabe-se que o ocorrido não passou de mera estratégia dos “*gadjes*” para atribuírem roubos que estavam acontecendo em regiões brasileiras aos ciganos, na tentativa de expulsá-los do território nacional. No âmbito epistemológico, percebe-se que há um condicionamento de disputa de poder e de questões de simbologia (no sentido de criar estratégias de interesse das classes consideradas dominantes) para que haja apenas derivações de predominância e supremacia de poder, não permitindo deixar espaços para qualquer sujeito considerado intruso.

Essa forma de análise, sem dúvida, se encaixa no conceito de Bourdieu (2002) sobre as relações de poder simbólica, que, por sua vez, são baseadas no processo de dominação de classes, recorte da teoria marxista. Ambos os teóricos dialogam entre si sobre a questão de domínio de classes, assim como os meios estratégicos para sua consolidação, desencadeando uma violência, não só étnica entre os ciganos, mas sim simbólica, a partir do momento em que há ideais de domínio de classes que, ao praticá-lo, põe em questão a vida desses grupos, influenciando nos fatores sociais e até mesmo psicológicos desse povo, realidade vista com abrangência nos dias de hoje.

Logo, a história dos ciganos no Brasil é abarcada de preconceitos, perseguições, lutas territoriais, fugas, violências, dentre muitos processos os quais não há como não se ater como uma forma de legitimar o aparelho institucional de domínio de territórios, para que não haja espaço para nenhum “forasteiro” sem referência se instalar e demarcar território, o poder sempre foi a forma mais áspera (até mesmo violenta) para cercar espaços. Isso com o intuito de não permitir que determinados grupos se apoderem do que se diz ser propriedade de alguns, e os ciganos inseridos nessa “roda viva”, sofreram com encaços até os dias de hoje, com os embates para se viver numa sociedade em que o “diferente” não tem espaço, a não ser que seja algo que convenha à maioria, e não sendo, só há espaços para discriminações e violências.

Figura 6 – Principais denominações atribuídas aos ciganos



Elaborador por: Jeane da Silva Ramos (2020).

Na figura acima, as denominações as quais se atribuem aos ciganos mostram que, de fato, a violência simbólica está presente em todos os aspectos. Isso determinou (e ainda determina) a forma como os ciganos enxergam a sociedade no âmbito geral, já que, por sofrerem perseguições ao longo de todo processo histórico de sua existência, que segundo os historiadores, foi em 1.100 a.C. (MOONEM, 1994), eles criaram sua língua própria, o *Romani*, suas tradições que estão à parte de sua forma de interpretar a sociedade, assim como suas formas de se defender diante de ataques de *gadjes*. Afinal, se o cigano é o outro para a sociedade, quem é o outro para os ciganos? Tais questões podem ser analisadas, na prática, no processo de escuta das experiências dos mais velhos, trazendo então os movimentos históricos e epistemológicos desse povo.

Fazendo um breve relato histórico da discussão, Barros (2010) em seu livro intitulado *Família e Gerações*, afirma que, o recomeço das práticas da análise no âmbito sociológico expandiu-se a partir da década de 1960, reiniciando sua caminhada pelo século XX, ampliando a partir de então informações relevantes para compreensão do discurso. Mesmo perante a complexidade, hoje no século XXI o tema família cigana está na pauta das discussões, focando basicamente na análise dos seus costumes e estrutura (no sentido geral da palavra) seus e efeitos na sociedade, partindo da ideia de que os principais atores sociais que lidam com essa realidade envolvem uma conjuntura abarcada por questões étnicas, de gênero e de papéis sociais (BARROS, 2010).

Merece destaque o método de análise acerca da modernização da família realizado por Donati (2008), o qual afirma que tais pontuações originaram-se das críticas de um número significativo de “*estudiosos, sociólogos, psicólogos e teóricos*” (p. 29) que acreditam ser pouco provável que não haja uma perda da sua centralidade, pois, diante de diversos acontecimentos contraditórios dessa instituição, dificilmente a família terá os contornos bem delineados e representará o centro das relações sociais, e esse pressuposto analítico pode, sem dúvida, ser associado à vida cigana.

Em contraposição a essa demanda, Donati (2008) afirma que mesmo diante dessas mudanças a família está se adequando e se adaptando à realidade, ainda que muitas vezes aparente estar enfraquecida, sendo assim, sobrevivendo às transformações decorrentes desse processo. Destaca ainda que os problemas da sociedade se originam das relações sociais e não individuais, logo, no âmbito da família, essas relações estão presentes e podem ser redefinidas como princípio da sua Teoria Relacional.

Nas investigações sobre a problemática da etnicidade, pensar a pluralidade da família na sociedade contemporânea requer uma análise mais sucinta das principais mudanças ocorridas em sua composição ao longo do processo histórico de modernização, decorrente da industrialização e urbanização da sociedade (GIDDENS, 1991), para que assim haja possibilidade de compreensão da família nos dias atuais.

Contudo, este estudo terá limitações ao analisar todas as formas de família que compõem o “mosaico ideológico” cigano, pois a mesma possui peculiaridades que requer, nas palavras de Eco (2012), uma profunda reflexão crítica, cabendo a observação de que não existe conceito único de família, justamente pelas grandes contradições inseridas neste contexto.

Partindo desse viés, será feita uma abordagem das principais teorias que implicam no tema família e a convivência entre os ciganos, sustentando a ideia de que cada autor a ser mencionado possui uma concepção de sociedade, de família e relações sociais com seus “contornos teóricos sólidos” (HAGUETTE, 1992, p. 21). Em outros momentos serão analisados os principais contornos de “mosaico”, considerando os conformes das famílias ciganas.

Levantar discussões sobre a família em processo de análises pontuais, tendo como importante reflexo a questão étnica, nos dias de hoje, vem acompanhado de uma representatividade pela tomada da análise do tema no século vigente. Contudo, decorre seguido de uma série de confrontos com a interpretação desta instituição.

O primeiro ponto que acredita ser relevante para compreensão desse discurso é, a priori, a realização de uma análise do conceito de cultura nas ciências sociais explicada por Bauman (2012), onde alcança uma forma de compreensão deste assunto que vem acompanhado de maneira contraditória na sociedade, mas se fazendo necessário uma leitura com mais intensidade, pois a forma como Bauman (2012) enxerga a temática é bastante oportuna para analisar o debate.

Nas reflexões de Bauman (2012) há uma forte tendência em perceber que houve um processo de desconstrução do conceito de cultura na sociedade resultante da fragilização do mundo pós-moderno, afirmando que a sociedade constituída pelos homens não possui a cultura de refletir sobre os papéis sociais e a importância de famílias consideradas como “outros”. Para ele, há uma necessidade de o homem entender que as diferenças culturais existem e, por causa dessa forma de não argumentar sobre essa realidade, o caos social se dissemina na sociedade, permitindo adentrar num processo de desarticulação.

A família cigana do século XXI está em mudança, as quais envolvem questões sociais, culturais, simbólicas e ideológicas que representam, na visão de Bourdieu (2010), uma forma de dominação da realidade em suas relações sociais, caminho (com atalhos) para a violência simbólica. Essa afirmativa pode ser complementada por Haguette (1987) que põe em evidência que a “a ação social é fundamental na configuração da sociedade” (p. 20), ou seja, a ação do homem na sua coletividade de certa forma repressora determina os acontecimentos sociais.

Existem alguns autores, como Villadrich (1987) que, mesmo tendo escrito há duas décadas sobre o tema, traça um paralelo entre as famílias dos séculos passados com a família que está em processo de modernização, afirma que essas mudanças soam de forma negativa para a sociedade, deixando claro que esses “novos” padrões terão como consequência a perda da identidade humana uma vez que,

a família era imprescindível nas sociedades do passado porque cumpriam nelas importantes funções militares, políticas, econômicas, religiosas, educativas, sanitárias, de prestação de serviços e segurança nacional e, por excelência, era a única unidade reprodutora

da espécie com caráter estável e institucional. Através da família se transmitiam profissões, funcionando como uma escola de artes de ofícios, os laços de família foram suportes para alianças políticas, sociais, econômicas e culturais. Nas sociedades avançadas modernas, um grande número de instituições, tanto privadas como públicas, substituiu a família nessas funções 'históricas'. O atual desenvolvimento tecnológico, que permite controlar artificialmente o processo reprodutor humano, terminou com a última das funções da família, a de ser uma unidade de produção insubstituível. Não cumprindo nenhuma função, a família nas sociedades do futuro só poderá ser um anacronismo residual. (VILLADRICH, 1987, p. 93).

Podemos perceber que as considerações de Villadrich (1987) explicam o que Bourdieu (2012) denomina de cultura dominante, onde a sociedade tem que seguir as regras impostas pela sociedade de classe, do contrário, sofrerá grandes consequências. A família cigana dentro desse contexto sofre com os preconceitos e discriminação, pois a sociedade prevalecente a enxerga como pessoas que estão à margem da sociedade e que não possuem uma caracterização única para ser considerada família. Sobre a cultura dominante:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados. (BOURDIEU, 2010, p. 11).

É dentro desse processo de conceituação e ditames da família que entram as questões pontuais, de determinações e caracterização da família a qual uma recente discussão está atrelada ao âmbito das questões econômicas e sociais analisadas por Salles (1992) e através dessas "nomeações".

A análise está calcada nos argumentos processuais de transição. A família está passando por um processo que ainda tem muito a percorrer para que se tenha uma definição deste mundo moderno ou pós-moderno, para alguns teóricos, como os editores da revista de arquitetura PRECIS quando contextualiza que a temática da pós-modernidade está para além do moderno (PETRINI, 2003).

Não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas. (GIDDENS, 1991, p. 58).

Não se trata de teorias objetivas como vistas nas ciências exatas, mas sim de aspectos contraditórios que envolvem as relações sociais e que põem em discussão teorias que refletem sobre a subjetividade humana, nas suas relações com a família e seus aspectos colidentes.

Blumer (1987 apud HAGUETTE, 1992, p. 45) complementa alegando que “a realidade social não pode ser percebida através de ‘conceitos definitivos’, mas sim através de ‘conceitos sensibilizantes’ que são mais capazes de expressar o caráter processual da realidade”. Traduzindo a teoria de Blumer, podemos evidenciar que não existe uma única regra estabelecida para analisar a família cigana, existindo aí um “metaconceito” dessa instituição na sociedade (MOREIRA; RABINOVICH, 2011).

Definir a família cigana não é uma das atividades mais simples a ser executada visto que existem características que envolvem questões que representam impasses para contextualizá-la. Para que haja um entendimento mais profundo sobre o tema na sociedade e com ela os reflexos na família, se faz necessário realizar uma explanação a qual permita descrever questões que podem ser denominadas, mesmo sob seu caráter conflitante.

Diversos fatores que modificaram a vida dos sujeitos podem ser traduzidos como as principais características do processo de modernização da sociedade (GIDDENS, 1991).

Sabe-se hoje que o conceito de família moderna está atrelado a aspectos bastante controversos. Muitos acreditam que família é aquela que pode ser constituída apenas por laços afetivos, outros ainda possuem a concepção de que para ser realmente chamada de família, se faz necessário que os sujeitos que a compõem possuam muito mais que apenas afetividade, mas vínculos consanguíneos, como é o caso das famílias ciganas (NÉRI, 2009).

Os questionamentos explicitados acima conduzem à seguinte investigação: Há de fato, um conceito único de família cigana ou há “famílias ciganas”? Na ótica de Salles (1992) a família está se recompondo e acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade, contudo, estão “permeadas por normas, valores e representações que, na verdade, circulam e se relacionam” (p. 107). Percebe-se que a visão de Salles (1992) se aproxima dos conceitos de Donati (2008) sobre as redefinições dos papéis e dos valores da família no século XXI.

Podemos afirmar que a família está passando por mudanças de fenômenos, exemplo claro foi contextualizado anteriormente no momento se reflete a questão das relações étnicas e os acontecimentos que fazem com que a família adote outra “roupagem”, outras formas de convivência, mas também de embates. Os conflitos podem deixar claro que houve e ainda estão há, de fato, uma modernização da família, mesmo as ditas tradicionais, como as famílias ciganas.

Todavia, não existe ainda definição única de família moderna, os diversos conceitos de família estão presentes tanto nas teorias quanto na prática. Logo, as divisões e conjunções caminham juntas até que se tenha uma influência persuasiva para chegar a um consenso, mas até chegar lá, os teóricos que estudam o tema família terão muito que analisar na sociedade a qual está em constante mudança para que assim, possa pensar na possibilidade de definir um conceito de família que atenda a todas suas configurações atuais. A família cigana, sem dúvida, está abarcada de preconceitos na sociedade contemporânea os quais podem ser traduzidos pelos grandes reflexos das transformações da sociedade e atrelado a isso a mudança da instituição família (TEIXEIRA, 2009).

O intuito da explanação de alguns conceitos que envolvem o discurso da família cigana em sua ação de transformação foi basicamente para possibilitar o levantamento de uma análise reflexiva e ao mesmo tempo sinalizar que a modernidade traz consigo uma sequência de efeitos, positivos e/ou negativos, a depender da visão de cada autor que analisa a problemática, e que tal abordagem está cada vez mais explícita na sociedade.

Os problemas abordados no decorrer do estudo representam uma espécie de explanação do aparelho institucional de administração da sociedade e que na ótica de muitos teóricos, são induzidas por regras preestabelecidas para garantia de um controle social. Contudo, outros teóricos sustentam que essas regras não são constantes, exemplo claro são as mudanças ocorridas no âmbito da família de grupos étnicos.

Pensar família cigana é refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade, é dentro da família que o indivíduo possui um caráter identitário e representativo, independente da visão que se tem sobre etnias. Sem dúvida, a família cigana possui, dentro de suas peculiaridades, uma forte representatividade na esfera das relações sociais e que possui elementos necessários para compreensão da sociedade do século XXI.

3.3 OS “RHOMÁ” MAIS VELHOS E A FAMÍLIA. RELAÇÃO PARA ANÁLISE

Por seres tão inventivo, e pareceres contínuo, tempo, tempo, tempo, tempo, é um dos deuses mais lindos. Tempo, tempo, tempo, tempo. Que seja ainda mais vivo no som do seu estribilho, tempo, tempo, tempo, tempo. Quando o tempo for propício. Tempo, tempo, tempo, tempo. (CAETANO VELOSO, 1979).

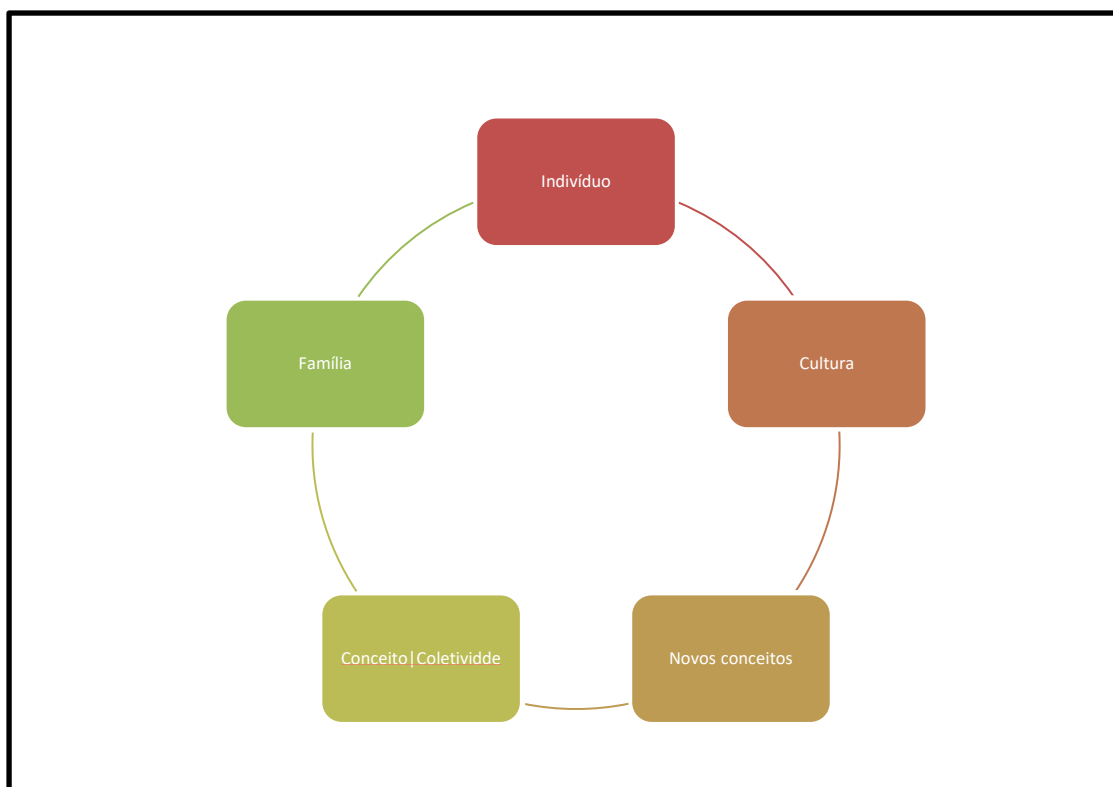
Analisar sobre o contexto social e cultural de idosos na contemporaneidade representa mais do que uma realidade, caracteriza uma reflexão crítica sobre o andamento da produção e reprodução das relações sociais em diferentes configurações, bem como a forma como esses sujeitos estão vivenciando o processo da velhice, no sentido geral, seja na análise situacional, na objetividade ou subjetividade, questões que implicam, dentre muitos, no exercício da cidadania.

Para dar continuidade, é fundamental lembrar que o envelhecimento populacional é uma realidade mais do que já constatada, tanto no Brasil quanto no mundo, o quantitativo de idosos crescem a cada dia, por diversos fatores, destacando o aumento da expectativa de vida dessas pessoas que atualmente está entre 75 e 85 anos de idade, decorrente do avanço da medicina (inclusive na prevenção de doenças), do discurso de vida saudável e da qualidade de vida, pelos profissionais da área de saúde, dentre outras explicações (NERI, 2000).

Existem questões a serem abordadas que implicam nesse processo de forma peculiar na vida de cada indivíduo com a faixa etária acima de 60 (sessenta) anos e os debates sociais e culturais merecem destaque. Antes de continuar a discussão acerca da temática, é importante abrir um parêntese para afirmar que o envelhecimento é processual e multifatorial, começa a acontecer desde o momento em que se nasce, acompanhando toda trajetória de vida do sujeito, deixando claro que cada um conduzirá de maneiras diferentes esse percurso (BEAUVOIR, 1990).

Entretanto, também estão no centro das discussões os reflexos dessa realidade, pois, a cultura em que o idoso está inserido caracteriza a explicação de comportamentos e conceitos significativos preestabelecidos por eles. O fator família é um deles, por dar sentido às histórias de vida de muitos indivíduos, implicando na forma relacional de ser e interpretar as relações com os outros.

Figura 08: Sistematização do Ciclo de Convívio Social e Familiar



Fonte: Elaborado por Jeane da Silva Ramos, 2021.

O primeiro passo para compreensão do ciclo social parte do próprio sujeito em suas questões de análise sobre demais questões, as quais sequeciam no contexto familiar e cultural, que possuem a capacidade de criar conceitos, e na medida em que vai adentrando em um universo coletivo, novos conceitos vão surgindo. Importante ressaltar que todos os pontos que constituem este ciclo estão interligados, uma vez se tratando de um sujeito o qual está na dinâmica social, determinando e sendo também influenciado por esses pontos; isso conduz a formação do contexto social e cultural do idoso, bem como sua forma de enxergar a dinâmica social.

Outro aspecto que implica no processo do envelhecimento é o fator cultural da sociedade no sentido geral, que está vinculado ao belo, este por sua vez atrelado à juventude, questão muito forte na sociedade contemporânea. Associam o que é bonito à virilidade, logo, a senescência e/ou a senilidade ficam à margem desse processo, sendo o impacto identitário uma grande manifestação, não da cultura do idoso enquanto pessoa, mas da cultura da sociedade, como explicitado acima, isso explica a sociedade do espetáculo em que vivemos teoria defendida por Debord (1997).

É relevante deixar claro que, mesmo com a predominância das mulheres no que se referem à faixa etária avançada, todos os indivíduos idosos, seja homem ou mulher, perpassam por importantes desafios para se manter numa sociedade em que o culto à beleza como uma espécie de escravidão aos padrões preestabelecidos para caracterizá-la é o que determina os conceitos e categorias nas relações humanas. Todavia, estes sujeitos foram e ainda são protagonistas dessas relações, independente da sua condição atual, pelos papéis que exercem e exerceram, seja de mãe, pai, mulher, homem, dona de casa ou de trabalhadores que contribuíram para produção e reprodução das relações sociais, mesmo com suas possibilidades atualmente questionadas (BOSI, 2012).

Vinculando ao contexto das relações humanas, mais especificamente ao contemporâneo, ao mesmo tempo em que representa uma riqueza para quem se propõe a estudá-la, configura um desafio de reflexão. Dando continuidade à temática, é necessário levantar uma análise investigativa sobre os conceitos mais vistos atualmente sobre as questões sociais e culturais de pessoas idosas.

Em destaque, a análise das histórias de vidas e ainda discorrendo sobre o paradoxo de pessoas que possuem visibilidade ou não na sociedade, a discussão da temática que está centrada em pessoas idosas, ainda são consideradas por muitos como pessoas que possuem pouca visibilidade na sociedade. São comumente chamadas de velhas/os, o que significa que, no senso comum, não mais detêm um caráter utilitário significativo, servindo apenas para ocupar tempo de pessoas que gostariam desses momentos disponíveis para fazer algo mais interessante do que ouvir os seus discursos nostálgicos e repetitivos.

Mediante essas afirmativas, percebe-se que o sujeito inserido nessas relações sociais está numa condição de “amador”, não protagonista de suas histórias, e sua cultura, independente de qual seja e como seja, não é visto como deveras, pelo fato da temática do fator condicional atual. Para que haja um repensar sobre atitudes relacionais da sociedade, é necessário que todos os indivíduos, em sua condição de sujeitos sociais, compreendam que o processo do envelhecimento é um processo, independente das conjunturas culturais nos quais se encontrarão na experiência de vida (NERI, 2000).

A perspectiva adotada neste estudo, caracteriza sobretudo, uma vertente cultural e social atinente às pessoas idosas. Além disso, as mudanças pelas quais passam e incidem diretamente viés identitário. Trilhar esse caminho é enveredar por eixos que constituem as dimensões do envelhecimento e que justificam posicionamentos, formas de ser e agir tão distintas. Valorizar-se-ão experiências e conexões categoriais, por meio das interfaces e da forma como construíram as identidades.

Contudo, identidade é algo peculiar, que mostram ditames da sociedade capitalista contemporânea em que vivemos, partindo da premissa de que, a cultura que se mostra na sociedade não é uma regra geral; como tudo que há no ciclo social, existem fatores que atenuam ou até mesmo modificam determinados contextos de historicidade, relações e vínculos.

Através desses questionamentos, torna-se pertinente descrever alguns conceitos que a sociedade, no geral, possui acerca desse grupo étnico; os veem como sujeitos oportunistas, desonestos, feiticeiros, vingativos, astuciosos e temerosos (COSTA, 2006). Isso sem dúvida acarreta na discriminação desse povo, deixando-o à margem da sociedade, estreitando sua visibilidade, pondo em questão o fator identitário dessas pessoas como indivíduos que fazem parte do contexto social de construção dos meios.

É fundamental frisar que, embora haja um exagero nas definições, não é sem fundamento que elas existem, pelo fato de estudiosos afirmarem ainda ser indefinida a origem da língua falada, e por considerarem um povo nômade. Ademais, pelas histórias atreladas a eles, como o povo que não seguiu os ensinamentos do cristianismo, que foi um homem dessa etnia que confeccionou os pregos que pregou Cristo na cruz. São descendentes de Caim e, por isso, conduzem à dispersão pelo mundo. Essas afirmativas foram alguns de muitos argumentos utilizados pela Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial (1934 - 1945) para eliminar esse povo, os conduzindo ao trabalho escravo e posteriormente, aos campos de concentração (VANELLI, 2010).

Alguns conceitos, inclusive a questão do nomadismo é algo que está sendo revisto atualmente, pois, existem ciganos que possuem profissões como médicos, advogados, engenheiros, psicólogos, etc. (tais profissões foram mencionadas por serem pontuais em determinadas situações) e que têm residência própria, inclusive por exercerem profissões ao longo dos anos, se aposentaram, e vivem em casas bem estruturadas, destacando as pessoas mais velhas, não em barracões como o senso comum acredita que seja, todavia, ainda mantém seus aspectos culturais bastante vivos a exemplo festas de casamentos, comemoração do dia de Santa Sara Kali, padroeira dos ciganos, comemorado no Brasil e em alguns lugares do mundo no dia 24 de março, mulheres apenas usarem vestidos (MOONEN, 1995).

Ao mesmo tempo em que a sociedade criou conceitos negativos com relação aos ciganos, se apropriaram, de forma distorcida, dos seus costumes e tradições. Algumas religiões adotaram procedimentos e seitas aos povos dessa etnia. Isso representa uma grande falta de conhecimento da forma como que esse grupo enxerga o mundo. O que se percebe é que, pela confusão da interpretação dos costumes desse povo, há uma adoção de alguns papéis atribuídos a eles, mas que, quando parte para o aprofundamento da análise dessas atitudes, dificilmente há fundamento e/ou explicação concreta para isso (COSTA, 2006).

É importante destacar que isso mostra a emergência das relações humanas em compreender e respeitar a condição de um povo, atribuindo a uma série de questões, refletindo como está o panorama de ações sobre o que representa de fato uma realidade ou como ela está sendo criada, justamente para que seja excludente, para que cada vez mais se torne líquida, como destaca Bauman (2004), ou da necessidade de um espetáculo, como deixa claro Debord (1997), ou de uma espécie “tetragrama organizacional”, onde necessita de um caos para que, possivelmente haja redefinições, na ótica de Morin (2011), além do processo de civilização na visão de Elias (2011).

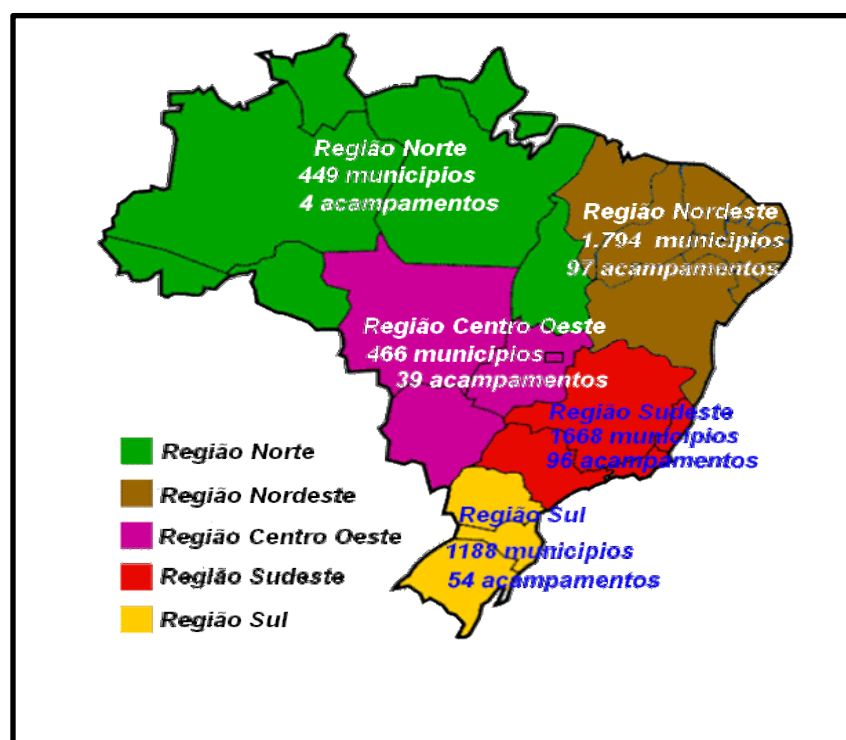
A sabedoria e a forma como esse povo respeita os mais velhos, ou seja, com mais experiência de vida é algo singular e que difere do contexto social contemporâneo em sua amplitude, onde o idoso é visto como um fardo, como um indivíduo que não possui mais o respeito e visibilidade, decorrente da sua limitação, os interpretam como uma anomalia na sociedade (NERI et al., 2009).

A pessoa idosa cigana é valorizada pela sua sabedoria de vida, legado do tempo, eles estão à frente de decisões e mediam conflitos em seus clãs, independentes de viverem como nômades.

Em análises estatísticas, atualmente existem 800. 000 (oitocentos mil) ciganos no Brasil, concentrados principalmente nas Regiões Nordeste e Sudeste (EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL 2019). Ainda pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL 2019), na Região Nordeste, a predominância de ciganos, inclusive acima de 60 (sessenta) anos é no Estado da Bahia, e na Região Sudeste, no Estado de São Paulo.

A figura abaixo descreve os referidos dados:

Figura 09: Distribuição de acampamentos ciganos no Brasil



Fonte: Embaixada Cigana do Brasil, 2019

Diante das explicitações, é importante destacar que o povo cigano, vinculado às suas experiências de vida diante do cenário social contemporâneo são discussões que necessitam de aprofundamento”, seja pela sua complexidade, ou até mesmo pela necessidade de uma leitura mais crítica e menos preconceituosa desse grupo étnico, para que assim, haja mais equidade social, valorização e respeito às diferenças, independente de sua condição, em diferentes configurações.

Figura 10: Idosa cigana *Calon* – Sra. Maria Gomes Caldera, 100 anos.



Fonte: Embaixada Cigana do Brasil, 2019

Sendo assim, é fato levantar análises das formas como interpretam, criam suas maneiras de viver e acima de tudo, estratégias para lidar com a sociedade abarcadas de contradições na sociedade contemporânea.

3.4 SOBRE TERRAS BRASILEIRAS: PESSOAS IDOSAS CIGANAS E AS POLÍTICAS SOCIAIS

É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. (BRASIL, ESTATUTO DO IDOSO, 2003, art. 9º).

As políticas de proteção social ao idoso, no Brasil, possui clara abrangência a todos os indivíduos com idade igual e ou superior a 60 anos de idade, independentemente da cor, sexo, condição social, e/ou raça/etnia. Possuindo um direcionamento evidente, a efetivação dessas políticas é, prioritariamente, obrigação do Estado, como visto na citação acima o qual explicita, nos termos do artigo 9º do Estatuto do Idoso, no Título II – Dos Direitos Fundamentais; Capítulo I – Do Direito à Vida, dentre os 118 artigos deste Estatuto que, para muitos pesquisadores (e também para o cidadão brasileiro, em linhas gerais) consolida os direitos inerentes à pessoa idosa²⁵.

A criação e, acima de tudo, efetivação de políticas destinadas aos agentes sociais mais velhos²⁶, sem dúvida foi um marco para efetivação e consolidação dos direitos dos cidadãos dessa faixa etária no Brasil. Dessa forma, modificou-se, relativamente, a maneira como o idoso era visto e interpretado. Essas políticas partem do princípio conceitual de que todos devem compreender e respeitar a velhice, entendendo essa fase da vida como uma condição humana até então imutável, onde todos os que não morrerem jovens, passarão por este estágio de vida.

A criação de conselhos federais, estaduais e municipais e órgãos de defesa aos direitos do idoso, as Delegacias Especializadas de Proteção ao Idoso (DEPI), os centros de referência à sua saúde, bem como as demais organizações são fatores que detêm uma representatividade no país.

²⁵ As políticas sociais para o idoso no Brasil, possui abrangência no âmbito da saúde, previdência e assistência, por sua vez, inseridas no artigo 194 da Constituição Federal de 1988 então intitulada: Da Seguridade Social. Existem importantes processos histórico– metodológicos de construção desses direitos para que, posteriormente, sejam transformados em leis que compõe as políticas sociais de destaque hoje, destacam-se a Lei 8.742/1990 – Lei Orgânica de Assistência Social; Lei 8.842/1994 – Política Nacional do Idoso; Lei 10.741/2003 – Estatuto do Idosos e a Lei 2.528/2006 – Política Nacional da Saúde da Pessoa Idosa.

²⁶ Dando seguimento ao ensaio epistemológico desta tese, o termo “agente social” está atrelado à teoria sociológica de Bourdieu (2012), onde afirma que são os sujeitos que agem, que determinam a dinâmica social. Sem dúvida o idoso, independente da condição em que se encontra hoje, contribuiu para a construção das relações sociais e de seus aspectos contraditórios.

Tais políticas representam as principais medidas que asseguram os seus direitos condicionando a sua participação no contexto social brasileiro, traduzindo assim, o que está escrito no artigo 230 da Constituição Federal,

A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

§ 1º – Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares

§ 2º – Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos. (BRASIL, 2020, p. 98).

Todavia, por questões políticas, de relações de poder institucional e também individual, a questão da “abrangência” dessas leis, portarias e normativas no que se refere à acessibilidade a todos os idosos, destacando os ciganos, ainda é um grande desafio. Grande parte dos idosos de comunidades ciganas brasileiras (sem contar com aqueles que vivem isoladamente em terrenos cedidos por alguém ou ainda vivem no nomadismo) sequer possuem registros de nascimento, são alfabetizados ou possuem livre acesso aos locais que disponibilizam bens e serviços oriundos dessas políticas. Diante disso, dificilmente não estão numa situação de “inexistência” para a sociedade (MOONEN, 2015).

Outro fator muito presente nos contornos das políticas é a aplicabilidade dessas leis no Estados e Municípios, alguns carecem de agentes viabilizadores (profissionais atuantes na área da saúde, previdência, assistência social e educação) que informem aos idosos, em comunidades tradicionais, sobre seus direitos e como ter o acesso devido, ocorrendo então negligências e inevitáveis violações.

Ainda sobre a Lei 10.741 de 2003, o Estatuto do Idoso, regulamentado pelo Decreto 5.130, de 7 de julho de 2004 (BRASIL, 2003), destina-se a assegurar os direitos de todos os cidadãos com idade igual e/ou acima de 60 anos, que estão divididos nos seguintes princípios: Disposições preliminares; Dos direitos fundamentais; Das medidas de proteção; Da política de Atendimento ao Idoso; Do acesso à justiça; Dos crimes e encerrando com as Disposições finais e transitórias (BRASIL, 2003, p. 1-118).

Com o auxílio do Estatuto, o idoso põe em prática a sua condição de cidadão, obtendo o reconhecimento dos seus direitos. Os benefícios resultantes do Estatuto abrangem diversos campos – saúde, alimentação, assistência social, acessibilidade, moradia, lazer, educação. O documento garante ainda sanções àqueles quem forem de encontro aos seus princípios.

Para que o conteúdo dos artigos que constituem o Estatuto seja aplicado de maneira justa e linear, é necessária a conscientização da sociedade civil no que tange aos direitos da pessoa idosa, destacando a participação mais efetiva da Instituição Estatal para execução de políticas de proteção a esse segmento social.

Faz-se necessário discorrer sobre as sessões, tecer comentários e analisar os significados de cada princípio. Os Direitos Fundamentais estão subdivididos em 10 (dez) capítulos, a saber: Do Direito à Vida; Do Direito à Liberdade; ao Respeito e à Dignidade; Dos Alimentos; Do Direito à Saúde; Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer; Da Profissionalização e do Trabalho; Da Previdência Social; Da Assistência Social; Da Habitação e Do Transporte (BRASIL, 2003).

A proteção à vida é o primeiro direito fundamental do idoso. Está posto que o envelhecimento é uma condição humana e sua proteção um direito inerente a ele e dever do Estado em provê-lo. A garantia de sua saúde e da vida é uma essencialidade para o idoso viver com dignidade.

O Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade destaca a questão do direito de ir e vir do idoso, de estar nos locais públicos sem sofrer nenhum tipo de discriminação, bem como ter liberdade de expressar suas opiniões, ideias e pensamentos. O texto voltado a garantir direito à alimentação merece destaque, já que entende que a alimentação não se restringe apenas ao ato de comer, mas outras necessidades como medicamentos, assistência médica, pagamento de despesas dentre outros.

Os artigos que tratam da saúde retratam-na como um direito incontestável ao idoso, estabelecendo que estes devam ter acesso a hospitais e serem atendidos de forma digna. É essencial destacar que o termo saúde não caracteriza apenas o acesso à assistência médica, mais sim todas as necessidades básicas que os façam ter uma boa qualidade de vida e bem-estar.

A educação, cultura, esporte e lazer também estão inseridos como direito ao idoso nos artigos do Estatuto. Todos os idosos têm direito à educação, ao acesso a espaços e à participação em atividades culturais, bem como ao lazer.

Ainda nos direitos fundamentais do Estatuto está a profissionalização e inserção do idoso no mercado de trabalho, assim como o direito à efetivação dos seus direitos previdenciários e de ter uma habitação digna para sua sobrevivência. As Medidas de Proteção e da Política de Atendimento ao Idoso estão inseridas no Título III do Estatuto. Essas medidas de proteção e as políticas são executadas e fiscalizadas pelos Conselhos Federais, Estaduais e Municipais do idoso.

A Política de Atendimento ao Idoso está inclusa no Título IV do Estatuto, subdivida em: Das Entidades de Atendimento ao Idoso; Da Fiscalização das Entidades de Atendimento; Das Infrações Administrativas; Da Apuração Judicial de Irregularidades em Entidade de Atendimento; Do Acesso à Justiça; Do Ministério Público; Da Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos (BRASIL, 2003). Os artigos que asseguram a cidadania do idoso em Entidades são merecedores de destaque, pois, estão relacionados a esta pesquisa.

As Entidades de Atendimento ao Idoso designam sua natureza assistencial, tendo em suas obrigações oferecer instalações físicas que promovam uma boa qualidade de vida ao idoso, com toda documentação devidamente regularizada, preservar os vínculos familiares, oferecer um ambiente de respeito e manter a dignidade dos idosos institucionalizados, assim como promover atividades que possibilitem uma qualidade de vida a essa faixa etária.

Abordando questões sobre as fiscalizações dessas Entidades, o Estatuto, nos itens Infrações Administrativas de Infração às Normas de Proteção ao Idoso, bem como da Intervenção Judicial em Irregularidades Constatadas em Entidade de Atendimento ao Idoso, especifica quais são as medidas a serem tomadas se essas Instituições estiverem com funcionamento irregular e/ou deixarem de cumprir o estabelecido pelas leis que protegem o idoso. Nota-se, então, o surgimento de um rigoroso processo de fiscalização das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) no país.

Dando prosseguimento à análise dos dispositivos legais do Estatuto do Idoso, verificamos ainda o item Acesso à Justiça e dos Crimes que discorre sobre as sanções que poderão sofrer os que descumprirem o instituído nos artigos da Lei. Esclarece também o papel do Ministério Público em promover os direitos dos idosos, fiscalizar e pontuar as irregularidades. Sobre a Proteção Judicial dos Interesses Difusos,

Coletivos e Individuais, Indisponíveis e Homogêneos, complementa as competências do Ministério Público, dando amparo e assistência ao idoso que dele necessitar.

Esse capítulo do Estatuto caracteriza os tipos de crimes cometidos ao idoso e suas penalidades, destacando também as sanções para aqueles que não priorizarem os idosos nos acessos de operações básicas como em bancos, supermercados, hospitais e do acesso aos meios de transporte. Desprezar, excluir, discriminar, negar assistência, recusar vaga de emprego e se apropriar dos bens também é considerado crime contra o idoso.

É sumamente importante destacar que o idoso tem prioridades em atendimentos, não exclusividade, como a maioria da população acredita pelo fato de ver placas especificando atendimento ao idoso²⁷, contudo, ele pode ter acesso livre a qualquer local, até mesmo nos lugares que tenham especificidades no atendimento.

Percebe-se então que o Estatuto do Idoso, assim como outras políticas de proteção a essa faixa etária representa um avanço para a sociedade, principalmente no que se refere aos direitos humanos, pois nele estão inseridos os direitos fundamentais inerentes à pessoa idosa. Porém, infelizmente, não são acessíveis a todos, existem segmentos da sociedade que nem sequer possui ciência da existência dessas leis.

Mesmo diante de conquistas significativas, ainda há muito que se discutir sobre políticas de proteção social ao idoso, principalmente quando se refere a pessoas mais velhas que fazem parte de grupos étnicos, nos quais, além da falta de acessibilidade, ainda possuem a questão do racismo e discriminação sobre eles. Logo, a problemática social que estão inseridos é muito maior do que questões sobre ter ou não ter acesso, é a questão da dignidade humana, do direito a uma vida que possibilite, pelo menos, a ter o mínimo social para sobrevivência, pelo fato de que, frequentemente, nem os direitos e nem as punições são cumpridas nos termos da Lei.

Nesta tese, não serão explicitados (para análise) os artigos dos projetos das Leis 248 de 2015 e 2703 de 2020 que institui o Estatuto do Povo Cigano e o Estatuto dos Ciganos no Brasil, respectivamente, uma vez que, ainda está em discussão no Senado Federal e na Câmara dos Deputados. Logo, caracterizará algo inconsistente para discorrer entre as legislações já existentes e que, a priori, propõe o exercício da cidadania.

²⁷ Em alguns locais, já está sendo utilizado a nomenclatura “preferencial”, e não a palavra “prioridade como de costume.

É a partir dessa necessidade de compreensão que se percebe que o debate étnico precisa estar sobre aspectos políticos e sociais, questões advindas de sua dinâmica, bem como a necessidade de se observar não somente os ciganos, mas os idosos no contexto geral e em que processos estão inseridos. Isso sem dúvida mostra a importância de um olhar mais amplo e interventivo na vida desse povo, sob a perspectiva do reconhecimento desses sujeitos na condição de pessoa que não pode ficar à margem, somente pelas histórias contadas que causa, ou temor ou fascínio, mas sim como são de fato e como algo que está vivo, empírico pode contribuir para que isso aconteça, esses indivíduos são os idosos ciganos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Uma tese, tal como uma partida de xadrez, compõe-se de muitos movimentos, só que você deverá ser capaz de prever os seus movimentos para pôr em xeque o adversário, do contrário fracassará (ECO, 2012, p. 46).

Para iniciar o processo de descrição do percurso metodológico dessa pesquisa, se faz necessário destacar que, além de todo processo teórico de reflexão sobre o recorte étnico que se centra nos ciganos, destacando o panorama de vida dos mais velhos, acontece, também, sobre apresentação do eixo empírico.

A parte teórica por caracteriza um momento o qual se deu o início das reflexões sobre o aprofundamento de teorias que permitiu a compreensão de pontos importantes sobre as relações humanas na condição de sociedade em que os sujeitos sociais, ora são determinantes, ora são determinados e utilizam a persona de agente social, baseado no panorama de vida dos ciganos contexto teórico, histórico, antropológico e social, tendo como referencial importantes temas que traz temas sobre as questões de etnicidade, poder estrutural, relações sociais, narrativas, velhice, direitos humanos e fatores intrafamiliares.

Demarcando os conceitos preestabelecidos aos ciganos, resultado da forma como a sociedade conduz àquilo que, para eles, não convém deixar visível, optando por permanecer atrás das cortinas do preconceito, colocando em análise crítica e reflexiva a figura do idoso cigano e demais membros de sua prole, sua maneira de viver numa sociedade discriminatória e excludente.

Além do desafio de manter viva suas tradições, merecendo destaque a identidade, o pertencimento e valorização de um povo que sofre, historicamente, tantas perseguições, além do respeito à sabedoria e à idade dos mais velhos, sendo para eles a maior riqueza que podem possuir. Contrapõe-se, deste modo, com a sociedade dos não ciganos que interpretam o idoso, muitas vezes, como um fardo a ser carregado. Representa o centro de análise da discussão da pesquisa.

O método empregado para elaboração do eixo empírico dessa pesquisa está sobre a análise qualitativa, com um roteiro semiestruturado, que inclui perguntas fechadas e abertas. Os resultados foram analisados, utilizando recursos bibliográficos e de pesquisa por plataforma de comunicação, não sendo possível ir, presencialmente, ao campo pesquisado, devido à crise sanitária causada pela pandemia da COVID-19²⁸.

Respeitando a portaria Federal do Ministério da Saúde, além de portarias de Secretarias da Saúde estaduais e municipais e dos poucos recursos digitais dos (as) pesquisados (as) as entrevistas foram realizadas por meios de comunicação, mais precisamente por telefone. Contudo, essa maneira de adaptação ao “novo normal”, não impediu de dar voz a este povo, aprofundando de forma efetiva sobre o tema em análise.

A escolha de uma pesquisa de tal natureza consiste em desvendar a riqueza e, ao mesmo tempo, a complexidade dos temas envolvidos, levando em consideração o exame de como os participantes lidam com questões da vida cotidiana e do “ser cigano”; suas relações de cumplicidade ou de conflitos familiares no passado e no presente, assim como a expressão da subjetividade, do seu pertencimento, identidade e da realidade em que estão inseridos, atualmente numa comunidade cigana.

Com esse modelo de pesquisa, pressupõe-se que há uma espécie de desvendamento das ações dos sujeitos em sua dinâmica entre gerações e desafios para manter as tradições de um povo, com a família e com seu meio e, principalmente, a análise das suas relações sociais que por ora, expressa uma realidade que está sendo analisada sob distintos ângulos.

Streubert e Carpenter (2010), analisam a pesquisa qualitativa, afirmando que,

A pesquisa qualitativa se caracteriza pelo reconhecimento da existência de múltiplas realidades; pela busca do entendimento dos fenômenos estudados; pela certeza de que ninguém sabe mais sobre o fenômeno estudado do que o próprio sujeito que o experiencia, pela necessidade da pesquisa ser conduzida sem que interfira no contexto

²⁸ Trouxe consigo, além de inúmeros infectados, vítimas fatais e conseqüentemente, medidas de distanciamento e isolamento social para que não eleve, ainda mais, os índices de contágio e morte por este vírus)

natural, pela certeza de que o pesquisador é parte integrante do processo de pesquisa e pela busca de um adequado conhecimento do fenômeno, de tal forma que se possa relatá-lo cientificamente, mas enriquecido com os depoimentos dos participantes. (STREUBERT & CARPENTER, 1995 *apud* SANTOS, 2010, p. 35)

Já na percepção de Minayo (2009), uma pesquisa qualitativa se destaca porque,

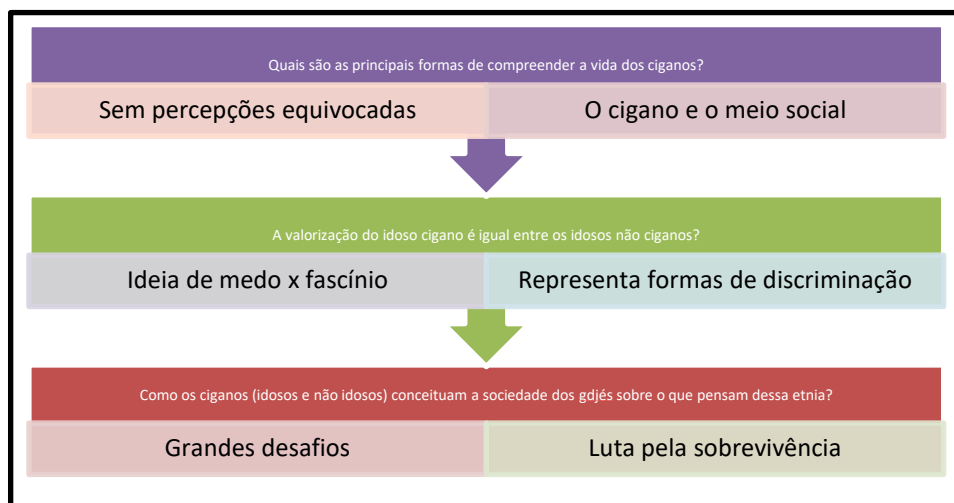
[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, como um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com os seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2009, p. 21).

Diante de questões tão singulares e para que fosse possível obter respostas ao estudo, foram feitos os seguintes questionamentos: em meio a tantas contradições, as quais envolvem o processo do povo cigano entre os meios, quais são as principais formas de compreender a vida desse grupo étnico sem ter percepções equivocadas entre eles e o meio social? A valorização do idoso cigano pelos ciganos mais jovens em suas bases culturais é uma linearidade ou os conflitos, destacando os familiares, são iguais aos que existem nas famílias não ciganas?

Os conceitos preestabelecidos aos ciganos, o qual centraliza na ideia de medo x fascínio representa uma forma de discriminação? Como os ciganos (idosos e não idosos) conceituam a sociedade dos “gadjes” sobre essa ambivalência de pensamento sobre eles?

O que está nas entrelinhas dessa realidade abarcada por grandes desafios e luta pela sobrevivência? Estas questões são as abordagens que traduzem a especificidade dos objetivos deste estudo, explicitados na Figura 11.

Figura 11: Perguntas norteadoras da pesquisa



Fonte: Elaborado por Jeane da Silva Ramos (2021).

Compreendemos que na pesquisa tais respostas estão presentes no momento do processo prático, ocasião em que foram sobrepostas as entrevistas com os ciganos numa comunidade territorializada no município de Penedo, Estado de Alagoas, Brasil. As vozes deste povo foram tomadas por uma sequência de discursos emotivos resultando em profunda reflexão sobre o desafio de viver com a identidade de uma raça/etnia cheia de conceitos errôneos, que os deixam fragilizados, ao mesmo tempo com coragem para continuar a defender seu próprio povo.

Foram expostos por eles durante todo processo, narrativas de vidas que resultou em alguns discursos onde mostra formas de se posicionais diante das relações sociais contemporâneas. Esse “tipo” comportamento tornou ainda mais interessante e possível a compreensão do discurso dos (as) pesquisados (as).

Observar tais questões representa pontos importantes para abrangência dos significados que os idosos atribuem à problemática, uma vez que a intenção é identificar e compreender o ponto de vista acerca dos questionamentos feitos em todo o referencial teórico da pesquisa sob a ótica do discurso conceitual de poder estrutural e o panorama de vida de pessoas mais velhas e que são ciganas, em toda sua dinâmica de vida.

É fundamental destacar que, embora não seja o suficiente para constatar a condição e a realidade dos idosos ciganos em solo brasileiro nos dias de hoje, por se tratar apenas de um tipo de público, a vida dos idosos que vivem nessa comunidade

tradicional ofereceu uma importante contribuição para compreender tal acontecimento.

Levei em consideração que representa, no momento, uma alternativa para lidar com as demandas geradas do processo de envelhecimento e suas contradições na sociedade contemporânea, onde cada vez mais a figura do idoso adentra em uma problemática que envolve o processo “ser idoso” numa sociedade do descarte, atrelado ao contexto étnico, familiar e de questões de sociabilidade, assim como suas vertentes substanciais.

O momento da pesquisa que pode ser caracterizado como o primeiro impacto da minha relação e condição de pesquisadora ao aproximar-se do objeto de estudo, foi no momento da abordagem de alguns idosos, considerados “o velho idoso”. Delimita-se, nessa abordagem, uma aproximação com àqueles acima de 75 anos. Isso se justifica por não compreendiam alguns termos utilizados no roteiro de entrevista, pois, não possuíam nenhum grau de instrução. Denotavam uma “tradução” para algumas perguntas, especialmente às dedicadas aos eixos de implementação de políticas de educação para este público, uma vez demonstrando uma espécie de lamento por não serem alfabetizados.

É importante enfatizar que, mesmo diante dessas observações, em momento algum a riqueza e a beleza da pesquisa foram postas em questão, mesmo com tantos embates para ser concretizada. Diante da situação acima exposta, não há como negar a existência de fatores que envolvem as relações sociais e os efeitos de dominação e o idoso de maneira – com seus efeitos de nomeação, e que mesmo sob estes aspectos conflitantes, há uma espécie pertencimento forte sobre a maneira de enfrentar os preconceitos e discriminações por ser cigano numa sociedade de “dominantes e dominados”, defendida por Bourdieu (2012).

Como dito antes, a pesquisa foi construída sob narrativas dos idosos ciganos e também demais membros de sua família, moradores de uma comunidade tradicional de pessoas ciganas no Município de Penedo, Estado de Alagoas, com o intuito de mostrar suas histórias de vida e representatividades, aspectos individuais e relacionais (familiares), centrando nas relações humanas, culturais, históricas, antropológicas e em problemáticas sociais.

Levamos em consideração a ótica de Moreira (2002) sobre a pesquisa de campo, que diz:

O experimento de campo é um estudo de investigação em uma situação real, em que uma ou mais variáveis independentes são manipuladas pelo investigador, sob condições controladas com o máximo cuidado permitido pela situação [...] os experimentos de campo têm qualidades diversas, pois se adaptam bem ao estudo de problemas sociais, organizacionais, psicológicos e educacionais de grande interesse (MOREIRA, 2002, p. 14-15).

Para o emprego das ferramentas de coleta de dados, houve a apresentação do projeto ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, incluindo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - apêndice). Concomitantemente, foram indicados os objetivos da pesquisa, os possíveis riscos envolvidos e as respostas institucionais, além da declaração de um psicólogo capacitado para prestar assistência aos pesquisados se, porventura, necessitasse

Como participantes privilegiados, os idosos na referida comunidade com seu discurso acerca dos conceitos, percepções e vivências entre os meios ciganos, além de sua percepção de família, também permitiram a conclusão deste estudo. Esses idosos expressaram sua definição de maneira peculiar sobre o que é ser idoso e ainda de etnia cigana em toda sua trajetória de vida, incluindo os dias de hoje. As fontes de informação que partiram dos idosos pesquisados e de membros da família, moradores dessa comunidade, permitiu compreender o discurso de cada um sobre sua própria situação e experiências, bem como o ponto de vista acerca da temática estudada.

Assinale-se que a condição para realização de um estudo dentro dessa comunidade foi a não divulgação do seu nome nessa pesquisa, bem como de idosos e demais pesquisados (não idosos) pertencentes a ela, com a explicação de exposição do local e dos mencionados acima, por ser uma comunidade cheia de questões que, por ser de ciganos, embora com algum empoderamento, ainda é alvo de perseguições sob diversas formas. Respeitando a condição oferecida e mantendo a ética da pesquisa, prossegui obedecendo todos os critérios de sigilo e anonimato.

4.1 CONTEXTO DA PESQUISA E COLETA DE DADOS

Para realização desta pesquisa, se fez necessário adotar o caminho que mostra que este estudo foi executado através de um modelo propositado, considerando prioridade algumas características que por ora são relevantes para a pesquisa.

Aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa em 22 de dezembro de 2020, com parecer final com o número do CAAE 39916520.7.0000.5628, a pesquisa deu prosseguimento.

Foram entrevistados, no período de 05 a 10 de janeiro de 2021, em um universo de 07 famílias de aproximadamente 15 integrantes cada uma, totalizando 107 moradores dessa comunidade - 08% da população de ciganos Calon e Sinti, idosos e não idosos, ou seja, 12 pessoas; 06 na faixa etária entre 60 anos e 75 anos, de ambos os sexos; e 06 na faixa etária entre 18 anos e 30 anos, também de ambos os sexos.

Todos os entrevistados estavam lúcidos e em condições de compreenderem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como de responderem as entrevistas, explicada detalhadamente, inclusive esclarecendo todas as dúvidas que surgiram antes de iniciar a pesquisa propriamente dita. A forma de aproximação com o público se deu através de contato com membros da comunidade e que são parentes. Já realizada visita por mim, não na condição de pesquisadora, mas sim, como pessoa militante dos direitos desse povo, o qual me incluo.

Deve-se destacar que a decisão pela pesquisa com idosos de etnia cigana e demais membros da família foi a poética da pesquisa, mesmo com todos os embates sociais que este povo vivencia em seu cotidiano. Analisar se há uma diferença no discurso do conceito de idoso, família relações sociais em suas narrativas, além da ecologia dos saberes, foi o que deu voz e vida a este estudo.

Um dos assuntos que merece atenção especial está no ponto de vista técnico da pesquisa no que tange à cautela quando se parte para a interpretação dos discursos dos pesquisados. Como pesquisadora, estudiosa de histórias de vidas de pessoas idosas e que integram grupo étnico tão peculiar, busquei assumir postura de vigilância especial para analisar o discurso de cada um deles, principalmente quando há uma abordagem referencial de suas memórias. Isso remete à ideia do desafio para

viver numa sociedade preconceituosa, discriminatória e excludente, estando presente na vida de todos os entrevistados, idosos ou não, realidade dos ciganos em terras brasileiras e condição atual de suas relações sociais, ainda fragilizadas emergentes.

Como pré-requisito para a aplicação do roteiro de entrevista, os (as) pesquisados (as) necessitaram mostrar interesse e disponibilidade para responder as questões que por sua vez, duraram em média 20 (vinte) minutos. Muitas pessoas, por passarem por questões delicadas na vida, mesmo não visíveis na “manifestação” do seu discurso, possuem problemas para relatar algumas dessas fases, em termos. Alguns as recriam, redefinem e reconceituam para que tenha um “abrandamento” delas, como destaca Mucida (2009) quando diz que a memória,

Primeiro [...] se constitui das marcas que não se apagam, mas que nem sempre podem ser lembradas ou lembradas totalmente. Segundo, não tem relação direta com os fatos; nas impressões e lembranças que retornam encontram-se a forma de cada um perceber, interpretar, imaginar ou assimilar as expectativas vividas [...] algumas formas de lembranças não morrem, mas não podem ser lembradas (MUCIDA, 2009, p. 85).

Mesmo diante das questões expostas acima, importantes informações extraídas dos discursos dos (as) pesquisados (as), mesmo podendo ser histórias reinterpretadas, foram extremamente relevantes para uma análise mais profunda da pesquisa, sendo referenciada na análise dos resultados. Concluindo que de fato é uma realidade, mas que jamais pode ser generalizada, exceções sempre existirão. Se o pesquisador não souber equilibrar discursos, poderá reproduzir o que eles recriaram, ou adotar um preconceito, a depender do teor das histórias deles.

É necessário que o pesquisador tanto de forma objetiva, quanto subjetiva, jamais adentre numa espécie de “subjugamento” das falas dos (as) pesquisados (as). O respeito às narrativas, independentemente haver concordância ou não, se torna um fator crucial para o exercício da ética na pesquisa. Dando prosseguimento aos passos percorridos da pesquisa, a coleta de dados e a transcrição foi realizada por mim, como pesquisadora, com a autorização dos (as) pesquisados (as). A forma em que tive acesso à comunidade foi por livre entrada, por possuir parentes que residem nela, mais especificamente uma tia avó, cigana *Sinti*, registrada através da aceitação do convite aos participantes a aplicação do roteiro de entrevista.

No que se refere à coleta de dados, em um primeiro momento, foi realizada a entrevista com um roteiro previamente definido, de acordo com os objetivos da pesquisa. Tal requisito foi utilizado para identificar os principais pontos relevantes para a evidência do estudo. Empregou-se para entrevista o recurso de gravação das chamadas telefônicas, no intuito do melhor aproveitamento da conversação e para facilitar a análise dos dados. Foram feitas análises qualitativas através do referencial teórico, juntamente com as observações realizadas entre as narrativas dos (as) pesquisados (as). As análises posteriores foram expressas de forma descritiva, preservando expressões e pronúncias de palavras e frases, ou seja, narrativa personalizada.

Para assegurar o anonimato dos (as) participantes, não foram fornecidos quaisquer dados que possam identificá-los. Utilizados como pseudônimos nomes de flores para apreciar as histórias de vida e narrativas de cada um deles, a saber: **mulheres** - 1. Margarida, 2. Hortênsia, 3. Frésia, 4. Rosa, 5. Camélia, 6. Alisso; **homens** – 1. Girassol, 2. Antúrio, 3. Íris, 4. Palma, 5. Begônia, 6. Lótus. Para preservar o nome da Comunidade, se fez necessário apenas informar onde está territorializada, inclusive solicitado, pelos(as) pesquisados (as) que não descrevesse, em detalhes, a referida comunidade. Segundo eles, o que temem é que algumas pessoas do próprio município, se tiver acesso a este estudo, podem não reagir positivamente às narrativas deles. Algo compreensível entre os ciganos, pois, suas histórias estão cheia de fatos em que precisaram travar lutas e manter suas resistências para não sofrerem as consequências das grandes perseguições durante toda a vida.

Contudo, é importante destacar que os discursos dos idosos entrevistados foram descritos na íntegra, por meio das gravações e do roteiro de entrevista, recursos importantes para a compreensão da retórica, dos posicionamentos e das principais colocações dos entrevistados.

Na pesquisa foram inclusos apenas indivíduos que estiveram aptos a dar seu consentimento e livre escolha da sua participação para realização do estudo. Houve um momento em que mostrei preocupação no que diz respeito ao emocional desses sujeitos, uma vez que, adentrou em fatos que os deixaram muito emotivos, afinal fizeram de certa forma, um retrospecto ao passado, além de reflexões do seu presente-futuro.

No contato canalizado pelas entrevistas, um dos temas levantados pelos entrevistados foi a abordagem da pesquisadora mediante a sua vida pessoal, mostrando-se receosos em alguns momentos em relatar fatos, mas, após uma série de explicações, os participantes da pesquisa compreenderam que não representam apenas objetos de estudo, mas sim pessoas que tem algo a oferecer para a compreensão dessa dinâmica a qual me dispus a analisar. Logo, eles se sentiram à vontade para responder as perguntas.

Houve ainda a preocupação em anotar todos os comportamentos observados; o silêncio que muitas vezes representou respostas, compreendendo que todo processo traduz uma mescla de sentimentos sobre da sua condição humana de cada um e seus desafios diários.

Essa forma de análise tornou possível buscar, nas respostas dos (as) entrevistados (as), os significados que conferiam às questões que determinavam seu comportamento diante dos conceitos levantados em análise. Essa experiência me proporcionou conhecer um outro lado do “*ser cigano*” – um curso reflexivo e envolvido com a temática sob questões subjetivas, motivando-a ainda mais a mergulhar na pesquisa dessa natureza, para compreender como se dá a condição de ser idoso de etnia cigana na sociedade contemporânea e suas relações com a família e sociedade, quais são os seus grandes medos, esperanças, medos e anseios.

Nas próximas etapas deste estudo, serão apresentadas e apreciadas as análises dos resultados da pesquisa de campo, ou seja, o que os (as) pesquisados (as) compreendem sobre a sua vida e condição atual, residindo em uma comunidade de ciganos, bem como o processo de compreensão de pessoa que está vivenciando essa realidade, a família na sua ótica e a situação atual em que se veem diante da complexidade da vida pós-moderna e sua condição diante dessa dinâmica.

Sem dúvida foi um desafio transcrever algumas questões e me manter cautelosa para sair da condição de pesquisadora e ser tomada pela emoção de ouvir histórias tão encantadoras, ao mesmo tempo tão sofridas sobre a vida deles. Alguns discursos já tinham ouvido em narrativas anteriores discursadas pela minha avó paterna, principalmente sobre as perseguições históricas. Um desafio, mas, acima de tudo, gratificante.

Outra questão que merece ser destacada, neste estudo, foram as dificuldades de acesso a alguns dados, principalmente dos elementos iniciais do roteiro de entrevista (Apêndice – A). Isso se deve ao fato de como a devolutiva das fichas não ocorreu em tempo hábil, uma vez tendo sido enviadas via correios (conforme sinalizado para o Comitê de Ética e Pesquisa da UCSAL e, posteriormente sendo aprovado) com aviso de recebimento (AR), sem ônus para os (as) participantes, alguns dados ficaram sem uma real consistência de análise. Entretanto, isso não impediu que continuasse com a pesquisa, referenciando as vozes deste povo.

4.2 QUANDO ESSAS VOZES SE TORNARAM VISÍVEIS

São coisas dessa vida tão cigana, caminhos como as linhas dessa mão. Vontade de chegar e olha eu chegando, e vem essa cigarra no meu peito [...] durma qual criança no seu colo, sinta o cheiro forte do teu solo. Passe a mão nos teus cabelos negros, diga um verso bem bonito e de novo vá embora. (GONZAGUINHA, 1978).

Sabemos que precisamos “poetizar” a vida, já que, muitas vezes é tão complexa, difícil de compreender e principalmente lidar com as relações humanas, mas, esse trecho da música de Gonzaguinha chamada “Coisas Dessa Vida”, mostra o lado poético, assim como folclórico da mulher cigana e que é o principal agente de preconceito e discriminação da figura feminina dessa etnia.

Embora existam números significativos de artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre ciganos, o que se percebe é que há, também, quantidade relevante de pesquisas que mostram os hábitos desse povo de forma folclórica – como suas danças, comemorações de datas festivas e casamentos; vestimenta, cores, esoterismos dentre outras questões mais voltadas ao fascínio, carecendo, muitas vezes, de atividades de pesquisa sobre sua visibilidade enquanto sujeito social de direitos e que precisam ter voz entre as relações sociais.

Esses rostos, essas vozes e vidas precisam ser mostrados, valorizados e referenciados como pessoas que fizeram e fazem parte da construção da sociedade, de suas relações sociais. São indivíduos que possuem uma maneira de viver um pouco distinta do que estamos acostumados, mas isso, em muitas realidades vivenciadas por eles, advém de sua história de vida cheia de ambiguidades e desafios para a sua sobrevivência, mas que precisam ser referenciados.

O momento de tornar visíveis as vozes dos ciganos pesquisados, para este estudo, foi algo peculiar. Mesmo com as limitações da pesquisa²⁹ as narrativas foram, apesar de intrigantes, algo a se pensar sobre a vida como um todo, não só como, mas como pessoa; sobre os grandes desafios encontrados no meio do caminho deles para que consigam sobreviver numa sociedade em que nem todos são agentes sociais como deveriam ser; alguns apenas “*levam o barco*” como podem, como a sociedade determina.

É um povo que possui história, dialeto próprio (romani), tradições e sua própria bandeira.

Figura 7 – Bandeira Cigana Romani



Fonte: Embaixada Cigana do Brasil (2021).

A bandeira “*Rom*”, ou bandeira cigana, representa uma conquista de espaço, identidade e legitimidade ao povo cigano. Foi decidida por unanimidade em 1971, no I Congresso Mundial Rom, realizado em Londres, Reino Unido.

²⁹ Mesmo tendo acesso aos pesquisados, moradores dessa comunidade, composta por pessoas da etnia cigana, não foi possível descrevê-la como gostaria. Infelizmente, devido a algumas situações ocorridas no município nos últimos anos, assim como nas redondezas da comunidade, não fui autorizada a discorrer, de forma clara e precisa, sobre a sua criação, das atividades desenvolvidas de natureza social para promoção da cidadania dos ciganos que moram lá, dentre outras questões. Ficando apenas na análise das histórias de vida através de suas narrativas, com a cautela de não evidenciar a localização exata da referida comunidade. Isso, sem dúvida, caracterizou um dos desafios desta pesquisa.

As cores dessa bandeira possuem uma história ímpar cultural dessa etnia, onde o azul do significa “*o céu é meu teto*”, o verde “*a terra minha casa*” e o vermelho, com desenho de um chackra, similar ao da bandeira indiana (pela história mais aceita e disseminada dos ciganos, o qual dizem ser originados da Índia), ao mesmo tempo mostra uma roda de carruagem, a qual significa “*a liberdade é a minha religião*”.

Sem dúvida foi um momento peculiar em minha trajetória como pesquisadora e hoje, com identidade e pertencimento a esse grupo étnico, negado muitas vezes e, inconscientemente, reproduzindo essa invisibilidade que, pelo menos neste estudo, ela foi retirada e guardada, tomando então o lugar as vozes e narrativas desse povo.

Essas vozes se tornaram visíveis quando foram ouvidas, referenciadas, respeitadas e trazidas ao universo acadêmico.

4.3 VIDAS, CORES E VOZES: A CAMINHADA CIGANA

4.3.1 Levantamento de dados, perfil sociodemográfico

Durante o processo de observação e análise das narrativas no momento das entrevistas, essas por sua vez com 6 idosos e 6 jovens ciganos de duas etnias – *Calon* e *Sinti*, territorializada no município de Penedo, Estado de Alagoas, foi possível compreender a visão dos entrevistados acerca do processo de envelhecimento, os efeitos de nomeação, legitimação e identidade, bem como a sua condição atual nos mais relevantes aspectos tornando-se possível dar “cor” a essas vidas e conseqüentemente, vozes.

Por intermédio da aplicação do roteiro de entrevista (através de plataforma de comunicação) e dos relatos dos participantes, foi possível perceber que processo inicial do discurso sobre essas vozes seguiram o seguinte roteiro: dados de identificação; escolaridade; religião; etnia; caracterização socioeconômica; contextos familiares e conjuntura social, podendo ser vistos nas contextualizações e nas tabelas para maior percepção da realidade estudada.

Para dar início às análises, se faz necessário caminhar para a explicação do nível um, no qual está a descrição dos dados de identificação. Esses dados que identificam os idosos e não idosos por idade, grau de escolaridade, etnia; estado civil e religião são basilares para apresentar previamente a condição dos sujeitos entrevistados. A partir de então, sinalizar uma possibilidade de repensar sobre a

dinâmica da realidade deste grupo étnico, vinculado ao discurso comumente visto na sociedade de que essas pessoas não possuem representatividades na sociedade, e por isso, a invisibilidade deles. Tal discurso contrasta com descritores abaixo.

Tabela 1 – Identificação por idade – masculino e feminino/ jovens e idosos ciganos

FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE	%
60 e 65 anos	4	30
70 e 75 anos	2	20
18 e 30 anos	6	50
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Podemos perceber que na Tabela 1 há um equilíbrio entre as idades dos participantes da pesquisa com idade entre 60 e 65 anos (30%), sendo esta a média da situação social vivenciada por eles. Diante da dualidade teoria e prática sobre este grupo étnico, pode ser relevante o discurso que mostra que o grau de dependência dos entrevistados, mesmo com idade avançada, é mínimo.

O discurso que se tem na sociedade de que as pessoas acima de 60 anos não possuem visibilidade nem representatividade em seus contextos familiares, neste estudo, é algo que pode ser revisto, expressando manifestações de visibilidade e legitimidade, isso se encaixa na realidade em questão.

Tabela 2 – Identificação por grau de escolaridade – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos

ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	%
Não alfabetizado	2	10
Ensino fundamental incompleto	1	5
Ensino fundamental completo	5	55
Ensino médio incompleto	3	25
Ensino médio completo	1	5
Ensino superior incompleto	0	0
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Com relação à tabela acima, a questão da baixa escolaridade ainda é um grande problema entre os ciganos, isso pode explicar a inacessibilidade aos serviços sociais, destacando a educação. Como as entrevistas foram feitas com homens e mulheres; jovens e idosos, há uma explicação voltada à questão de gênero e intergeracionalidade, ressaltando que os jovens de ontem são os idosos de hoje, e os jovens de hoje serão os idosos de amanhã, independente da etnia à qual façam parte.

Com relação às mulheres ciganas, ainda possuem seus “papéis definidos na família, são mães, esposas e donas de casa, ou desenvolvem atividades profissionais que não necessitava de muitos estudos, como operárias bordadeiras, costureiras, além de ajudar no sustento da família com a cartomancia – leitura de cartas e a quiromancia – leitura das mãos (MARSIGLIA, 2018).

Os homens, por sua vez, também exerciam funções que não exigiam muito esforço intelectual, logo, as atividades de cunho braçal eram as mais ofertadas para emprego durante o século XX e ainda se vê hoje, no século XXI, são atividades de marcenaria, venda de utensílios para o lar, venda de cavalos, carros, roupas, empréstimos de dinheiro (a chamada agiotagem). Mas a luta para sobreviver é grande, requer muito esforço, reflexo da sociedade “líquida”, analogia à pós-modernidade, onde tudo se move muito rapidamente e o homem precisa acompanhar essa mudança (BAUMAN, 2004).

Tabela 3 – Identificação por estado civil – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos

ESTADO CIVIL	QUANTIDADE	%
Solteiro(a)	2	10
Casado(a)	7	75
Separado(a)	0	0
Divorciado(a)	0	0
Viúvo(a)	3	15
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Percebe-se que na Tabela 3 há uma espécie de “tradicionalismo” vinculado à etnia, onde raramente acontecem separações ou divórcios. Segundo os entrevistados, o casamento é sagrado e não existem possibilidades de desfazerem, a não ser com a morte. Isso mostra que o desafio de se manter uma tradição é algo muito presente na vida deles.

Tabela 4 – Identificação por religião – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos

RELIGIÃO	QUANTIDADE	%
Católico	11	99
Evangélico	0	0
Candomblecista	0	0
Espírita	0	0
Não possui	1	1
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Percebe-se na Tabela 4 a predominância da religião católica (99%) entre os(as) entrevistados(as), a maioria devotos de Nossa Senhora Aparecida e de Santa Sara Kali, esta, por sua vez, considerada padroeira dos ciganos. Essa questão da religiosidade pode ser reflexo dos moldes estabelecidos do *habitus* conceituado por Bourdieu (2002) da sociedade pós-moderna, em que os ciganos, em seu percurso de vida, jovens e idosos, foram criados sob esses padrões de unicidade, principalmente quando se trata de religião.

Dando continuidade às análises, na Tabela 5 há uma predominância de idosos e jovens que possuem filhos (78%), de fato é uma característica do século XX, principalmente entre as mulheres na tentativa de manter a extensão de sua família. Já no século XXI, as famílias estão reduzindo o número de pessoas, mas os ciganos pesquisados afirmam lutar para manter as tradições, uma delas é a família extensa.

Tabela 5 – Identificação por filhos – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos

POSSUEM FILHOS	QUANTIDADE	%
Sim	10	78
Não	2	22
Outros	0	1
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

No que tange à situação da renda familiar, na Tabela 6, os(as) entrevistados(as) mantiveram os discursos entre renda com 1 salário-mínimo e 3 salários-mínimos, 55 e 35%, respectivamente.

Os papéis dentro dessa realidade são bem distribuídos, envolvendo a questão de gênero. Geralmente o discurso entre os homens era de situações de aposentadoria fruto dos anos de trabalho, já as mulheres, a maioria alegou não ter renda própria para contribuir no sustento da família.

Tabela 6 – Renda familiar – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos

RENDA FAMILIAR	QUANTIDADE	%
S/renda	3	25
Menor que 1 salário-mínimo	3	25
De 1 a 3 salários-mínimos	6	50
De 3 a 5 salários-mínimos	0	0
Acima de 5 salários-mínimos	0	0
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Na Tabela 7 é possível analisar que há uma predominância, entre os entrevistados sobre com quem vivem, liderando o percentual de 45% os que vivem com o(a) companheiro(a), em seguida os que vivem com demais membros da família, 30%, reforçando então a ideia da tradição entre os ciganos de se casarem muito jovens, com idade a partir de 12 anos as meninas que, por sua vez, em algumas comunidades extremamente tradicionais, não possuem a oportunidade de acesso à escola para a conclusão do ensino médio, ficando apenas no ensino fundamental.

Tabela 7 – Com quem vivem atualmente – masculino e feminino/jovens e idosos ciganos

COM QUEM VIVE ATUALMENTE	QUANTIDADE	%
Sozinho(a)	0	0
Cônjuge	5	45
Filho(a)	3	25
Outros familiares	4	30
Total	12	100

Fonte: Pesquisa de campo (2021).

Sem dúvida, essas vozes começaram a surgir no momento em que houve atenção a elas, trazendo consigo a possibilidade de análise dos dados sociodemográficos sobre a vida dos ciganos pesquisados, na tentativa de compreender como está sendo a vida deles na dualidade – tradição x modernidade.

4.4 AZUL: “O CÉU É MEU TETO”

4.4.1 Margarida

“O céu é meu teto”, denominação da cor azul-celeste que compõe a bandeira “Rom” ou bandeira cigana; significa a liberdade e os valores espirituais. Título utilizado para adentrar na primeira narrativa dessa tese, a da cigana da etnia *Calon*, Margarida, 62 anos, do lar.

Nascida em João Pessoa, Capital da Paraíba, casada desde os 13 anos com seu atual esposo (somando 49 anos de casada) mãe de 7 filhos, 12 netos e 03 bisnetos, moradora da comunidade pesquisada há 14 anos. Se considera católica desde seu nascimento.

Margarida se casou dentro dos moldes da tradição cigana, onde o marido foi prometido a ela, mas ela não o conhecia. Seu primeiro contato foi no dia do casamento, onde ela diz que:

Filha, meu casamento foi bonito, tudo muito enfeitado e colorido. Tive a benção de meu pai, meu irmão mais velho e minha mãe. Foi bonito, mas depois eu virei dona de casa; não que não me orgulhe da minha família, acho linda! Meus filhos me respeitam e me pede muitos conselhos, meus netos também. Mas eu queria ter estudado, só que não tive como, era um dia aqui, outro ali [...] Só sei escrever meu primeiro nome porque minha neta me ensinou, mas não sei lê nada e nem escrever, é ruim, mas é minha vida e eu tinha que ir pro mundo junto com meu esposo. Meu marido já ficou ruim de doer o coração quando bateram nele pra deixar o lugar que a gente fez nosso barracão pra morar, isso tem uns 30 anos, lá pelas bandas do Sul. Pegaram ele, fia, bateram tanto que meus filhos tudo pequeno só fazia gritar e chorar. Tocaram fogo em tudo de nós. Foi uma coisa triste que só. Aí resolvemos parar aqui nessa comunidade junto com uns povo ai que trouxeram a gente. Meu marido e alguns filhos trabalham fazendo móveis pelas redondezas (MARGARIDA, 62 ANOS; CIGANA CALON).

Percebe-se no discurso de Margarida, a ideia de que somos agentes sociais, como assinalou Bourdieu (2002). Ao mesmo tempo, estão na condição de adequação às regras da sociedade, reforçando a ideia de que a desigualdade social está presente entre este grupo étnico. Ademais, a condição de ser cigana, parecer uma maneira de contrapor à convencionalidade, os enxergando de maneira equivocada.

Gosto de ser cigana, mas tem hora que é ruim, o povo enxerga tudo quanto é coisa ruim na gente: diz que semos uma ruma de feiticeira, ladra, que rouba filho alheio. Deus me livre de fazer essas coisas. A gente precisa ser mais visto. O povo até vê, mas vê o que quer, sabe? Às vezes dá risada, outras saem correndo; tem gente que vem pra cima pra que leia a mão; até sei ler a mão dos povo, mas só faço quando vou com a cara, senão eu saio. Não sei o porquê de tanta perseguição com nós. A gente só quer viver como qualquer ser humano decente. Eu tinha umas boas joias que meu pai me deu de presente, mas me roubaram e não foi cigano não, foi o povo alheio. Quando acabar o ladrão é só nós. Um preconceito da gota que sei não. Ainda bem que aqui a gente é visto como gente mesmo! Não ficam mexendo, só quando tem festa e vem o povo de fora. Mas, já passei por tanta coisa nessa vida que nem ligo mais de me chicanarem. (MARGARIDA, 62 ANOS; CIGANA CALON).

Quando perguntado sobre o seu papel mais importante na família, Margarida salienta que,

Admiro muito é que minha família é muito unida. Os cigano tem a tradição de que os mais velhos têm de ser respeitado em tudo. Meus filho não faz nada sem me perguntar e a meu marido, nós damo conselhos pra tudo. Eles tem um medo dando que a gente fique doente. Graças à Deus e a Nossa Senhora Aparecida eu não peguei essa doença, a de coronavírus aí. Mas teve gente na comunidade que pegou e ficou ruim. Os idoso é muito respeitado pelos ciganos, a gente é considerado o livro de história de todo mundo. Meus filhos e meus neto só não gosto de que eu fumo, reclama muito, to pensando em até parar. Mas nós é unido e se respeita, isso que importa (MARGARIDA, 62 ANOS; CIGANA CALON).

A cigana Margarida, sem dúvida mostra a forma como se dá as relações familiares dentro do contexto social contemporâneo entre os ciganos, sem dúvida é algo que, podemos iniciar um processo de repensar a forma como a sociedade dos “não ciganos” lidam com a condição de ser idoso dentro da dinâmica familiar.

4.4.2 Girassol.

Girassol é o esposo de Margarida, cigano, também de etnia Calon, 75 anos de idade, católico. O local onde nasceu não sabe ao certo; possui o ensino fundamental completo e exerce até hoje a atividade marceneiro junto com os 3 filhos mais velhos, não possui aposentadoria. Mora há 14 anos na comunidade. Sobre o ponto de vista dele com relação a “ser cigano” nos dias de hoje, ele diz que,

Os ciganos de hoje só mudou pouca coisa, o que mudou pra melhor é que nossos filhos, netos, os jovens, né? Hoje podem estudar, vão pra escola. A gente tenta de toda forma manter nossas tradições, somos um povo, diferente pra muita gente mas somos gente. Os gadjés não gostam muito da gente não, mas aprendi a me defender e nem gosto muito de falar sobre essas coisas, sabe? Minha maior tristeza foi a minha vista que perdi do olho esquerdo quando apanhei e fiquei ruim, internado quase dois meses. Tomei uma coça de três homens de uma coisa que eu não fiz; tocaram fogo no meu barracão com tudo dentro, mas to vivo pra contar e é isso que importa. Eu me lembro que no

hospital ninguém chamava meu nome, dizia ‘o cigano’. Eu não ligo mais não, já passei por tanta coisa. Eu me lembro quando era criança, expulsaram a gente de onde a gente estava. Minha mãe, (que o santo Deus a guarde), foi tentar enfrentar o dono da terra e foi furada com um ferro de boi bem no pé da barriga perto do útero, um ferimento que não sarou mais e ela morreu. Tinha um irmão e uma irmã que ficaram bem pequenos e uma tia nossa criou eles. Hoje, violência tem contra os ciganos, mas tá melhor, antes era pior. Aí desse jeito, com tanta discriminação com a gente, como é que não querem que a gente não se defenda? É muito fácil julgar sem conhecer nossa história (GIRASSOL, 75 ANOS; CIGANO CALON).

A narrativa acima assinala a condição de “ser cigano” na contemporaneidade. O julgamento dos não ciganos e a maneira como os veem, reforçam a discriminação imposta (MOONEM, 2012) e sobre o conhecer antes de tecer qualquer julgamento.

Com relação à questão de ser idoso cigano, bem como uma mensagem que ele gostaria de registrar, além de deixar sua mensagem, Girassol propõe que os poderes públicos revejam o acesso da etnia à saúde:

Ser idoso cigano é envelhecer com dignidade, eu sou cigano e vou morrer cigano e tenho orgulho. Esse negócio de que o povo fala que é cigano porque os ancestrais são, isso não existe! É cigano que nasce de família cigana, seja Calon, Sinti, Moldávio, Kalderash e outros que tem por aí. Respeito meu povo e os costumes dele e admiro. Às vezes vejo na televisão denúncias de velhos sendo maltratados em asilos, Deus que me livre! Os ciganos tem respeito pela gente, quero ver um parente nosso, um filho, um neto, bisneto, quem for, botar a gente num lugar desse. Bota não, moça. Esse mundo tá ruim mesmo, os filhos tem respeito nenhum pelos pais, nem avós, nem ninguém, acha que é um peso na vida deles. Nós, ciganos, é ao contrário, mesmo vivendo às vezes na dificuldade, a gente é unido, não deixa ninguém pra trás. Ao contrário, ouve os conselhos dos mais velhos e respeitam. Esse povo que só pensa em dinheiro é que faz essas perversidades com os idosos de sua família. Cigano não, faz de jeito nenhum. Nós somos a história viva, tem que valorizar e eles valorizam. E sobre a mensagem, quero dizer que a saúde que ainda é difícil [...] quando a gente fica doente é complicado, discriminam ainda os ciganos nos

hospitais, acham que a gente vai matar alguém, sei lá. Eu tinha todos os meus dentes de ouro, porque cigano gosta de ouro, só que né só pra se enfeitar não, é pra uma necessidade da vida. Eu tive que vender alguns dentes pra cuidar da minha saúde. Ouro é ouro, vende aqui e no fim do mundo. Eu mesmo arranquei e vendi porque precisava fazer uns exames aí. Mas deu tudo certo. O que precisa mesmo é que a gente tenha mais acesso à saúde. Mas, dificilmente temos problemas com a família; nossas famílias são unidas. Os ciganos tem respeito pela família (GIRASSOL, 75 ANOS; CIGANO CALON).

A narrativa de Girassol evidencia uma das análises dessa tese: possivelmente existe, de fato, uma espécie de “revés” em comparação aos idosos não ciganos, no que se refere ao respeito, condição e valorização do idoso na sociedade pós-moderna (comparando-a a vida social dos ciganos). Isso é fruto da dinâmica social na qual vivemos, que mostra fragilidade nas relações humanas. Do lado dos ciganos, mantenedores de suas tradições, se consegue perpassar por essas mudanças sem que se desfaça desses vínculos.

4.4.3 Hortênsia

Hortênsia é uma cigana da etnia Calon, 24 anos, a quarta filha dos ciganos Margarida e Girassol, possui o ensino fundamental completo. Mora na comunidade há 14 anos. Casada há 09 anos com um cigano, também da etnia *Calon*. O casal tem 4 filhos, sendo três meninas (9, 8 e 7 anos) e um menino (4 anos). Exerce atividade de bordadeira e vende numa feira próxima à comunidade.

Em suas expressões transparece a descrição da figura feminina cigana:

A mulher cigana, muitas vezes, é vista como mulher com sensualidade, que seduz os homens tudo. A gente nunca que é assim, a gente se arruma pra nossos maridos pra chegarem em casa e ver a mulher dele bonita e bem vestida, não pra outros homens. Uma vez fui vender uns panos de prato bordados que faço, lá na feira, um homem tentou me agarrar, dizendo que eu parecia uma imagem de uma cigana que ele viu por aí, eu tive que me esconder na barraca de um moço. Mulher cigana tem isso, as pessoas confundem tudo, acha que somos fáceis. Algumas religiões pegam e dizem que imagens lá são

de ciganas [...] eu só vivo pra minha família, pra meu marido e meus filhos. Ajudo ele nas despesas vendendo meus bordados (HORTÊNSIA, 24 ANOS; CIGANA CALON).

No discurso de Hortênsia, fica claro, em sua abordagem, a questão do fascínio pelo estereótipo que a sociedade possui com relação à mulher cigana, associando-as ao sincretismo religioso com o recorte comportamental que se centra no fascínio. Todavia, ressalta seu papel dentro da dinâmica familiar de mulher dona de casa, que ajuda o marido nas despesas. A questão de gênero de dos papéis sociais também estão expostos em sua narrativa.

Discorrendo sobre as relações intrafamiliares, Hortênsia conta que,

Como moramos com meu pai e minha mãe, a gente ajuda nas coisas da casa pra não deixar faltar nada. Meus filhos ouvem muito meus pais, respeitam muito e não fazem nada na vida sem a bênção minha, de meu marido e de meus pais que são os avós deles. Os ciganos tem a sua tradição de preservar a família, de jamais deixar elas acabar. Nossa história já é bem triste, com discriminação, perseguição, todo dia num lugar pra viver, os governantes não olham assim, como deveriam, então a gente só tem nós um pra o outro. Acho que o povo acha que a gente né gente não, só pode. Ficam olhando querendo que a gente veja o futuro; já tem outros que ficam com medo. Outro dia fui no mercado e me senti constrangida. Tinha um moço que trabalha lá que só fica atrás de mim achando que vou roubar. Nunca roubei na vida, né agora que vou roubar. Meus pais me criaram muito bem e essa criação meus filhos estão tendo (HORTÊNSIA, 24 ANOS; CIGANA CALON).

Hortênsia descreve os membros da família cigana a qual ela faz parte em seus devidos espaços dentro dessa instituição. Logo, podemos analisar que, mesmo considerando aqui neste estudo, os discursos de ciganos que moram numa determinada comunidade, sendo assim, não podendo ser uma verdade absoluta, fica claro, até agora, que a família, para eles, é algo a ser zelado e respeitado, reforçando assim, a ideia de espaços, não de conflitos, mas de cumplicidade e respeito, inclusive com os mais velhos (MOTTA, 2016).

4.4.4 Antúrio

Antúrio é um cigano de etnia Calon, neto de Margarida e Girassol, sobrinho de Hortênsia, tem 18 anos e se considera católico; concluinte do ensino médio, trabalha junto com o pai com vendas de artigos de decoração para o lar, a saber: tapetes, lençóis, almofadas, arranjo de flores, redes de dormir, forro de sofá, dentre outros itens. Mora da comunidade pesquisada desde que nasceu.

Sua concepção de família indica ser que merece ser respeitada.

Para mim é tudo que uma pessoa pode ter, eu mesmo não me vejo sem uma família grande. Namoro uma moça que né cigana não, mas a família dela e a minha aceitam numa boa. Meu pai é um homem danado que nunca para com as coisas. Trabalho com ele desde meus 8 anos, mas nem ele nem minha mãe não quer que eu pare de estudar. Respeito muito meus pais, meus tios e meus avós então, tudo pra mim. Não tem um dia que não durmo e acordo sem pedir a bênção a eles. Meu vô então, é prosa pra mais de hora. Quero ter a coragem que ele sempre teve nessa vida, de enfrentar tudo que ele já enfrentou pra sobreviver numa sociedade em que o cigano é visto como uma ameaça pra o povo, isso quando é visto, né? Eu sofri pouco não com os meninos da escola, tudo que sumia dizia que eu que roubei, as professoras iam olhar na minha mochila direto pra saber se eu peguei alguma coisa de alguém. É muita discriminação, mas eu tenho orgulho de minha raça (ANTÚRIO, 18 ANOS; CIGANO CALON).

Percebe – se, no discurso de Antúrio, uma narrativa bem pontual: a valorização e o respeito, tanto a sua etnia, quanto aos demais membros da família que são mais velhos. Mostra que o jovem cigano possui, além de tudo, admiração pelas pessoas de sua prole que, destacando a experiência da vida. Logo, esses indivíduos que operam e legitimam suas ações, são os agentes sociais desse contexto em que estão inseridos (BOURDIEU, 2012).

4.5 VERDE: “A TERRA MINHA PÁTRIA”

4.5.1 Frésia

Frésia é cigana de etnia Calon, tem 65 anos de idade e é irmã de Girassol, ficou viúva há 08 anos e por causa disso, foi morar com o irmão na comunidade, na casa dele. É católica e praticante da cartomancia (leitura de cartas), não é alfabetizada. Antes do seu companheiro falecer, Frésia morava na Cidade de Mateiros, Município do Estado de Tocantins.

Morou lá durante 30 anos, teve 4 filhos - 1 mulher e 3 homens, destes, só está viva a filha. Segundo Frésia, seus filhos se envolveram com política e agiotagem, sendo assassinados de forma brutal. Ela não quis falar sobre a morte deles nem de seu marido.

Para Frésia, a vida cigana é,

Filha, né fácil não, não mesmo. Eu andei por esse mundo aí e não foi pouco não, já morei em casa, em barraca, no pé de pau, em tudo quanto foi lugar. Eu leio a sorte das pessoas, mesmo sem saber ler, nunca fui numa escola. Às vezes eu cobro um agrado, às vezes não, depende do meu dia. Eu não vivo disso não porque um dos meus filhos, antes de morrer, deixou uns bens pra mim. Até 3 anos atrás não tinha nem registro de nascimento, foi aqui na comunidade que fizeram um mutirão e registraram o povo que eu me registrei. Só sei minha idade porque meus irmãos mais velhos me dizem.

[...]

Eu já chorei lágrimas de sangue nessa vida, de sangue mesmo! Chorei tanto que meu olho começou a sangrar. Cigano é muito perseguido, discriminado, tudo isso. Não tem um lugar onde piso que não sou vista pelo canto do olho. Até nas missas, aquelas mulheres ficam me olhando feio. É triste porque sou igual a elas; sou mulher, sou uma senhora de idade já, não gosto muito de conversar e fico pensando na minha vida perto daqui debaixo de um pé de pau. Dizem que tem o ‘instituto’ do idoso, eu nunca o vi, só ouço falar. Mas a vida de cigano né fácil não, ainda bem que minha família nunca me desamparou na

vida e eu sei que não vai me desamparar nunca, até o dia de eu morrer (FRÉSIA, 65 ANOS; CIGANA CALON).

Frésia tem uma história de vida triste, retrato da vida nômade que teve e que deixou marcas. Ela não quis muito se estender na comunicação e, por zelo e cuidado com as participantes, respeitei o seu silêncio (repetidas vezes) e ofereci o suporte psicológico. No entanto. Frésia não aceitou.

Reforçou, demasiadamente, que estava bem e que não precisava de psicólogo. A vida da cigana Frésia mostra claramente o comportamento de um ser humano diante de atos discriminatórios e excludentes da sociedade (GOMES, 2016). No discurso em que ela utiliza a frase “instituto do idoso”, está se referido ao Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003), fazendo uma menção, mesmo que seja de forma leiga, aos direitos da pessoa idosa.

4.5.2 Íris

Íris é um cigano da etnia Calon, tem 28 anos de idade e é um dos netos de Margarida e Girassol, além de sobrinho-neto de Frésia e primo de Antúrio. É casado há 06 anos com uma mulher não cigana, mas que, segundo ele, adotou os costumes e tradições da vida cigana. Desse casamento nasceram seus 2 filhos, uma menina e um menino; de 6 anos e 4 anos, respectivamente. Íris tem um filho de 16 anos com uma mulher também não cigana, mas não mora com ele. Possui renda mensal de 1 a 3 salários mínimos, fruto do trabalho como representante de vendas de uma loja de materiais de construção.

Tem o ensino médio incompleto e diz que pretende concluir e futuramente entrar numa universidade, o curso escolhido por ele será Administração de Empresas. Simpatiza com o catolicismo, mas não é devoto de nenhum santo.

Em suas palavras, a tradição de casamento cigano não importa muito, mas a família dentro dos costumes e tradições são elementos básicos:

Eu acho o seguinte, se a gente encontra uma mulher de família e decente, não há motivo de não querer ficar com ela só porque ela não é cigana, a não ser

que algo impeça isso. Minha mulher adotou nosso estilo de vida, deixa nossa casinha toda arrumada, só veste vestidos e saias; não veste calça jeans e nem roupas curtas, essas coisas que tem aí entre as mulheres não ciganas. Você deve saber que uma mulher cigana não veste calça, né? E nem veste roupa preta, né? Nem as viúvas. Fica feio, não faz parte de nossa tradição. A família tem o homem pra dar o pão de cada dia pra casa, a mulher cuida da casa e dos filhos. As famílias dos que não é de nossa gente tá tudo bagunçado aí, filho matando pai; pai matando filho, porque, simplesmente, não dão limites (ÍRIS, 28 ANOS; CIGANO CALON).

Ainda sob o discurso de Íris,

Tudo hoje é psicólogo, é queixa, é um desrespeito total. Na minha família não tem isso, a gente conversa e se entende. Eu ouvi muito meu pai e meu avô pra ser o que sou hoje, nada me derruba. Nossos costumes aqui prevalecem, nossas festas em homenagem ao povo cigano é com muita comida e muita bebida, fatura em tudo. Eu nunca sofri preconceito na pele, talvez seja porque eu tenho esse jeito de querer resolver logo tudo na hora, levo nada pra meu travesseiro não! A história que conta da gente pode ser verdade e não ser. Tem gente que presta e que não presta em todo lugar, com os ciganos é assim também. Mas generalizar é que não podem, como fazem desde que a gente existe até os dias de hoje, mas eu não levo isso pra minha vida não, não me sinto diferente de ninguém, não me deixo abater por nada. Se me olharem feio eu nem ligo, ou talvez, se eu não tiver num dia bom, posso chegar e perguntar o que a pessoa tanto me olha, se perdeu alguma coisa (ÍRIS, 28 ANOS; CIGANO CALON).

O discurso de Íris é amplo e reflexivo em alguns pontos, podendo perceber um viés machista sendo utilizado em alguns momentos, adotando como justificativa a tradição cigana. Além disso, aparentemente, em sua narrativa, Íris se põe numa condição de determinante em todos os aspectos, inclusive na vida dos demais membros de sua família. Reforça então que, a família, mesmo cigana, é também espaço de conflitos (RABINOVICH, 2014).

4.5.3 Palma

Palma é cigano da etnia Sinti, tem 70 anos de idade, é viúvo há 10 anos. Sua esposa faleceu vítima de um câncer aos 52 anos de idade. Nasceu em Portugal, vindo para o Brasil aos 5 anos de idade. Mora com seus dois filhos (dos 09 que tiveram, 5 mulheres e 4 homens) e com sete netos na comunidade há aproximadamente 14 anos.

Antes, residia em Santana do Ipanema, Município do Estado de Alagoas. Possui renda mensal de 1 salário mínimo, fruto de seu trabalho como vendedor de uma loja de tapeçaria, onde trabalhou por 35 anos e o seu patrão “pagou o INSS” pra que pudesse ter uma aposentadoria, conta ele. Concluiu o ensino fundamental. É católico praticante e devoto de Nossa Sra. Aparecida e Santa Sara Kali (esta, por sua vez, é uma santa de origem francesa, considerada padroeira dos ciganos).

Para Palma, os ciganos são enxergados atualmente,

Da mesma forma de quando eu tinha 20 anos de idade. Cheio de preconceitos e discriminação. Enxergam a gente como ladrões, mentirosos, feiticeiros (essa coisa de feitiçaria é mais com as mulheres), desonestos, que roubam os filhos dos outros. Quando era criança, minha avó me contava que sua tia, irmã mais velha de sua mãe morreu queimada numa fogueira na época da Inquisição, por ser considerada bruxa. A perseguição entre os ciganos é milenar, atribui tanta coisa a gente [...] um dia me perguntaram se eu acreditava em Deus, porque tinha um tal de São Cipriano que era um bruxo cigano que matava as pessoas na bruxaria. Cada coisa que esse povo inventa, mas que fere nosso povo e nossas tradições. Talvez nosso maior erro é não ter escrito nada ao longo da nossa história, aí escreveram o que bem quiseram sobre a gente. Esse negócio de não querer ficar em lugar nenhum morando pra sempre, ser nômade, é coisa que passamos na vida. Olha a gente aqui, morando há anos em um lugar só? Tem ciganos que gosta de viver assim, mas abranger a todos, de jeito nenhum. Nós só queremos ser vistos como gente, como gente brasileira, que vive aqui e tudo que tem é comprado. Aqui a gente paga nossas contas do mês, água,

luz, tudo isso. O que nós temos é um a outro, minha família é muito unida, nos entendemos e resolvemos nossos problemas. Geralmente eu dou a última palavra em tudo. Filha minha nenhuma casou com gadjés, todas casaram com ciganos. É assim que se mantém uma tradição, não deixando ela morrer (PALMA, 70 ANOS; CIGANO SINTI).

Analisando a narrativa do cigano Palma, pode perceber que ele possui um senso crítico sobre as relações sociais. Tem total consciência de que existem preconceitos sobre os ciganos e atribuições ofensivas a essa etnia. Tudo isso reforça o conceito de que existem uma possível rejeição dos não ciganos aos ciganos, e principalmente, dos ciganos aos não ciganos (quando ele diz que, para manter a tradição cigana, os casamentos precisam ser com ciganos, realidade imposta às suas filhas) , estes por sua vez enxergam os não ciganos, baseando-se na ideia do outro (GOMES, 2016).

4.5.4 Rosa

Rosa é cigana da etnia *Sinti*, tem 22 anos de idade, solteira, não tem filhos, possui o ensino médio completo, não tem renda própria, não é adepta a nenhuma religião; mora com outros membros da família na comunidade há 20 anos. Rosa é neta do cigano Palma. Existe uma genealogia matizada a partir das entrevistas. Afinal, dentro de comunidades ciganas as relações familiares e comunitárias se mesclam e confundem.

Ela enxerga os ciganos na sociedade atualmente como,

Pessoas que ficam presos a tradições e costumes e não evoluem. Parece que pararam no tempo. Eu já estou vendo um emprego pra alugar uma casa pra poder ir pra faculdade. Não quero terminar como minha mãe, só lavando, cozinhando, faxinando. Eu já sofri preconceitos terríveis, principalmente na escola. Por causa disso, eu não digo que sou cigana, pra que? Pra ficarem dizendo piadas e eu sendo obrigada a reagir? Antes de ser cigana não sou mulher como qualquer outra? Então não vejo motivo pra está falando. A família para mim é muito importante,

respeito todos eles, assim como respeito todos os ciganos, mas não vou ficar presa a tradições que hoje tenho como decidir. Minha mãe não teve, mas eu tenho como não viver o que não quero. As coisas hoje estão mudando, tem ciganos que trabalham, tem cargos importantes e não precisam fazer um casamento de três dias e usar vestidos cheio de brilhos só pra dizer que é cigana. Eu não me sinto cigana, eu me sinto uma pessoa comum. Somente. Deu pra entender? (ROSA, 22 ANOS; CIGANA SINTI).

Rosa é o exemplo prático da não aceitação de sua etnia, talvez seja por temer à discriminação, isso pode perceber em sua narrativa, no momento em que ela diz que sofreu preconceitos, principalmente no âmbito escolar. A situação de Rosa, por mais estranha que possa parecer, não é incomum.

Existem pessoas que negam que são ciganos, como um mecanismo de defesa para se proteger dos ataques da sociedade dos não ciganos, na tentativa de ganhar espaços institucionais e viver de outro modo.

A partir dessa premissa, podemos dizer que esse comportamento é a aceitação às determinações de padronizações da sociedade contemporânea, onde o homem é apresentado a uma gama de oportunidades, deixando seus valores de lado para conseguir ser igual os outros, igualdade que está longe de ser uma realidade numa sociedade onde sempre existiu os dominantes e dominados, com as relações de disputa pelo poder cada vez mais intensas (WILLIAMS, 2010).

4.6 VERMELHO: “A LIBERDADE MINHA RELIGIÃO”

4.6.1 Begônia

Cigano da etnia *Sinti*, Begônia é casado há 39 anos. Tem 61 anos de idade e sua família está constituída de oito filhos – 6 homens e 2 mulheres - e dez netos e dois bisnetos. Trabalha com venda de joias em prata e ouro há mais de 25 anos. Mora

na comunidade há cerca de sete anos. Antes, residia em São Paulo capital, com sua esposa e seus filhos.

Veio para a comunidade para vender seus produtos na região e acabou fixando residência. Irmão do cigano Palma e tio avô da cigana Rosa. É católico e tem o ensino fundamental completo. Para ele, a narrativa sobre os ciganos e sua condição de vida nos dias de hoje se põe da seguinte maneira:

É um povo, como dizem, 'uma nação dentro de outra nação'. Nós temos nosso próprio dialeto, o romani. Nós temos nossas próprias leis e regras, não precisamos pedir a opinião de ninguém pra resolver nossos problemas familiares (BEGÔNIA, 61 ANOS; CIGANO SINTI).

Begônia pontua sobre seu ponto de vista no que tange as relações sociais e familiares atualmente quando afirma que,

A gente faz parte do povo brasileiro, somos brasileiros. A vida cigana não é fácil, é complicado demais. No meu caso que vendo joias, os meus fregueses compram e pagam certinho, mas sei que é por medo de que eu faça uma arte com eles. Sou trabalhador, trabalho desde meus 10 anos, nunca me apropriei de coisas que não é meu e nem sou bandido, sempre fui muito honesto. Todo mundo da minha família escuta e segue meus conselhos, dos meus filhos a meus netos, todos me veem como um mago, porque dizem que tenho premonição (risos). Eu gosto de seguir minha tradição, mas não obrigo meus filhos nem netos a seguir, apenas mostro o caminho. Sento e dou muitos conselhos, na calma. Família, para mim, é a maior joia que tenho, eu não me vejo longe dela e nem meu povo. A gente é muito unido porque só assim resistimos ao tempo e aos ataques do povo. Com tantas políticas já ai, não sei porque sofremos ainda tanta perseguição na vida. Eu mesmo que ando cheio de joias, o povo fala comigo, mas no respeito. Eu percebi que não é que não gostam dos ciganos, eles não gostam de gente que não tem nada a oferecer a eles, que ver? Eu duvido se um cigano rico sofre preconceito, que nada! O povo tá acostumado é com dinheiro. Tudo um bando de

interesseiro, essas coisas de discriminação é para quem não tem nada pra dar, na cabeça deles, entenda! Tudo capitalista e uns bicho atrás das pessoas. Deus é mais! (BEGÔNIA, 61 ANOS; CIGANO SINTI).

Begônia faz uma associação da condição dos ciganos ao sistema capitalista de produção nos dias de hoje, onde afirma, em outros termos, que cada um, basicamente, vale aquilo que tem, independentemente de ser cigano ou não. Essa afirmativa pode ser também associada à fenomenologia hurseliana, ou seja, basta uma situação mudar que a forma de comportamentos entre as relações também muda. Em termos, se um cigano que antes era discriminado ficar rico e sair de uma condição e ir para outra, automaticamente a forma como os trata também mudará (HUSSERL, 2012).

4.6.2 Camélia

Camélia é uma cigana da etnia Sinti que não é brasileira. Natural da Cidade de Colmar, situada na França. Veio para o Brasil aos 9 anos, junto com seus pais e irmãos. Tem 60 anos de idade e é casada com Begônia há 39 anos e junto tiveram oito filhos. Possui o ensino médio incompleto.

Do lar e reside na comunidade há 7 anos. Antes, morava com seu esposo e seus filhos em São Paulo capital. É católica e devota de Nossa Senhora Aparecida. Para a cigana Camélia, a história de vida dos ciganos é contada pelo não ciganos da seguinte maneira:

As pessoas dizem que os ciganos são ladrões e que roubam crianças. Eu já passei por uma situação muito complicada. Estava com minha filha, ainda bem pequena, fazendo compras numa loja. A policia chegou e disse que uma criança tinha sido sequestrada e estava desaparecida. Aí levaram ela pra delegacia e me levaram detida, dizendo que eu tinha roubado a menina. Pra eu provar que era minha filha tive que ficar o dia inteiro na delegacia prestando depoimento. Mas eu tenho certeza de que eles fizeram isso porque sou cigana e estava vestida como as cigana se vestem, cheia de cores e brilhos, acho a coisa mais linda nossa

vestimenta. Eu que faço as minhas, faço questão de bordar bem para que fique bem bonita.; adoro as cores vermelha e amarela nas roupas. Meus pais sempre compravam tecidos em todo lugar que passava, ai eu fazia as roupas, isso desde pequena (CAMÉLIA, 60 ANOS; CIGANA SINTI).

Camélia afirma que seu papel mais importante na família é,

Eu sou a mãe, né? Sou idosa, mas não me sinto velha ainda e nem acho que vou me sentir tão cedo, sou muito vaidosa (risos). Eu sempre dei bom exemplo a meus filhos. Sempre me respeitaram como mãe e mulher que cuida deles e da família. Família para os ciganos é a coisa mais importante dessa vida, dificilmente se vê um cigano morando só, é sempre cheio de gente ao redor, principalmente os mais velhos. Se ficar doente então [...] eles cuidam bem de todo mundo, eu mesma cuidei de minha avó que faleceu com 102 anos, dormindo. Não deixei ninguém fazer isso. Ela era uma forte curandeira, sabe? Curava mesmo as pessoas com chá e banhos de ervas. Então a gente tem que valorizar nossa família, independentemente de como ela é. Tem brigas e discussões como toda família, mas a gente se ama e se respeita e é isso que importa. A família é onde a gente pode ser sempre a gente (CAMÉLIA, 60 ANOS; CIGANA SINTI).

A cigana Camélia reforça a ideia de cumplicidade e da importância da instituição família que, mesmo com os conflitos existentes, ainda se faz necessária na sociedade. Até aqui, percebemos que, para os ciganos, a família, sem dúvida, é algo sólido e primordial para a construção da identidade do sujeito, assim como representatividades (GUIMARÃES & ALMEIDA, 2010).

4.6.3 Lótus

O cigano Lótus é da etnia *Sinti*, mora na comunidade há 6 anos. Tem 30 anos e é o quarto filho dos ciganos Camélia e Begônia. Possui o ensino médio incompleto e é viúvo há 6 anos. Auxilia o pai nas vendas da prata e do ouro. É pai de duas meninas gêmeas, de 6 anos. Se considera católico e devoto de Nossa Senhora Aparecida.

Para Lótus, a vida cigana é,

Muito injusta em algumas partes. Minha esposa faleceu por falta de atendimento médico, ela morreu de uma hemorragia após ter as nossas filhas. A gente tava feliz, minha mulher era muito linda e eu um homem apaixonado. Ficamos muito felizes quando ela engravidou. No dia de ter nossas filhas, não deu tempo de levar pra o hospital e ela teve nossas meninas em casa, com a ajuda de vizinhos e minha ajuda também. Ai depois levamos ela pra um hospital próximo pra ser atendida. Demoraram tanto que o chão do hospital ficou lavado de sangue [...] ela ficou 5 horas no corredor do hospital sangrando, aí não aguentou, morreu em meus braços olhando pra mim. Eu fiquei em desespero total, fiquei igual a um louco, gritava chamando por ela e ninguém nem pra encostar. Miseráveis, vão pagar muito caro por esse descaso! Aí minha mãe chegou e depois das meninas saírem no hospital, ela me ajudou e me ajuda até hoje a criar elas. Eu não entendo porque cuidaram das meninas e da minha mulher não. Eu juro que pensei que ia perder a cabeça, que não iria mais nunca voltar a razão. Não dormia, não comia, não fazia nada nessa vida. Minha família é meu tudo, ela me acolheu de uma forma que se não fosse assim, acho que teria me matado, sei lá. Mas a gente é muito discriminado, olham pra gente de maneira feia, com medo, com raiva, sei lá. Só sei que minha mulher morreu por falta de atendimento de um médico e eu vi muita mulher passar na frente dela (LÓTUS, 30 ANOS; CIGANO SINTI).

Infelizmente, a história do cigano Lótus é muito comum em alguns locais que atendem pessoas, no âmbito da saúde, sem recursos suficientes para atender a essa demanda. Fui orientada a não divulgar o local em que Lótus residia com a esposa antes de acontecer toda essa situação. Por ser o único hospital da cidade, ficaria evidente qual unidade de atendimento está sendo descrita. Cabe, sem dúvida uma denúncia formal ao Ministério Público do Estado, mas não nessa tese; será feita por outros meios.

4.6.4 Alisso

Alisso é uma cigana de etnia Sinti de 20 anos de idade. Neta de Begônia e Camélia e sobrinha de Lótus. Mora na comunidade há 10 anos, é casada há 5 anos com um cigano também da etnia Sinti. Mãe de dois filhos, 1 de três anos e 1 de 1 ano de 4 meses. É católica, possui o ensino fundamental completo, faz roupas de crochê para ajudar no sustento da família.

Para Alisso, a mensagem que ela gostaria de deixar para sociedade é a seguinte:

Olha, gente, respeitem mais os ciganos. Nós somos gentes como vocês e merecemos respeito. Deixe a gente viver nossa vida com os nossos costumes e tradições, não queiram tirar a nossa história não. Vocês já fizeram isso quando escreveu o que bem quis sobre nós. Somos livres para fazer o que quisermos de nossas vidas. Essa perseguição toda não leva a lugar algum, somente fica no quem é mais forte, quem tem mais poder. Todos vamos morrer um dia e a carne apodrecerá do mesmo jeito (ALISSO, 20 ANOS; CIGANA SINTI).

Para ela, os idosos devem ter todo respeito da sociedade, quando diz que,

Respeitem os mais velhos, eles sabem o que está fazendo. Um dia todo mundo vai ficar velho, só não vai quem morreu jovem. Parem de dizer que os ciganos velhos são feiticeiros, assassinos, ladrões, e as ciganas

velhas e novas gosta do marido das outras. Somos gente decentes, e pra que a gente chegasse onde chegou, resistindo a tudo que fizeram contra a gente não foi fácil, mesmo assim, seguimos com nossas tradições que é: o casamento cigano, o respeito pelos mais velhos, a vestimenta, os usos de joias, a nossa dança, nossa alegria, ninguém nunca vai roubar, pois nascemos com ela. É o sangue cigano que corre em nossas veias. A gente é tão ruim que tem gente que diz que é cigano sem ser, só porque acha bonita nossa forma de viver, nossos costumes e nossas tradições. Tem até religião por aí que tem até espírito de cigano que aparece, é muita coisa que atribuem ao povo cigano, muita mesmo. Somos um povo que também é brasileiro, que precisa de respeito. Pagamos nossas contas todo mês. Só peço mais respeito (ALISSO, 20 ANOS; CIGANA SINTI).

Alisson mostra, em sua narrativa, a necessidade do respeito à diferença e a necessidade de exercer a cidadania.

Sendo assim, é importante destacar que essas vozes acabam de ganhar nomes, cores, formas e identidades. Como diz Moonen “todo cigano tem direito a ser cigano, mesmo com a ameaça de não poder ser um dia o que ele nasceu pra ser, viver pra ser e morrerá pra ser” (2017, p. 75).

5 DESAFIOS E PARTICULARIDADES DA PESQUISA

Lidar com a condição de vida e subjetividade dos ciganos pesquisados não foi algo simples, apresentou uma série de implicações as quais podem ser subdivididas em três momentos. Podem ser delimitadas como: no movimento das histórias de vida de cada um, idosos e jovens; na condição atual dos sujeitos participantes desse processo e na minha percepção sobre tudo que houve durante toda a trajetória analítica dessa tese (e também dos discursos).

Cada um deles possui, nem que seja em aspectos pontuais, a percepção do que é, assim como a compreensão do que o outro representa em sua vida, por isso, o fator representatividade esteve presente a todo tempo, inclusive na qualidade de pesquisadora, o qual fiz os seguintes questionamentos: O que de fato eu representava para eles naquele momento? Alguém que poderia fazer com que suas lembranças, independentes de seres boas ou ruins voltassem, ou se darem conta de sua real situação atual? Há fortes indícios que sim, para ambas as partes.

Outro grande desafio foi nos percalços para realização da pesquisa de campo. Embora já tivesse visitado a comunidade (inclusive por algumas vezes), a questão de ter sido realizada por plataforma de comunicação (exclusivamente via telefone) uma vez que, a comunidade não disponibiliza de outros meios, como o acesso à internet e outras plataformas não foi fácil. A pesquisa teve que ser delineada de outra forma, porém, foi realizada e tenho certeza de que será uma importante contribuição, nem que seja breve, para o entendimento da vida cigana nos dias atuais.

A pandemia da covid-19 mudou totalmente o rumo da pesquisa, além de ter mudado nossas vidas, em todos os aspectos. Tive que me adequar às regras de distanciamento social, determinação do Ministério da Saúde, para que o contágio diminua no Brasil (e no mundo) e o número de vítimas da infecção por essa doença, diminua. Estamos no início do ano de 2021 e com a esperança que as vacinas, já em fase de aplicação à população, iniciando com os grupos prioritários (profissionais de saúde atuantes, idosos a partir de 75 anos e pessoas com 60 anos que vivem em abrigos e casas de repouso e pessoas que possuem alguma doença autoimune e cardiovasculares), seja eficaz para imunização dessa doença.

Deixei este espaço da tese para expressar alguns sentimentos e discorrer sobre questões que, por ora, me fizeram adentrar num processo de profunda reflexão sobre sentidos e significados sobre “ser cigano”.

As lágrimas foram inevitáveis em algumas narrativas, além do receio e cuidado para transcrevê-las. Infelizmente, por ética e cautela, não pude expor algumas falas neste estudo. Poderia gerar um desconforto ou até mesmo situações delicadas aos pesquisados, e a mim também, na condição de pesquisadora.

Em alguns momentos, a sensação de revolta na qualidade de mulher, de etnia cigana – *Sinti*, assistente social e gerontóloga, em perceber a violação dos direitos humanos claramente em alguns discursos, onde se percebe que as políticas de proteção social chegam por último aos ciganos, isto é, quando chegam. Os ciganos, realmente estão à margem de muitos processos, reforçando então a minha certeza de que devo militar e levantar a bandeira dessa causa, para que possa contribuir, nem que seja com pouco, pra que tenham uma vida mais digna e humana.

O receio, também, tomou conta de mim. Uma ligação, até então desconhecida, me ordenou que não inserisse, nessa tese, informações mais aprofundadas sobre a vida dos ciganos pesquisados. Automaticamente, percebi o campo delicado em que estava adentrando. Não obstante, o que me fez não penetrar nos discursos, foi a preocupação de que acontecesse algo com os pesquisados e não comigo. Geralmente não costumo ter medo, aprendi a ter coragem. Inclusive incentivada pela minha avó, a principal mulher que me impulsionou a desenvolver essa pesquisa, logo, coragem não me falta nem faltará. Existem causas em que a equidade e justiça social precisam estar a frente e mesmo sabendo que hoje, corro alguns riscos, continuo.

A tristeza no discurso da cigana Frésia que nem sequer sabia o que era o Estatuto do Idoso, os chamando de “instituto”, percebendo então a inacessibilidade a seus direitos inerentes a pessoa humana e idosa. Ofereci o suporte psicológico (assim como a todos), mas ela não aceitou. O lamento de ver um povo não adentrar no mercado formal de trabalho. Todos os pesquisados, sem exceção, nunca exerceram uma atividade profissional remunerada formalmente, ou seja, com registro em carteira de trabalho.

Determinados relatos não pude inserir, mesmo contrariando alguns pesquisados que me solicitou para que transcrevesse algumas narrativas, citando fatos, nomes e instituições estatais, na tentativa de exercer sua cidadania. Minhas sinceras desculpas, mas, por vocês, não puder atendê-los. Foi um dos maiores desafios dessa pesquisa, talvez o principal.

A tristeza e as lágrimas, contidas no ato da entrevista, mas não contidas após o término dela, durante o momento de análise da narrativa da cigana Rosa. Ela expõe sua rejeição em ser de etnia cigana, mas, tenho certeza de que não é uma opção sua, tudo isso é decorrente da discriminação e racismo sofrido por anos que a fez assim, sem dúvida afetou seu emocional.

Vi-me nela; sofri, chorei, senti e me reestabeleci para continuar. Sei que não é fácil ser discriminada, senti na própria pele, desde a época de criança na escola à vida adulta, durante minha atuação profissional como assistente social, em que, numa reunião da equipe interdisciplinar, ouvi uma conversa entre uma profissional da área de nutrição e outra profissional da área da enfermagem que minha família era “tudo uma raça de gente ruim”. Coube, neste momento, uma abordagem educada e controlada, em seguida uma ressalva que naquele momento, iria entrar com uma ação judicial alegando injúria racial. A profissional me pediu desculpas por diversas vezes, implorando pra que não fizesse isso.

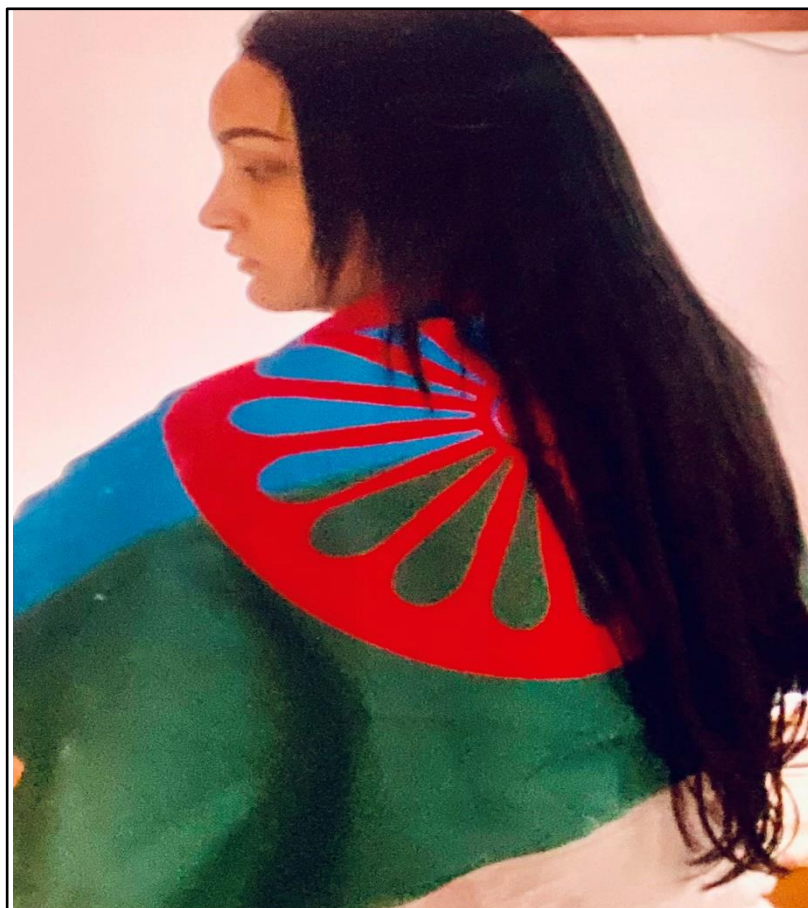
Não fiz, mas minha tristeza e indignação ficou. Hoje, a cigana Rosa que existe em mim apareceu um pouco, mas, me encarreguei de devolve-la a meu inconsciente. Talvez não mais se manifeste (talvez sim), mas ela, sem dúvida, ainda habita em mim, traduzidas por marcas de situações em que me vi sob o julgamento da sociedade, sem ter o mínimo interesse em descobrir a minha essência e algumas vezes, não deixando me explicar diante de situações delicadas.

Não contive a emoção de ver que, mesmo sendo a minoria, em termos, ainda existem famílias que valorizam e respeitam seus idosos, zelando pelo seu bem estar e acolhendo-os em tudo. É um contraste da realidade que já vivenciei como profissional durante 12 anos, formalizando inúmeras violências contra a pessoa idosa, principalmente intrafamiliar, feita por pessoas que jamais pensaram que, um dia teriam tais tipos de comportamentos e atitudes.

Felicidade, também, de ver uma comunidade que oferece, nem que seja o mínimo para tantas questões, dignidade aos seus moradores ciganos. Oferecem uma casa (sem ser barracões ou tendas), escola, meios de sobrevivência a um povo que é historicamente perseguido por querer somente viver a sua essência, manifestadas por sua tradição e costumes.

Existiram outros tantos desafios e particularidades atribuídos a essa pesquisa, mas o que se poder evidenciar é que: somos cidadãos brasileiros que precisamos serem vistos, referenciados e valorizados, não só como pessoa, mas como agentes sociais que tem direitos a ter direitos. Essa, hoje, é a minha bandeira.

Figura 13 – Sem legenda, sem pontuações. Apenas reflexão.



Fonte: Jeane da Silva Ramos (2021)

Miro anay Jeane. Runin sinteza. Tatcho vast vâzes. Kaz ans musî sim viatá. Me mangoy tuke baxt!

Tradução: Meu nome é Jeane, sou mulher cigana *Sinti*. Levo a raça em minhas mãos. Em meus olhos e meus braços estão a vida. Desejo – lhe sorte!³⁰

³⁰ Texto em Romani, dialeto cigano. Livre tradução pela autora (Jeane da Silva Ramos) em português.

6. CONCLUSÃO

Como contextualizado neste estudo, desde sua apresentação e introdução, ao referencial teórico e análise dos dados que, teve como principal enfoque analisar e investigar o panorama de vida pessoas idosas numa comunidade cigana, territorializada no município de Penedo, Estado de Alagoas, país, Brasil. Por ser uma comunidade que agrega vários grupos ciganos, eles as denominam de “comunidades”, por isso, o tema da tese. Além disso, a pesquisa teve como mote tecer análises críticas sobre a situação do idoso na sociedade contemporânea no momento em que a perpassa por grandes transformações sociais, e quais são as alternativas para lidar com questões que são reflexos dessas mudanças, cujo maior destaque está na dinâmica familiar e no desafio para manter os costumes e tradição de um povo.

O principal ensaio epistemológico baseou-se na teoria do Construtivismo Estruturalista de Pierre Bourdieu, em seus três conceitos: campo, *habitus* e capital, onde os agentes sociais determinam a produção e reprodução das relações sociais, mas, nem todos estão na condição de agente, este talvez seja a situação dos ciganos. Outras teorias também deram vida aos grandes questionamentos realizados, sob a análise de importantes pensadores dessa questão. Além do aporte teórico, a pesquisa foi realizada com 12 pessoas (idosos e jovens), entre 60 e 75 anos e 18 e 30 anos, respectivamente, das etnias *Calon* e *Sinti*, que moram na referida comunidade e que, cada grupo, fazem parte do mesmo núcleo familiar.

Os pontos mais analisados foram:

- a) A esfera dos discursos voltados ao cotidiano do (as) pesquisados (as);
- b) Mecanismos de entendimento sobre a vida deles;
- c) Análise sob diferentes olhares (e saberes);
- d) Formação de vida no aspecto sociológico;
- e) A família como espaço de produção e reprodução das relações sociais;
- f) Desafio para manter costumes e tradições dos ciganos;
- g) Tomada de consciência sobre o objeto de estudo.

Os problemas centrais deste estudo foram os seguintes: As narrativas presentes neste estudo mostram um retrato claro de fragmentação da sociedade, atrelada a vidas que foram (e são) marcadas por questões que envolvem reflexos de dominação? Será que é julgo deles a contribuição para a sua “não visibilidade” ou há uma forma equivocada de percepção desse povo entre os meios? Poderíamos aqui afirmar a existência de um oxímoro por estar nessa condição?

Foi possível perceber que as relações familiares apresentam uma solidez e, talvez, uma forma de se manterem unidos para dar continuidade às resistências que, de certa forma, foram impostas, fruto do preconceito e discriminação. Na sua condição de participantes na vida de indivíduos idosos, limitando aos que residem nessa comunidade e qual a sua interpretação de conceitos, destacando o de família nos dias de hoje.

O que mais se realçou foram os discursos dos entrevistados sobre a importância da família e do “ser cigano”. Segundo eles, conviver com os familiares idosos é um privilégio, uma maneira de ter viva a história dos ciganos em terras brasileiras, logo, a discussão da intergeracionalidade sob outro viés se faz presente, a questão do respeito de ambas as partes em aceitar o outro, mesmo não sendo discutida a questão intergeracional nessa tese.

Deparamo-nos com a situação de que a realidade é muito mais complexa do que aparenta ser e é compreendida pelo outro, os quais incluem o pensamento de que os ciganos, de fato, sofrem com os conceitos preestabelecidos, com seus obstáculos de vida que pode se caracterizar como uma espécie um “revés” da realidade que demonstra de pessoas idosas não ciganas.

Observamos que, nas entrevistas, houve situações em que ficou claro que, em alguns casos, a vida dos ciganos é “um constante desafio”. Ao tempo em que pode-se perceber que essa comunidade ofereceu uma espécie de lugar para acolher esse grupo étnico que, historicamente, peregrina pelo mundo.

Nos documentos coletados, foi possível observar a intensidade nos discursos de respostas pelos entrevistados em algumas situações, principalmente no que se refere às histórias de vida, isso resultou na riqueza e ao mesmo tempo, na preocupação de alguns detalhes em perguntas pontuais, pela inquietação que muitos

expressavam estar em lembrar coisas desagradáveis que fizeram parte das suas histórias de vida, principalmente com relação à sua própria etnia, em especial nos discursos das mulheres e jovens idosas ciganas.

Finalizamos, então, essa tese com o sentimento de estar inacabada, mas, afirmando que há uma espécie de “antagonismo” com relação a forma em que valorizam os idosos ciganos dentro seu contexto de vida e familiar de realidade étnica, comparando-se aos idosos não ciganos. Muitas coisas ainda precisam ser revistas, a necessidade emergente de tentar compreender a definição de papéis na sociedade, qual é de fato a importância do idoso dentro das relações sociais, de maneira a compreender que mesmo com a proteção da família, não há proteção do Estado nem da sociedade para oferecer os mínimos sociais aos ciganos. Finalmente, quem é o cigano para a sociedade em que vivemos? É uma grande pergunta que requer um estudo ainda mais aprofundado para encontrar respostas.

Mas, o que esperamos é as vozes desse povo continuem sendo visíveis e ouvidas, apreciadas, mais valorizadas, e que a fragilidade das relações humanas tão presentes nessa realidade não se intensifiquem ainda mais. A essência do ser humano pode ser esquecida se essa forma desgovernada de viver sem olhar as limitações do outro continuar, é necessário antes de mais nada, enxergar o outro enquanto ser humano.

Todo indivíduo vive um espetáculo, onde são protagonistas, mas ao mesmo tempo, não decidem que serão os roteiristas. Isso, sem dúvida, Bourdieu (2012) deixou claro em sua teoria destacada em todo processo teórico dessa pesquisa e que por sua vez, foi mostrada nas narrativas, ou seja, na prática propriamente dita, e os ciganos, sem dúvida estão no centro dessa problemática. Afinal, viva o povo cigano? Ou o cigano merece que sua condição na sociedade, como agente social, permaneça viva? Tais questões, representam, de fato, os “porquês” ainda a procura de respostas.

REFERÊNCIAS

- ADOLFO, C.M. Investigação em ciências sociais. **Revista Civitas**. Vol II, Ano XX, 2017. Disponível em [http://www.revcivitassociais.org.br//php??](http://www.revcivitassociais.org.br//php?) Acesso em 23 de out. 2020.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2018.
- BRASIL, A. **Sobre dados da Covid-19 no Brasil**. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.org.br//> Acesso em 6 de jan. 2021.
- BARROS, C.J. **Ciganos. Povo que peregrina**. Problemas Brasileiros, São Paulo, 2006.
- BARROS, C. J. **Uma vila cigana no sertão paraibano**. Problemas Brasileiros, São Paulo, 2010.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BECKER, H. S. **Outsiders**. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- BENEVIDES, P. **Estudos contemporâneos da subjetividade**. Rio Grande do Norte> s.ed., 2003.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, P. **Violência simbólica**. 1º Ed. Rio Grande do Sul: EDPUS, 2001.
- BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 9º Ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- BOURDIEU, P. **Sobre o Estado**. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRASIL. **Lei Federal nº 10.741**, 01 de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Brasília: DOU, 2003.
- BRASIL. **Portaria GM 19**, de 3 de janeiro de 2002. OMS. Disponível em: <http://ftp.rgesus.com.br/legislacoes/gm/8214-19.html?q=>. Acesso em: 6 ago. 2020.

BRASIL, **Projeto de Lei, n. 248**, de 10 de novembro de 2015. Estatuto do Cigano. Disponível em: [http:// www25senado.leg.br](http://www25senado.leg.br) – e cidadania. Acesso em 12 de dez. 2020.

BRASIL, Ministério Público Federal. – Povos Ciganos – Direitos e instrumentos para sua defesa. Disponível em: [http:// www.mpf.mp.br](http://www.mpf.mp.br). Acesso em 16 de dez. 2020.

BRITTO DA MOTTA, A.; DELGADO, J.; CAVALCANTI, V.R.S. Envelhecer no feminino. **Feminismos**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 62-65, maio-ago. 2018. Disponível em: www.feminismos.neim.ufba.br. Acesso em: 28 set. 2020.

BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAVALCANTI, V.R.S.; BARBOSA, C.F.; CALDEIRA, B. M. Ética do cuidar e relações de gênero? Práticas familiares e representações da divisão do tempo. **Estudos de Sociologia**, São Paulo, v. 17, p. 189-204, 2012. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4934>. Acesso em: 28 set. 2020.

CAPELLA, M. **Romani Dromá**. Caminhos Ciganos. 1º Ed. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2017.

CORTÉS, A. **A perspectiva do campo social de Bourdieu**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. Disponível em: <http://www.dppgufjf.com.br>. Acesso em 29 de out. 2020.

COSTA, E. M. **Ciganos em terras brasileiras**. Revista de História, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, nov. 2006.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DONATI, P. **Família no século XXI**: abordagem relacional. São Paulo: Paulinas, 2008.

ECO, U. **Interpretação e subinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL. **Sobre as etnias ciganas em território brasileiro**. Disponível em [http:// www.embaixadaciganadobrasilphilpenromani.org.br](http://www.embaixadaciganadobrasilphilpenromani.org.br). Acesso em 23 de nov. 2020.

FALEIROS, V. P. **Saber profissional e poder institucional**. 8º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. 12º Ed. São Paulo, Saraiva, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GUIMARÃES, P. & ALMEIDA, S.O. **Sobre ética e etnicidade**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Opes, 2010.

HAGHETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 5º ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. 14º Ed. São Paulo: Martins, 1998.

HUSSERL. E. **Investigações Lógicas**. Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento. 12º Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

IAMAMOTO, M, V. **Serviço Social na Contemporaneidade: Trabalho e Formação Profissional**, 9º Ed. Belo Horizonte: Cortez, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sobre os ciganos no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados quantitativos de ciganos no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 12 set. 2020.

JUNIOR, L. A. Os ciganos e o processo de exclusão. **Revista Brasileira de História**, v. 33, n. 66, dec. 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo d=26329836005>. Acesso em: 5 jul. 2020.

MARSIGLIA, L. **A saga cigana**. Super Interessante. São Paulo, 2018. Disponível no site: <http://super.abril.com.br/a-saga-cigana>. Acesso em 18 de dez. 2020.

MENESES, M.P. Processos identitários. *Revista Epistemologia do Sul*, 2009. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt> Acesso em: 5 de dez. 2020.

MINAYO, M.C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2009.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

MOONEN, F. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. 5º ed, 2013. Disponível em: <http://www.educadores.diadia.pr.gov.br>. Acesso em 7 de jan. 2021.

MOONEN, F. **As minorias ciganas e o direito**. João Pessoa: UFPB, 1994.

MOONEN, F. **A história esquecida dos ciganos no Brasil**. *Revista de História*, 2007. Disponível no site: <http://www.periodicos.ufpb.br>. Acesso em 09 de mar. 2020.

MOREIRA, L.V.; RABINOVICH, E.P. **Família e parentalidade: olhares da psicologia e da história**. Curitiba: Juruá, 2011.

MORIN, E. **A via para o futuro da humanidade**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga**: envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NERI, A. L. *et al.* **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

NERI, A. L. Questões geradas pela convivência com idosos: indicações para programas de suporte familiar. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 118-145.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. São Paulo: EDUSC, 2003.

RABINOVICH, E. P; MOREIRA, L.V & AZAMBUJA R.M. **Significado dos bisavós para crianças baianas**.In. Revista Cairós Gerontologia. Disponível em [http//revistas.pucsp.br](http://revistas.pucsp.br). Acesso em 15 de dez. 2020.

SACKS, O. **Vendo vozes**. Uma viagem ao mundo dos surdos. 8º Ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SALLES, V. **Quando falamos de família, de que família estamos falando?** Cadernos CRH, Salvador, 1992, p. 106-140.

SANTOS, M. A. **Idosos, família e cultura**. Um estudo sobre a construção do papel do cuidador. 3. ed. Campinas: Alínea, 2009.

SANTOS, B, S. **Direitos humanos**: o desafio da interculturalidade, Revista Direitos Humanos, 2009.

SARTI, C. **Famílias Enredadas**. In: ACOSTA et al. (Orgs.). **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. 5º ed. São Paulo: Ed. Cortez, PUC/SP, 2017.

SARTRE, J.P. **O existencialismo é um humanismo**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Vozes de Bolso, 1997.

TEIXEIRA, R. C. **Correrias de ciganos pelo território mineiro**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2009. Disponível em: <http://www.ppgsus.com.br//pph?23382>. Acesso em: 18 nov. 2020.

TEIXEIRA, R. C. **Ciganos no Brasil. Uma breve história**. Belo Horizonte: Crisálida, 2015.

TOSCANO, M. **O corpo de um general cigano**: trajetória de um projeto sobre visibilidade cigana no Colégio Militar de Salvador. In: **Discriminação e Racismo nas Américas. Um problema de Justiça, Equidade e Direitos Humanos**. 1º Ed. Curitiba: Editora CRV, 2016.

VANELLI, M. **Nomandismo cigano**: migração dos excluídos. Chapecó: Corisco, 2019.

VANELLI, M. **Ciganos e direitos humanos**. Chapecó: Corisco, 2010.

VILLADRICH, P. J. Conferência “o relacionamento conjugal”. In: **Anais do Congresso Nacional da Família**. Roma, 1987.

VOLTAIRE, **Tratado sobre a tolerância**. 12^o Ed. São Paulo. Lafonte, 2000.

WILLIAM, R. F. **Práticas cotidianas sociais**. Questão de ciências sociais, 2010. Disponível em: [http:// www.obdiretoriuurfb.br// pggb?](http://www.obdiretoriuurfb.br/pggb?) Acesso em 14 de ago. 2020

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) participar, como voluntário (a), de uma pesquisa intitulada: **“Quando as vozes se tornam visíveis: o panorama de vida de pessoas idosas em comunidades ciganas”**, que será desenvolvida por Jeane da Silva Ramos, em investigação de doutorado do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Família na Sociedade Contemporânea.

O objetivo principal da pesquisa é analisar histórias de vidas e representatividades de pessoas idosas (acima de 60 anos), de ambos os sexos, e jovens (a partir de 18 anos) que fazem parte de famílias ciganas da Comunidade “x”, territorializada no Município de Penedo, Estado de Alagoas, pesquisando de forma processual a vida desses idosos dentro do contexto familiar, na tentativa de compreender essa dinâmica, além da valorização, respeito e poder de escuta no que se refere aos outros membros de sua prole. Sua participação consistirá em ser entrevistado(a), com base em questões relacionadas ao tema.

Como as comunidades tradicionais, principalmente de ciganos, perpassam por situações delicadas, oriundas da questão cultural de interpretação e denominação a esse grupo, pode haver possíveis desconfortos ao relatar sobre sua realidade e condição de vida nessa comunidade, além da questão do “ser cigano”. Por isso, o(a) sr. (a) terá todo suporte psicológico do profissional o qual encontra-se capacitado para atender a essa demanda, se porventura necessitar.

Para garantir a proteção, haverá o cuidado em manter a privacidade na entrevista e ofertar o amparo psicológico ou assistencial, caso necessário, com profissional especializado.

Mapear as relações humanas, culturais, históricas, antropológicas e problemáticas sociais, mostrando seu panorama de vida e a valorização dos mais velhos nas famílias ciganas, além de narrativas ao longo do quadriênio 2017 e 2021.

Sua participação consistirá em ser entrevistado (a), com base em um roteiro que contém perguntas relacionadas ao tema estudado. Para garantir a proteção emocional e psicológica dos participantes, haverá o cuidado em manter a privacidade no momento da entrevista e ofertar o amparo psicológico ou assistencial, em consonância com a anuência institucional, oferecido pelo psicólogo XXXXX

Os benefícios apresentados, de fato, apenas limitaram-se à comunidade acadêmica. Mas, como comunidade agrafa, além de registro e divulgação de experiências relacionais (comunitárias, familiares e pessoais), compor acervo descritivo sobre comunidades tradicionais, ribeirinhas, quilombolas e ciganas é uma maneira de dar visibilidade, criar registros escritos e análises para possíveis ações em políticas sociais em seu tripé (educação, saúde e assistência social). Assim, um dos benefícios almejados é dar visibilidade às condições de vida da comunidade pesquisada, na tentativa de desconstruir alguns conceitos preestabelecidos relacionados ao povo cigano e que resulta em processos de discriminação, vulnerabilidades e exclusão, possibilitando assim, tornar “essas vozes visíveis e nomeadas”. Outro benefício consiste na ampliação do conhecimento sobre comunidades ciganas e divulgação de saberes e experiências relacionais.

1. Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o(a) senhor(a) poderá deixar de respondê-la, sem qualquer prejuízo, sendo devolvidas anotações até então realizadas;

2. As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos-acadêmicos e que sua identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato e confidencialidade, preservando e mantendo total confidencialidade e sigilo quanto à identidade, processo e relações de intimidade;

3. Sua participação não lhe causará nenhum custo financeiro e nenhum ônus;

4. Essa pesquisa está em conformidade com a Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP.

A entrevista será semiestruturada, realizada a partir de roteiro orientador de caráter parcial – não fechado – e observando as relações e vivências narradas e podem ser captadas em mais de uma sessão, caso seja necessário (prevista para realização em aproximadamente 60 minutos, excetuando-se o tempo para leitura e explicação deste Termo).

Será configurado como técnica-método de abordagem dialógica, a ferramenta de plataforma de comunicação (via telefone), uma vez que, por ser uma comunidade com poucos recursos no âmbito geral, há dificuldades de manuseio sob plataformas digitais.

Outro fator de suma importância está no acesso deste documento para apreciação e assinatura dos participantes. Pela questão do distanciamento social decorrente da emergência sanitária, reflexo da pandemia da Covid – 19, serão remetidos à comunidade via Sedex – Correios com “AR” (aviso de recebimento), em tempo hábil para devolutiva, salientando que não haverá nenhum ônus aos participantes.

O documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o(a) senhor(a) e a outra com a pesquisadora. Caso desista da entrevista, a pesquisadora assumirá a responsabilidade de interromper e excluir os dados coletados até o momento da declaração de não anuência. O benefício de sua participação consiste na ampliação do conhecimento etnia, direitos humanos, família e relações sociais, originando resultados parciais e finais caracterizados pela produção e difusão de conhecimento em nível do doutorado acadêmico. Além disso, compor acervo descritivo sobre comunidades tradicionais, ribeirinhas, quilombolas e ciganas é uma maneira de dar visibilidade, criar registros escritos e análises para possíveis ações em políticas sociais em seu tripé (educação, saúde e assistência social).

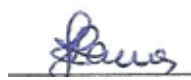
Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora, poderá entrar em contato por meio do endereço/telefone:

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba, CEP: 40.231-902. Comitê de ética da UCSAL, tel.32038913 para melhores esclarecimentos caso necessário.

Eu, _____,
Portador(a) do R.G. _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, em qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa. Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa e concordo em participar espontaneamente.

Salvador, ____/____/2021.

Assinatura do(a) participante


Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

LEVANTAMENTO DE DADOS PARA CONSTRUÇÃO DE PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO A PARTIR DE ANÁLISE DOCUMENTAL

1. IDENTIFICAÇÃO (INDIVIDUAL – IDOSOS E JOVENS)

HOMEM	
Idade:	Naturalidade:
Cor/etnia: <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Preta/parda <input type="checkbox"/> Cigano – Calon <input type="checkbox"/> Cigano – Sinti	
Escolaridade: <input type="checkbox"/> Fund. Completo <input type="checkbox"/> Fund. Incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto <input type="checkbox"/> Superior Completo <input type="checkbox"/> Superior incompleto Outros:	
Religião: Praticante? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Ocupação/Profissão:
Renda per capita: <input type="checkbox"/> Não tem <input type="checkbox"/> Até 1 S. M <input type="checkbox"/> De 2 a 3 S.M <input type="checkbox"/> 3 a 4 S.M <input type="checkbox"/> 4 a 5 S.M <input type="checkbox"/> Acima de 5 S.M	

MULHER	
Idade:	Naturalidade:
Cor/etnia: <input type="checkbox"/> Cigana – Calon <input type="checkbox"/> Cigana – Sinti	
Escolaridade: <input type="checkbox"/> Fund. Completo <input type="checkbox"/> Fund. Incompleto <input type="checkbox"/> Médio completo <input type="checkbox"/> Médio incompleto <input type="checkbox"/> Superior Completo <input type="checkbox"/> Superior incompleto Outros:	
Religião: Praticante? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Ocupação/Profissão:

Renda per capita:

Não tem Até 1 S. M De 2 a 3 S.M 3 a 4 S.M 4 a 5 S.M Acima de 5 S.M

2. CONTEXTOS FAMILIARES E SOCIAIS**Nome da comunidade:****Local domicílio:**

Rural Urbana Casa Barracões

Condição/Estado civil:

Casamento União Estável Viúvo (a)

Composição Familiar:

Sexo	Idade	Escolaridade

Possui filhos/as: Não Sim

Quantos? _____

Cônjuges possuem filhos de outra relação? Não Sim **Quantos?** _____

Com quem vive atualmente? (Homem)

Sozinho Companheira/esposa Com filhos Outros familiares
Outros: _____

Com quem vive atualmente? (Mulher)

Sozinha Companheiro/esposo Com filhos Outros familiares
Outros: _____

Renda Familiar (conjunta):**Nº de pessoas que residem na casa:****Condições de moradia:****Nº Cômodos:**

Própria Alugada Cedida

3. CARACTERÍSTICAS PROCESSUAIS/TRADIÇÕES CIGANAS

<p>Mantém o casamento da tradição cigana? (homem e mulher)</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Se sim, descrever:</p>
<p>Qual o seu papel mais importante na família? (Homem e mulher)</p> <p>Descrever:</p> <p>Como você enxerga os ciganos na sociedade atualmente? (homem e mulher)</p>
<p>Você já sofreu algum tipo de violência intrafamiliar? (homem e mulher)</p>
<p>Você já sofreu algum tipo de preconceito e/ ou discriminação por parte dos não ciganos? Se sim, relate. (homem e mulher)</p>
<p>Você acredita que os direitos de acessibilidade dos ciganos são postos em prática nos dias de hoje? (homem e mulher).</p>
<p>A história que se é contada dos ciganos pela sociedade é verdadeira? Fale um pouco sobre isso (homem e mulher)</p>
<p>A forma em que o homem cigano é visto atualmente na sociedade difere da forma em que era visto antes?</p> <p>A forma em que a mulher cigana é vista atualmente na sociedade difere da forma em que era visto antes?</p>
<p>Qual a mensagem que gostaria de deixar para a sociedade com relação ao povo cigano? (homem e mulher).</p>

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DE ANTIPLÁGIO

Eu, Jeane da Silva Ramos, matrícula 098059564 e estudante do curso do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, **declaro** que o trabalho em versão impressa e digital apresentado é componente parcial da avaliação de (doutorado), compondo-se de pesquisa original, ademais de confirmar que todas as citações e as referências, bem como uso de dados primários e secundários (quando existentes) estão corretamente identificadas. Tal procedimento indica autoria e responsabilidades para os devidos fins e efeitos, podendo ser incluído como prova junto à UCSAL.

Declaro que o material é original, resultado da investigação realizada por mim e que a utilização de contribuições ou textos de autores alheios estão devidamente referenciadas, obedecendo aos princípios e regras dos Direitos de Autor e Direitos Conexos.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta ética e disciplinar, sendo informadas no Regimento Interno da Pós-Graduação dessa instituição.

Salvador, fevereiro de 2021.

Jeane da Silva Ramos

APÊNDICE D – DECLARAÇÃO PSICÓLOGO**DECLARAÇÃO**

Eu, **XXXXXX**, psicólogo, inscrito no **CRP/BA sob o XXXXXX**, declaro para os devidos fins que estarei disponível para prestar total suporte psicológico, a qualquer tempo, sem onerar a/o participante, caso seja necessário, para as/os participantes envolvidas/os na pesquisa realizada pela doutoranda **Jeane da Silva Ramos** (<http://lattes.cnpq.br/9968445127189982>), cuja a investigação intitula-se **“Quando as vozes se tornam visíveis: o panorama de vida de pessoas idosas em comunidades ciganas”**. Tal projeto está vinculado ao Programa de Pós- Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador e orientado pela Profa. Dra. Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti (<http://lattes.cnpq.br/6538283866214716>).

Subscrevo-me.

Salvador, 03 de novembro de 2020.

XXXXXX

Psicólogo, XXXXX

ANEXO A

PROJETO DE LEI DO SENADO Nº, DE 2015 Cria o Estatuto do Cigano. O CONGRESSO NACIONAL decreta:

TÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto do Cigano, para garantir à população cigana a igualdade de oportunidades. Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se:

I – população cigana: o conjunto de pessoas que se autodeclaram ciganas, ou que adotam autodefinição análoga;

II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

III – políticas públicas: as ações, iniciativas e programas adotados pelo Estado no cumprimento de suas atribuições institucionais;

IV – ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades.

Art. 2º É dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais. SF/15304.92438-15

Art. 3º A participação da população cigana, em condição de igualdade de oportunidades, na vida econômica, social, política e cultural do País será promovida, prioritariamente, por meio de:

I – inclusão nas políticas públicas de desenvolvimento econômico e social;

II – adoção de medidas, programas e políticas de ação afirmativa; III – promoção do combate à discriminação.

TÍTULO II DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 4º A população cigana, sem distinção de gênero, tem direito à educação básica, conforme disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e à participação nas atividades educacionais, culturais e esportivas adequadas a seus interesses, providas tanto pelo poder público quanto por particulares.

CAPÍTULO II DA EDUCAÇÃO

Art. 5º O poder público promoverá:

I – o incentivo à educação básica da população cigana, sem distinção de gênero;

II – o apoio à educação da população cigana por meio de entidades públicas e privadas; III – a criação de espaços para a disseminação da cultura da população cigana.

Art. 6º Fica assegurada à criança e ao adolescente ciganos o direito previsto no art. 29 da Lei nº 6.533, de 24 de maio de 1978.

Art. 7º Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, é obrigatório o estudo da história geral da população cigana, observado o disposto na Lei nº 9.394, de 1996. SF/15304.92438-15
CAPÍTULO III DA CULTURA

Art. 8º As línguas ciganas constituem bem cultural de natureza imaterial. Art. 9º Fica assegurado à população cigana o direito à preservação de seu patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, e sua continuação como povo formador da história do Brasil.

CAPÍTULO IV DA SAÚDE

Art. 10. Fica assegurado o atendimento na rede pública de saúde ao cigano que não for civilmente identificado.

Art. 11. O poder público promoverá políticas públicas para a população cigana, a fim de promover: I – o acesso ao Sistema Único de Saúde;

II – o combate a doenças;

III – o acesso a medicamentos;

I

V – o planejamento familiar;

V – o acompanhamento pré-natal;

VI – o tratamento dentário;

VII – o amparo à criança, ao adolescente, ao idoso e à pessoa com deficiência;

VIII – a orientação sobre drogas.

CAPÍTULO V DO ACESSO À TERRA

Art. 12. O poder público elaborará políticas públicas voltadas para a promoção do acesso da população cigana à terra e às atividades produtivas no campo. SF/15304.92438-15

CAPÍTULO VI DA MORADIA

Art. 13. O poder público elaborará políticas públicas para assegurar a moradia adequada à população cigana, respeitadas suas particularidades culturais. Parágrafo

único. Os ranchos e acampamentos são partes da cultura e tradição da população cigana, configurando-se asilo inviolável.

CAPÍTULO VII DO TRABALHO

Art. 14. O poder público promoverá ações afirmativas que assegurem o acesso ao mercado de trabalho da população cigana, observando os compromissos assumidos pelo Brasil ao ratificar a Convenção nº 111, de 1958, da Organização Internacional do Trabalho, que trata da discriminação no emprego e na profissão.

§ 1º O poder público promoverá oficinas de profissionalização e incentivará empresas e organizações privadas a contratar ciganos recém-formados.

§ 2º O poder público incentivará e orientará a população cigana sobre o acesso ao crédito para a pequena e a média produção, nos meios rural e urbano.

TÍTULO III DA PROMOÇÃO DA IGUALDADE

Art. 15. Fica o Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial responsável pela organização e articulação do conjunto de políticas e serviços destinados a superar as desigualdades vivenciadas pelos ciganos no País, prestados pelo poder público federal.

Art. 16. O poder público adotará programas de ação afirmativa em favor da população cigana. SF/15304.92438-15

TÍTULO IV DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 17. Serão recolhidos, periodicamente, dados demográficos sobre a população cigana no Brasil, destinados a subsidiar a elaboração de políticas públicas de seu interesse. Art. 18. O § 2º do art. 46 da Lei 6.015, de 31 de dezembro de 1973, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 46.
 § 2º Será

dispensada de pagamento de multa a parte pobre (art. 30) e o cigano.
..... (NR)” Art. 19. Esta
Lei entra em vigor após decorridos noventa dias de sua publicação oficial.
JUSTIFICAÇÃO Vive-se hoje a época de disseminada proteção jurídica

CRÉDITOS DA AUTORA

Advinda de uma família de ciganos – *Sinti* de origem espanhola que se instalaram no interior de Alagoas, no início do século XX, perpasssei por processos de influências múltiplas, contudo, sempre há algo na vida que nos serve de referência, essa por sua vez foi minha avó paterna Dona Nilce, cigana sábia, dominadora do Romani (língua falada pelos ciganos) e exemplo de mulher.

Com seus olhos “verde esmeralda” e seus cabelos negros como a escuridão da noite, sempre fixava o seu olhar no meu e dizia para ter sempre força diante das adversidades da vida. Perguntava, quando criança, o que significava a palavra “adversidade”, afirmava que ainda não era o momento de saber, mas que um dia, mesmo na sua ausência, iria entender e lembrar-me do que ela dizia, assim foi.

Entretanto, mesmo tendo minha avó como grande referência, inclusive sobre a minha etnia, tive que renegar minhas origens por um considerável tempo de minha vida, por diversas razões. Todavia, resolvi com toda força assumi-la, pois, percebi que ela me norteou e me norteia na vida, no sentido amplo da palavra.

Hoje, sou militante na defesa dessa minoria étnica, assistente social de formação e atuação profissional há mais de uma década, sou especialista em Gerontologia, Mestre e Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Sou mulher, cigana, militante, mãe, profissional atuante e acima de tudo, pessoa que enxerga a vida não sobre os olhos de outrem, mas pelos meus, por saber que todos somos cidadão de direito, que merecem respeito e dignidade.

Link do Curriculum Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/9968445127189982>